

Biomas do Brasil:

da exploração à convivência

Ivo Poletto



Autor

Ivo Poletto

Revisão

Antônio Canuto

Renato Thiel

Projeto Gráfico e Diagramação

André Poletto

Apoio

Centro de Assessoria e Apoio a Iniciativas Sociais - CAIS

Comissão Pastoral da Terra - CPT

Conselho Nacional de Igrejas Cristãs - CONIC

Fórum de Mudanças Climáticas e Justiça Social - FMCJS

Pastorais Sociais - CNBB

FICHA CATALOGRÁFICA

Biomias do Brasil: da exploração à convivência - Ivo Poletto -
Brasília - Brasil, 2017

Índice para catálogo sistemático:

1. Biomias do Brasil

O conteúdo desta publicação é de exclusiva responsabilidade de seu autor, não devendo ser tomado como expressão dos pontos de vista das instituições parceiras ou apoiadoras financeiras.

O texto deste livro pode ser utilizado livremente, mas é vedada sua impressão gráfica, mesmo de uma parte dele, sem prévia consulta ao autor (pelo e-mail ivopoletto@uol.com.br ou celular 62 98111 2098).

Apresentação	5
Introdução	7
I – Brasil: por que 1 é igual a 7?	9
II – Mata Atlântica: quando 100 viram 7	21
III – Amazônia: onde estão as florestas e as águas?	33
IV – Onde está a terra dos povos da claridade?	55
V – Um Pantanal sem água?	69
VI – Caatinga: um sertão chuvoso pode ser seco?	81
VII – O Pampa gaúcho e platino	95
VIII - Riqueza e fragilidade da Zona Costeira	105
IX – O Brasil que este grupo quer	117



Apresentação

Foi motivo de alegria a notícia de que a CNBB assumiu os Biomias do Brasil como temática da Campanha da Fraternidade de 2017. De certa forma ela já o fizera ao propor a Amazônia como tema de uma CF, mas agora o convite pascal é o de ligar a prática da fraternidade com todos os biomias do Brasil.

O texto que estou disponibilizando via internet foi elaborado e revisado durante alguns anos. Seu objetivo é de criar oportunidade para que mais pessoas pudessem conhecer melhor o Brasil, e conhecê-lo a partir da história da Terra. Os primeiros seres humanos que chegaram aqui já encontraram diferentes “jardins” em que podiam viver. Quem os criou foi a mãe Terra, com a presença do Espírito criador, e não os seres humanos. O que estes fizeram em cada “jardim” é o conteúdo da história humana, com suas engenhosidades e contradições.

Como verão na leitura do livro *Biomias do Brasil: da exploração à convivência*, a melhor tradução popular do substantivo bioma é berço de vida. E o território brasileiro foi contemplado com sete diferentes berços de vida — sete biomias. Tenho consciência de que o texto-base da CF preferiu assumir que só existem seis — Caatinga, Cerrado, Amazônia, Pantanal, Mata Atlântica e Pampa —, mas prefiro avançar junto com os estudiosos que consideraram necessário destacar as diferenças existentes entre a Mata Atlântica e a Zona Costeira. Por isso, tudo que constitui a Zona Costeira, incluídos, evidentemente, os seus povos, é o sétimo bioma brasileiro.

Ao desejar que se conheça melhor o Brasil, a proposta do livro é que ele seja pensado, ou repensado, a partir dos diferentes biomias, a partir das diferentes histórias humanas nos sete biomias que constituem o seu território. Esse é, evidentemente, um imenso desafio, já que todas as pessoas foram educadas a partir da ilusão de que essas diferenças não existem, não são importantes. Ao encarar o caminho contrário a essa visão será possível dar-se conta das violências que os seres humanos fizeram aos diferentes berços de vida por não levarem a sério suas especificidades, potencialidades e fragilidades.

Espero que este livro, disponibilizado gratuitamente, abra oportunidades para novas maneiras de pensar o presente e o futuro do nosso país, e especialmente para os mais novos, os jovens. O texto pode ser lido no seu conjunto, mas pode também servir para uma reflexão específica sobre cada bioma. Comentários e sugestões serão muito bem acolhidos.

Agradeço à CNBB-Pastorais Sociais, ao Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), à Comissão Pastoral da Terra (CPT), ao Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Social (FMCJS) e ao Centro de Assessoria e Apoio a Iniciativas Sociais (CAIS) o apoio que tornou possível esta publicação.

Dedico este livro aos Povos Indígenas, aos Quilombolas, às Comunidades Tradicionais, às Mulheres e às pessoas e comunidades que cuidam dos seus biomas com amor.

Brasília, 8 de fevereiro de 2017 – Dia Internacional da Mulher.

Introdução

Tempo maravilhoso, o nosso, o do terceiro milênio da era cristã – e quinto milênio da era Aymara. Tudo entra e até parece que acontece dentro da casa da gente. Mais raras, infelizmente, as boas práticas, que alegram, inspiram e entusiasмам. Às vezes a realidade vem misturada com imagens de terrível terremoto ou tsunami, com muitas mortes, com as da solidariedade que salva mais uma vida, de uma mulher grávida. Tempo terrível o nosso, nos primeiros anos do terceiro milênio. Estão dentro de nossas casas as imagens que mostram que a humanidade foi capaz de criar, num mesmo processo, riqueza e luxo para poucos e miséria para a maioria, e imagens que provam como nosso Planeta está mudando. Ele está com febre, com temperatura mais alta a cada dia. O gelo das altas montanhas e das calotas polares está derretendo. Quando se fala que os mares vão subir trinta ou mais centímetros, surpreendemo-nos fazendo cálculos: será que vai chegar até nossa casa?!

Este livro, “Biomias do Brasil: da exploração à convivência”, quer ser uma oportunidade para muitas pessoas conhecerem melhor, e de um jeito diferente, o Brasil; e, ao mesmo tempo, para conhecerem melhor o Planeta Terra e, quem sabe, reaprenderem a viver nele.

Quem dialoga com você através deste livro é, de certa forma, um brasileiro privilegiado. Conhece todas as regiões do país diretamente, andando por elas, e não apenas por meio de estudos. Nasceu no Sul, mas passou a viver na região central, em Goiás, há muitos anos. E aqui entra o que, talvez, não o faça um privilegiado como o são os mais ricos, que podem passear por todas as regiões, quando têm interesse; o que o levou a conhecer todo o país foi seu trabalho; mais do que isso, um trabalho que assumiu como sua missão. Desde 1975 foi convidado a ser o primeiro secretário da Comissão Pastoral da Terra, recém-criada. O serviço em favor dos povos ligados à terra, que têm direito e precisam de sua democratização como o deserto precisa de chuva, foi o que o levou a ir conhecendo todas as regiões do Brasil. E

pelo interior, não pelas capitais. Depois, já em outras missões, aprofundou ainda mais a relação com os povos dos sete biomas brasileiros.

Chegou a hora de partilhar o muito que foi aprendendo. Nas palavras, escolhidas como forma de comunicação, vejam, amigas e amigos leitores, conhecimentos de muitas pessoas. De estudiosos, cientistas, claro, mas também, e talvez principalmente, de homens e mulheres de povos indígenas, de comunidades quilombolas, de ribeirinhos, seringueiros, posseiros, meeiros, foreiros, peões, sem-terra, quebradeiras de coco babaçu, membros de comunidades camponesas, de sindicatos, de associações, de cooperativas. O que está escrito é responsabilidade do autor, não pode ser cobrado de ninguém. Mas ele agradece aos muitos mestres e mestras com quem compartilhou a geração de conhecimentos, com quem viveu a aventura da luta pela vida, pela terra e água, pela justiça e liberdade.

Façam bom proveito!



I

Brasil: por que 1 é igual a 7?



A curiosidade

— Tio Pedro, tio Pedro, onde está você?

A pergunta, feita por Aninha em voz bem alta, não contava ouvir resposta. Ela sabia onde ele estava. O grito era seu jeito de avisar que estava chegando. A curiosidade era tanta que nem se deu ao trabalho de mudar de roupa. Tomara a decisão de falar com tio Pedro ainda na escola. Professora Amália começou a falar da história do Brasil, mas Ana sentiu dificuldade de acompanhar sua fala. Pulou logo para o ano mil e quinhentos e disse que uns portugueses descobriram a nossa terra, e que foram eles que deram o nome de Brasil. Disse também que havia um rei em Portugal, e que todo o Brasil passou para as mãos dele. A imaginação de Ana tentou, tentou, mas não conseguia criar imagens capazes de dar vida àquelas informações. Decidiu, então, falar com tio Pedro sobre essa história. Confiava na sabedoria dele; ele sempre a ajudava a compreender bem o que outros deixavam complicado.

Pedro ouvira o quase-grito de Aninha. Não respondeu porque sabia não ser necessário. Conhecia sua neta – ela o chamava tio por intimidade – e sabia que ela estava apenas anunciando sua chegada. Como de hábito nos fins de tarde, estava sentado no tronco seco de mangueira, à sombra do abacateiro. Gostava de ficar espiando a nova mangueira, medindo com os olhos quanto crescia a cada dia. Olhos fitos na paisagem, pensamento, imaginação, memória libertos: esse era seu modo de curtir a vida, longa vida, na verdade: já beirava os setenta anos.

— Licença, tio! Estou atrapalhando seus pensamentos?

— Nada disso, Aninha. Os pensamentos já tiveram muito tempo para andar soltos por aí. Sua vinda foi recolhendo quase todos eles, e agora estou aqui, todo seu.

— Que bom! Estou mesmo precisando deles. Você topa falar um pouco sobre um assunto que a professora Amália começou hoje, e eu não entendi quase nada?

— Se souber, será um prazer. Qual o assunto?

— Vai ser sopa pra você, tio. O que preciso conhecer é o Brasil, a história do Brasil. É que...

E Ana resumiu o que nós já sabemos. No final, perguntou:

— E então, como é que você pode me ajudar a entender bem qual é a história do Brasil?

— Fazendo do meu jeito. Só que vai demorar um bocado porque o assunto é complicado, e a história, longa. E ainda assim, de começo ficaremos com uma visão mais geral, mas que a gente pode aprofundar na medida do seu interesse.

— Espera aí, tio. Ocorreu-me a ideia de convidar alguns dos meus amigos e amigas para fazer esse caminho junto com a gente. Você concorda?

— Mas é claro que concordo. Veja lá de chamar gente interessada, certo?

— Que bom, tio! Tenho certeza que a turma vai adorar.

Combinada a hora para o dia seguinte, os dois ficaram trocando ideias e brincando até que os raios do sol foram se despedindo. Num momento, tio Pedro mostrou um dedo e perguntou:

— Quantos dedos você vê?

— Um — respondeu Ana.

— E agora?

— Sete — disse prontamente ela.

— Pois esse será o tema de nossa conversa amanhã: “de como 1 vira 7”.

Aninha não entendeu. Dormiu com a curiosidade acesa, depois de fazer mentalmente a lista dos convidados.

A visão

Pedro teve um dia agitado. Não sabia com quantos colegas Aninha chegaria. Lembrou que todos deveriam ter, mais ou menos, a idade dela. Como despertar interesse num grupo de adolescentes?

Cuidou primeiro da arrumação do lugar. Para quantas pessoas? Decidiu que era bom pensar num grupo de oito pessoas. Sentindo que o tempo continuaria aberto, arrumou os assentos perto do seu lugar preferido de contemplação e reflexão: o tronco seco de mangueira. Com sombra garantida, este era o lugar quase perfeito para o grupo experimentar o caminho que decidira propor.

O resto das horas foi dedicado à preparação do que iria fazer com o grupo. Depois de idas e vindas, achou que o melhor seria começar da maneira mais simples de comunicação: a palavra. O importante é que aconteça o diálogo, a busca interessada, a satisfação da curiosidade.

A algazarra dos chegantes foi o sinal de que se aproximava o começo dessa aventura. Pedro desejou, lá no mais fundo de seu coração, que fosse uma aventura gostosa. E pediu, num momento de concentração, que os espíritos do universo e o Espírito de Deus o iluminassem.

— Boa tarde, tio Pedro! — foi logo dizendo Ana. Boa tarde — repetiram os demais.

— Boa tarde também para você e seus amigos e amigas!

— Vamos logo apresentando a turma: Lucas, Andreia, Laura, Paulo e Francisco.

A cada nome, sorrisos, brincadeiras. Sinal de que se conhecem bem e são amigos, pensou Pedro. E bom que sejam seis, contando Ana; vai ajudar na animação da aventura.

— Bem, tio Pedro, este é o grupo que topou pensar sobre o Brasil com você. Vamos começar?

— Vamos lá — falou Pedro, depois de ver que todos se acomodaram e

tinham o rosto voltado para ele. Por que a gente fala em História?

— Para contar a vida de alguém — respondeu espontaneamente Lucas, talvez o mais espontâneo do grupo.

— É isso mesmo?

— Bem, pode ser também para recordar o caminho feito para se chegar aos carros de hoje.

— Ou dos computadores.

— Ou dos filmes...

— É isso mesmo. Fala-se de história quando se relembra, se retoma o caminho feito por alguém ou por algum tipo de conhecimento para chegar ao que é hoje. Neste sentido, o carro, ou o computador, ou o filme não tem história; o que se pode contar, ou recordar, é a história dos conhecimentos, das artes e do trabalho que se transformaram em carros, computadores, filmes. Nosso interesse, então, é descobrir como e quando foi que aquela pessoa ou conhecimento começou, nasceu. Depois, o que aconteceu desde o seu nascimento até a situação atual. Pelo que vejo, estamos todos de acordo com isso. Então, para que a história do Brasil seja interessante, precisamos partir do que ele é hoje. É o que fazemos quando festejamos um aniversário: nos alegramos com a vida atual da pessoa amada e, por isso, achamos bom lembrar quando ela nasceu, recordar sua história. E quando algum amigo ou amiga não está bem, a gente não fica procurando, nas horas, nos dias ou nos anos que se passaram, o que estaria causando aquela tristeza, desânimo, depressão? Por isso, vamos começar por esta pergunta: como vemos o Brasil de hoje? Para vocês, é ele uma realidade só, em que todas as pessoas são iguais?

Depois de um breve silêncio, as primeiras respostas:

— É, aqui se fala a mesma língua.

— Não existem regiões separadas; todos fazem parte de um único país.

— Nem separação racial existe; todos são reconhecidos e têm os mesmos direitos.

— Bem, existem alguns índios... Mas muitos deles já se fizeram brasileiros.

— Oba, vamos dar uma parada aqui — sugeriu Pedro. Quer dizer que existem índios no Brasil, e que alguns deles não são brasileiros?

— É, parece que alguns ainda não são registrados, não falam o português e vivem isolados, sem querer fazer parte do Brasil.

— Eu sei que vocês falam desse jeito porque muita gente pensa assim. Vocês aprenderam isso dos outros. Mas esta não é uma visão correta e verdadeira. De fato, a maioria das pessoas pensa o Brasil como uma unidade, ou melhor, como uma unicidade: uma única língua, uma lei para todos, a mesma cultura, um território unido por causa da ação de um só Estado, com governos, juízes, legisladores. Esta é a visão comum, a ideia comum que fazemos de nós mesmos. Somos educados nessa visão. Tanto é que temos dificuldade, e até medo, de reconhecer as diferenças, os diferentes. É difícil, mas a gente precisa começar a olhar o país de outro jeito. É possível, então, que a visão da gente mude; que se comece a ver que essas unidades têm origem em muitas imposições. Só para dar um exemplo: até 1757, mais de duzentos e cinquenta anos depois da chegada dos portugueses por aqui, a língua mais geral era o Tupi; o português foi imposto como língua geral pelo Marquês de Pombal, em nome do Rei de Portugal.

— Que legal! A gente podia estar falando outra língua, e indígena. Na verdade, eu ouvi que há, ainda, muitas outras línguas faladas no Brasil. É verdade?

— É, sim, Aninha. No Brasil há pouco mais do que 240 povos indígenas¹ — é mais correto chamá-los “povos ancestrais”, no sentido de que existem há muito tempo aqui, muito antes da chegada dos portugueses. E são faladas mais de 170 diferentes línguas. Só pelo fato de serem povos com pequeno número de membros, não podem ser desconhecidos; são pequenos por causa da violência que os atingiu. Veremos isso com calma. O que gostaria de colocar em debate agora é o seguinte: se a gente olha o território brasileiro, dá para dizer que é um só?

1 Instituto Socioambiental, ISA, em artigo publicado em <https://pib.socioambiental.org/pt/c/0/1/2/populacao-indigena-no-brasil>

— Mesmo começando a duvidar, ainda acho que é um só.

— Aí está um dos limites, Andreia, um dos defeitos da visão que nos foi passada do Brasil. Ao olhar o território, a gente precisa perguntar-se pela história da Terra. Ela é um ser vivo, e não uma coisa, uma natureza morta, de onde se tira madeira, minérios, petróleo, carvão, gás e outras coisas para serem transformadas em mercadorias. Ela é viva e fonte de vida. Até nós mesmos somos filhos dela. Todas as formas de vida conhecidas por nós nasceram a partir dela. Ela é, então, mãe da vida, Mãe Terra, Pachamama, como a chamam carinhosamente os Povos Ancestrais/Indígenas das Américas.

— O que tem a ver a história da Terra com o Brasil? Não são duas coisas diferentes? — insistiu Andréia.

— São duas histórias diferentes. Mas uma está ligada à outra. A mais longa é a história da Terra. A do Brasil é uma parte daquela. Faz parte da história da Terra tudo que ela fez para que pudessem existir seres vivos por aqui. Mesmo sendo um pequeno planeta do sistema solar, ela é bastante grande. Cada pessoa acha que ela é toda parecida com a sua região; em nosso caso, imaginamos que toda a Terra é parecida com o Planalto Central, em que vivemos. Mas ela não é assim. Na verdade, da sua história nasceram regiões muito diferentes. Em algumas faz frio, em outras, calor; existem regiões sempre geladas, outras em que faz frio num tempo do ano, mas faz calor em outro. Algumas regiões são mais secas do que outras. Existem regiões com altas montanhas, e muitas, formando cordilheiras; outras são planas, podendo estar perto do nível das águas dos mares ou em lugares mais altos. Em resumo, num país extenso como o Brasil, podem existir regiões com território muito diferente. Se olharmos o Brasil a partir da história da Terra, quantas serão as diferentes regiões?

— Será que esta é a charada que você deixou na minha cachola ontem, tio Pedro? — perguntou Ana. Ele me perguntou, pessoal, como é que 1 vira 7? Fiquei pensando, mas não consegui resposta. Agora, estou achando que o Brasil, que seria o 1, vira 7 quando se leva em conta a história da Terra. É isso, tio?

— O que vocês acham? — perguntou Pedro aos colegas de Ana.

Os olhos se cruzaram, curiosos. Os risos indicavam dúvidas. Depois de um silêncio que pareceu longo para todos, Laura arriscou:

— Estou achando que a Aninha começou a matar a charada. Mas não me perguntem o motivo, porque eu não sei. Já comecei a notar que a gente precisa pensar o Brasil levando em conta as diferenças. Mas, quais diferenças?

— Bem, eu ouvi falar que faz frio lá no Sul, e que no Norte é mais quente do que aqui — acrescentou Paulo. Meu pai foi ao Sul há poucos dias, e ele nos contou que pegou um frio danado. Até neve ele conheceu por lá. Tremi só de imaginar se eu seria capaz de enfrentar aquilo!

— Meu avô — disse Andreia - sempre conta as histórias de sua terra, que fica lá no Nordeste. Ele disse que faz muita seca por lá. Foi por causa disso que ele partiu com a família pra cá: em busca de terra em que não se passasse sede. Mesmo assim, ele sempre diz que morre de saudade da sua terra. Nunca entendi direito essa saudade dele.

— Já que todo mundo está arriscando, eu poderia lembrar o que fala meu tio — emendou Francisco. Ele mudou lá pro Pará. Para criar bois, ele precisou desmatar a fazenda; vendeu o que pôde das madeiras, e pôs fogo no resto. Acho que o nome daquela região é Amazônia; tem floresta muito alta, chove muito e o calor é de matar.

— Já estamos matando, juntos, a charada do 1 que vira 7 — falou tio Pedro. De fato, o Brasil, que é um, é formado por sete regiões muito diferentes. O que nos ajuda a entender como 1 vira 7 é a história da terra: foi ela que, num longo movimento, criou sete diferentes berços de vida no território brasileiro – berços reconhecidos pela ciência como “biomas”.

— Que palavra complicada essa, tio — reclamou Lucas. O que é mesmo bioma?

— Eu já tentei traduzir, para ficar mais simples, dizendo que bioma é um “berço de vida”; no caso do Brasil, temos sete diferentes berços de vida, sete biomas. Por isso, se a gente olhar o Brasil a partir da história da Terra, antes de ver um território único, vê-se sete diferentes jeitos de relacionar tudo que a vida precisa para existir. A propósito, o que os seres vivos precisavam para viver?

— Depende, não é, tio — falou Ana. Os que vivem nas águas, precisam de água limpa e das coisas que comem.

— Mas, todos do mesmo jeito? — perguntou tio Pedro.

— Acho que sim. Ou é de outro jeito?

— Depende da região, mais uma vez, Ana. Há seres vivos que se dão bem e se multiplicam em águas muito frias, e outros que só sobrevivem em águas mais quentes. Nenhum deles gosta de água muito quente. Por outro lado, se não existe mais oxigênio na água, por causa da sua poluição, isso mata os seres aquáticos. E temos seres vivos de água salgada e de água doce, não é mesmo? Mas, o que mais precisam os seres vivos?

— Todos que vivem fora da água precisam de ar, e de ar bom, de onde possam tirar oxigênio e outros gases, bem como de umidade — foi lembrando Laura. Já ouvi falar que nossa região tem clima de deserto em alguns dias do ano: a umidade fica muito baixa.

— Todos precisam de alimentos — acrescentou Paulo. Cada tipo de ser vivo tem alimentos diferentes. Os pássaros, por exemplo, gostam de insetos e de frutas. As abelhas, pelo que me contaram, se alimentam do pólen das flores. Os bois gostam de pasto, mas comem também rações.

— Pois é, mas todos precisam de água...

— Vocês perceberam uma coisa comum em tudo que estamos falando? — perguntou tio Pedro.

— É, parece que tudo isso vem da Terra — respondeu Andreia.

— Quando pensamos que a Terra é formada por tudo que está no solo, abaixo do solo e nas camadas de gases que a envolvem, chamada atmosfera, tudo que os seres vivos precisam para viver vem dela — arrematou Pedro. É a biosfera: existem seres vivos dentro do solo, vivendo dele e dando vida a ele; outros vivem nas águas doces e salgadas; e há os que vivem sobre o solo e no espaço que envolve o Planeta. Quantos serão os seres vivos da Terra?

— Iche, tio, são muitos! Nem faço ideia — disse, admirada, Andreia.

— Ouvi falar que são milhões — exclamou Paulo.

— Mas alguns deles estão ameaçados e podem deixar de existir — lembrou Laura.

— Quantas espécies deles já não existem! — lembrou tio Pedro, com voz entristecida. E pior para nós, para a espécie humana: na história recente da Terra, somos os principais causadores do desaparecimento de espécies de seres vivos. Não só de insetos, peixes e animais, mas também de vegetais.

— Pois é mesmo, tio, com nossa mania de ir acabando com as florestas, não é? — perguntou Francisco. Aqui mesmo, em nossa região, quantas espécies desapareceram?

— É mais fácil, talvez, saber quantas ainda continuam vivas — atalhou tio Pedro. Mas da nossa região falaremos em outro bate-papo. Em todo o Planeta, estudiosos calculam que devem existir entre cinco e trinta milhões de espécies de seres vivos, mas só um milhão e quatrocentos mil são conhecidas até agora.

— Não conhecemos quase nada, então? — perguntou Laura.

— Conhecemos pouco, mas, mesmo assim, parece que não nos importamos em provocar a morte de tantas espécies desconhecidas — disse tio Pedro pausadamente, fazendo cada sílaba bater fundo na mente e no coração.

— Será que nós precisamos de tudo isso para viver? — perguntou Ana, quase angustiada.

— Pois é, Aninha — respondeu Pedro — a espécie humana é uma das últimas a viver na Terra. Encontrou quase todas as outras formas de vida já se reproduzindo. Falo “quase” porque a vida está sempre se renovando. O ambiente da vida dos seres humanos é formado, então, pelas muitas espécies de seres vivos, sejam vegetais, insetos, animais, aves, peixes, pequenos e grandes, visíveis ou invisíveis aos seus olhos, nas águas, no solo, na superfície, no alto das florestas; e todos os seres que constituem o mundo físico, como os metais, as pedras, as areias, os solos, os gases, a água... Agora, o que nós precisamos entender é que todos os elementos necessários a todo tipo de vida, e à própria vida humana, se articulam e relacionam de jeitos diferentes na Terra. Cada espaço em que os elementos favoráveis e

necessários à vida se relacionam e combinam de um jeito diferente e único, forma um bioma. E, no Brasil, os seres humanos, ao começarem a viver por aqui, encontraram sete biomas, sete regiões totalmente diferentes para a vida; na verdade, sete regiões com seres vivos diferentes e até com seres humanos diferentes.

— Espera aí, tio Pedro — falou Paulo — já preocupado: os seres humanos não são sempre iguais, sempre parte da mesma espécie?

— Certamente, Paulo, todos são da mesma espécie, mas vivem de forma diferente a depender do bioma em que reproduzem sua vida. Isso é bastante complicado, e nós vamos avançando devagar. Basta, por agora, dizer que os seres humanos convivem entre eles, formam comunidades, e vão acertando o seu modo de viver juntos; e fazem isso no espaço, no ambiente em que se encontram. É assim que vão criando sua cultura, isto é, seu jeito de ser, de conviver e de relacionar-se com todas as condições que favorecem ou atrapalham sua vida. Pessoas humanas são, ao mesmo tempo, parte de uma mesma espécie, e membros de culturas diferentes. Uma vez mais, temos o um e o múltiplo; no caso do Brasil, temos o 1, que é o país como um todo, e o 7, que são os biomas. Agora, pensando a partir dos seres humanos, temos 1, que é a espécie, e um número imenso de diferentes povos, com diferentes culturas, línguas, costumes, tradições políticas, artísticas, religiosas, espirituais.

Tio Pedro calou-se. Todo o grupo ficou em silêncio. Sentiam necessidade que essas palavras entrassem em sua mente, em seus sentimentos. Sentiam-se parte de uma história muito longa, cheia de seres vivos, formada por muitos povos...

— Por hoje basta, não acha tio Pedro? — sugeriu Ana.

— Sim, sim, acho que basta. Vamos apenas dar nome, ou lembrar os nomes dos sete biomas brasileiros. Quem sabe dizer?

— Um é a Amazônia, acho. O nosso, aqui, como é que se chama? É o Cerrado? — perguntou Francisco.

— É, sim — respondeu Ana. E os outros cinco, qual seu nome?

Como ninguém mais arriscasse, e os risos indicassem certo mal-estar pela falta de conhecimento, tio Pedro falou:

— Não precisam envergonhar-se por não saber. Isso mostra que os biomas não fazem parte da visão com que se fala, estuda e apresenta o Brasil. Faz pouco tempo que se passou a levar a sério o que os geógrafos estavam percebendo há mais tempo: que a vida em cada bioma é diferente; e que é diferente porque as condições para a vida são diferentes. Vocês já reconheceram dois biomas: o nosso, da região central do país, conhecido como Cerrado, que é o segundo em superfície; e o bioma Amazônia, que é o mais extenso e está localizado na região norte do país; este bioma não é só brasileiro; ele nos liga com diversos países, que formam a grande Amazônia, também conhecida como Pan-Amazônia. Faltam cinco. Um deles, o terceiro em superfície, é o que os colonizadores viram por primeiro quando chegaram pelo Atlântico, e onde estão muitas das capitais dos estados brasileiros; seu nome, por isso, é Mata Atlântica. Vizinho dele, na região Nordeste, de que já se falou aqui, e se disse que seria uma região muito seca — mas não o é, como veremos em outra ocasião —, tem como nome técnico Caatinga, e como nome comum, Semiárido. Faltam três: o Pampa, no extremo sul do Brasil, que dividimos com o Uruguai e a Argentina; o Pantanal, que está na região oeste do país, e que dividimos com a Bolívia e o Paraguai; e o Costeiro, também denominado Zona Costeira, que cobre as áreas próximas ao mar e todo o sistema de vida dos manguezais e das águas marinhas brasileiras. Pode-se dizer que seis biomas são continentais, e um é marítimo. Se continuarem dispostos, faremos passeios pela história e pelas características de cada bioma, construindo a visão do Brasil a partir dos diferentes povos que vivem nestes biomas há, talvez, perto de quarenta mil anos. Certo?

— Certo, tio, isso está bom demais — exclamou Lucas. Mas agora temos que ir; está ficando tarde e o pessoal de casa pode ficar preocupado. Basta o senhor combinar o dia com Ana, que a gente volta, não é turma?

— É claro, Lucas – concordaram todos — já embalados para voltar para suas casas. Boa noite, tio Pedro! Boa noite, Ana!



II

Mata Atlântica: quando 100 viram 7!

“Desde quando era pequenino e ia à escola, a professora me dizia que o basco Núnhez de Balboa foi o primeiro homem que viu os dois oceanos a partir de um alto monte do Panamá. E eu levantava a mão e dizia: ‘senhorita, senhorita, então os que viviam aí eram cegos’. E ela me expulsava da sala por ser insolente.”²

² Eduardo Galeano, numa entrevista em que comenta seu recente livro *Espelhos: una historia casi universal*. Madrid: Siglo XXI de Espana Editores, 2008.

Poucos dias separaram o primeiro do segundo encontro. A curiosidade era tanta que a turma azucrinou a vida de Ana para marcar logo outro bate-papo. E seu Pedro procurou preparar-se para que Ana e seus colegas gostassem cada vez mais de conhecer o Brasil. Sabia que eles não tinham obrigação de voltar. Só continuariam se o assunto apaixonasse. Daí sua inquietação: como manter e aumentar o interesse?

Pensou em mudar de lugar. Seria bom, de modo especial porque pensava em usar um mapa. Podia ser também perto do computador, já que as imagens dos mapas estão também por lá, e os jovens poderiam descobrir que o computador serve para estudar. Decidiu, contudo, manter-se na mesma sombra, se não chovesse, pois isso garantiria a continuidade do clima de diálogo livre. Caso contrário, o bate-papo aconteceria na varanda da casa.

Tudo pronto, acalmou-se e esperou os jovens chegarem. Logo que entraram em casa, uma surpresa:

— Venham todos tomar um lanche — convidou Dona Rosa, mãe de Ana. A cabeça funciona melhor depois de alimentada. Se não se cuidarem, tio Pedro não dá nem descanso. Ela observara, discretamente, como de hábito, o que tinha acontecido no primeiro encontro e decidiu, desta vez, participar. A própria Ana foi surpreendida por sua mãe, mas adorou. Feito o lanche, como o fim de tarde estava aberto, com um sol desejoso de descanso, tio Pedro convidou a todos para ir caminhando para a sombra em que estava o tronco seco, seu assento para meditação.

Unidade das diferenças

Ao chegar, o grupo foi surpreendido mais uma vez. Lá estava um mapa, aberto sobre uma armação arquitetada por tio Pedro. Um mapa do Brasil, mas diferente; nenhum deles tinha visto igual. Gerou curiosidade. Logo, logo, Lucas, com sua vivacidade, anunciou a descoberta:

— É o mapa dos biomas do Brasil. Vejam, aqui está o Cerrado.

— Perto do mar está a Mata Atlântica — festejou Andréia.

— Aqui em baixo, um pouco menor e com uma cor menos forte, está o Pampa — disse Francisco.

— E aqui está a Caatinga — falou Laura. É bem grande!

— E aqui à esquerda está o Pantanal — anunciou Ana.

— À direita está o Costeiro, que vai do extremo sul ao norte — acrescentou Andreia.

— Parece que sobrou para mim o maior deles, a Amazônia — concluiu Paulo.

— Nossa! É mesmo muito grande a Amazônia, não é, tio? — exclamou Laura.

— Imensa — confirmou tio Pedro. Metade de todo o território do Brasil. E ela continua em outros países, como veremos em outra ocasião. O que gostaria, agora, era saber de vocês, que já devem conhecer o chamado mapa geográfico e político do Brasil, onde estão os estados, as províncias políticas? Por exemplo, onde está Minas Gerais?

Depois de um exame mais atento do mapa, Ana falou:

— Está aqui, tio, mas dentro dele estão partes de mais de um bioma. Como é isso? Não está errado?

— A mesma coisa acontece com a Bahia — destacou Lucas. Vejam, parece que ela contém pedaços de três biomas, ou de quatro.

— Iche! E em quantos estados está a Mata Atlântica? Deixa ver... E lá foi Paulo, seguido pelos demais, e pelo sorriso de tio Pedro, procurar os nomes dos estados em que há Mata Atlântica.

Aos poucos, com alguma insegurança, foram saindo os nomes. Tio Pedro sugeriu:

— Por que não seguimos uma ordem? Podemos começar pelo sul, a parte de baixo, ou pelo nordeste.

Preferiram seguir de cima para baixo: Rio Grande do Norte; Paraíba; Pernambuco; Alagoas; Sergipe; Bahia; Minas Gerais; Espírito Santo; Rio de

Janeiro; São Paulo; Paraná; Santa Catarina; Rio Grande do Sul...

— Tudo isso? — perguntou Lucas.

— É, a Mata Atlântica está presente em todos estes estados. Em alguns, cobre todo o território, em outros, só parte dele. E os outros biomas, com território de quantos estados são formados?

— O Cerrado, deixem ver — começou Laura — é formado por todo o Goiás, quase todo o Mato Grosso e o Mato Grosso do Sul, e...

— Por uma parte da Bahia e de Minas Gerais, eu acho — acrescentou Paulo.

— E o que mais? — perguntou tio Pedro.

— Bem, pega toda Brasília, que é o Distrito Federal. Parece que também uma parte do Tocantins, não é turma? — provocou Andreia;

— É claro — confirmaram todos.

Mas, como não estavam marcadas as fronteiras políticas dos demais estados, o grupo foi se calando. Então, Pedro foi falando:

— Vejam, por aqui, pelo Sudeste, dá pra ver que o Cerrado entra por São Paulo; pelo Norte conta com um pedaço do Piauí, do Maranhão; e pelo Leste, inclui um pedaço grande da Bahia e de Minas Gerais. Ele é o segundo bioma brasileiro em tamanho: tem uma área de pouco mais do que 2 milhões de quilômetros quadrados; isso significa quase 24% do território brasileiro.

— Nossa, se o Cerrado é um berço de vida criado pela Terra, por que está todo retalhado por diferentes estados?

A pergunta de Francisco deixou todo o grupo em silêncio, pensativo.

— Esta pergunta é muito boa, Francisco — comentou Pedro. Uma das respostas que o estudo da história do Brasil deve dar é esta: quem foi que dividiu, como foi sendo dividido e por que o Cerrado, e todos os outros biomas, foram divididos em unidades políticas e administrativas diferentes, que conhecemos como “estados”? E fica a dúvida: não teria sido melhor respeitar cada um dos biomas, mantendo sua unidade? Com o tempo, buscaremos pensar sobre isso. Mas agora vale a pena completar nossa desco-

berta: quantos estados fazem parte do bioma Amazônia? E da Caatinga/Semiárido?

— Vamos ver a Amazônia —, começou Ana. Acho que está todo o estado do Amazonas, pra começar.

— E todo o Pará — falou Lucas. E também o Amapá e Roraima. Certo, tio?

— Certíssimo! O que mais?

— Quais são os estados do Oeste do Brasil? — perguntou Paulo. Não está aí o Acre?

— Certo, Paulo — confirmou Laura. E perto dele está Rondônia.

— Resumindo — começou Andréia — fazem parte do bioma Amazônia todo o território do Amazonas, do Pará, do Amapá, de Roraima, de Acre e Rondônia. Mas parece que ela pega também um bom pedaço, quase todo o Tocantins, e ainda um pedaço grande do Mato Grosso...

— É isso mesmo, Andreia — rematou Pedro. Falta ainda reconhecer que, pelo Leste, a Amazônia se faz presente também no Maranhão. A Amazônia tem uma área de quase 4 milhões e 200 mil quilômetros quadrados; isso representa praticamente a metade de todo o território brasileiro. Mas, e quantos estados contam com partes da Caatinga?

— São muitos, mais uma vez, tio! — exclamou Lucas. Mas acho que nenhum estado está todo neste bioma. Ou sim? Talvez o Ceará. Dos outros estados do Nordeste, parece que a Caatinga está no interior, vindo para Goiás.

— De fato é assim — falou Pedro. A Caatinga cobre parte de nove estados; é o que muita gente conhece como o “sertão nordestino” — mas é mais correto dizer que é “brasileiro”, porque chega até Minas Gerais, que faz parte do Sudeste do país. Vejam comigo: a partir do Norte, temos um pedaço do Maranhão; do Piauí e do Ceará, só se desconta a Zona Costeira; entra boa parte do Rio Grande do Norte, da Paraíba, do Pernambuco, de Alagoas, do Sergipe, da Bahia e uma fatia importante de Minas Gerais. Em tamanho, é o quarto dos biomas continentais: cobre uma área de pouco mais de 844 mil quilômetros quadrados; quase 10% do território brasileiro.

— Até Minas tem Semiárido? — perguntou Ana.

— Tem, sim, Ana. Cobre uma parte do Norte e todo o vale do Jequitinhonha e do Mucuri. É uma área grande de Minas, e a gente daí tem uma cultura muito diferente das demais regiões do estado. Mas vamos completar nossa rodada: e o Pampa e o Pantanal, em que estados estão?

— O Pampa parece simples — falou Andreia. Está todo no Rio Grande do Sul. Agora, o Pantanal, parece que está dividido: parte está no Mato Grosso do Sul e parte no Mato Grosso. Acertei?

— Acertou, sim, Andreia. São dois biomas que compartilhamos com outros países. A parte brasileira não é muito extensa — o Pampa gaúcho tem área de quase 176 mil e 500 quilômetros quadrados (pouco mais de 2% do território brasileiro), e o Pantanal tem área de pouco mais de 150 mil e 350 quilômetros quadrados (1,76% do território brasileiro). Por fim, em que estados está o bioma Costeiro?

— Nossa! – exclamou Ana — ele corre o litoral do Atlântico desde o extremo Sul até o Amapá, no Norte.

— Exato, Aninha. Sua área, de 4 milhões e 500 mil quilômetros quadrados — metade da parte territorial do Brasil —, inclui, como veremos, as 200 milhas marítimas do Atlântico que estão sob jurisdição brasileira. Bem, parece que o tal “mapa político” está dentro da cabeça de vocês. Só que ele entrou aí sem história, a da Terra e a da origem dessa divisão “política” do território brasileiro.

— Pois, tio, eu estou francamente encucado — desabafou Lucas, Afinal, quem fez e como se chegou à divisão dos tais 26 Estados e um Distrito Federal? Até que do DF a gente sabe alguma coisa: que foi Juscelino Kubitschek quem construiu Brasília e separou de Goiás o território para o tal Distrito Federal. Mas, e os demais?

Pedro deixou que a pergunta ficasse no ar por algum tempo. Era importante a oportunidade de sentirem-se sem informação sobre essa divisão do território, apresentada no mapa como se fosse algo natural, que sempre teria existido, feita quem sabe lá por algum “deus”. Passados alguns minutos, retomou a palavra porque a impaciência era geral.

— Bem, como estados, eles só existem a partir da proclamação da República, mas já antes, no Império brasileiro, eles foram se firmando. Acho

que deveremos voltar a esta história um pouco mais adiante, mas uma coisa já pode ir ficando com vocês: essa divisão é “política” porque indica que os poderes centrais — que, no início, eram só do Rei de Portugal, depois dos Imperadores do Brasil e, por fim, dos Presidentes ou ditadores do tempo da República, e dos responsáveis pelo Legislativo e pelo Judiciário — foram aceitando o controle de partes do território por diferentes grupos que foram se adonando delas. Pode-se dizer que a divisão por estados lembra a luta pelo controle da terra em nosso país, ou pelos privilégios dos senhores das terras, que sustentaram os senhores do poder político.

Isso aparece claramente quando se lembra que os povos indígenas/ancestrais nunca ganharam nessa história; pelo contrário, foi no caminho da tomada dos seus territórios e no esforço para fazer valer legalmente os títulos inventados de propriedade que foram se firmando os estados. Mas, como disse, isso é assunto para retomar mais adiante. Agora, sugiro que olhemos como está cada bioma brasileiro. E acho bom começar pelo que foi visto e explorado por primeiro: a Mata Atlântica. É uma história que se resume numa charada: “quando 100 viram 7?”.

Quando 100 viram 7

— Você inventa cada uma, tio —, comentou Paulo. Primeiro foi o 1 que vira 7. Agora os 100 que viram 7. Que é isso? Foram 100 soldados que, atacados, foram reduzidos a 7?

— Acho que não é nada disso —, emendou Ana, mais acostumada com as provocações de tio Pedro. Tenho impressão que isso tem a ver com o que era a Mata Atlântica quando chegaram os portugueses e o que ela é hoje. Não vai por aí o sentido da charada?

— É, quando a gente anda nessa região próxima ao Atlântico, está cheia de cidades grandes, capitais de estados, e quase não se vê florestas — refletiu Francisco. Como era isso no início?

— Boa provocação, Francisco — elogiou tio Pedro. Quando se deu esse “início”?

— Pois é, eu estava mesmo querendo perguntar ao Francisco: qual início? — refletiu Andreia. Se comecei a entender a história do Brasil, ela tem pelo menos dois começos: um quando aqui chegaram os povos indígenas, e outro quando chegaram os colonizadores portugueses.

— É isso mesmo, Andreia — confirmou tio Pedro. Mas, uma vez tirado a limpo esse “início”, Francisco lembrou de algo muito importante. De fato, se a gente olha o que resta da floresta nativa da Mata Atlântica, a floresta que, junto com outros fatores, fez dessa região um berço de vida diferente de todos os demais — um bioma —, a gente leva um susto.

— Matei a charada, tio — exclamou Ana. De toda a floresta que existia quando chegaram os portugueses – o 100%, hoje só restam 7%. Não é isso?!

— Meu Deus, será verdade? — exclamou Paulo, assustado. Sobra só isso?!

— É realmente triste, e preocupante, Paulo — falou tio Pedro pausadamente — mas é a pura verdade. Daquela que era uma das florestas mais ricas em diferentes formas de vida de toda a Terra, só existem hoje sete por cento, e espalhados em pequenas áreas. Pior: mesmo assim, há pessoas e grupos econômicos que continuam avançando sobre o pouco que sobrou, buscando madeira para vender, limpando áreas para construir novos bairros ou novos condomínios fechados...

— Antes dos portugueses, tio, os índios também não foram derrubando a floresta? — perguntou Laura. Como é que eles viviam?

— Agora o nosso bate-papo está começando a ficar mais gostoso — festejou tio Pedro. Podemos comparar duas histórias: a dos povos ancestrais e a dos últimos quinhentos anos, já comandada pelos que tomaram as terras indígenas para usá-las em favor de seus interesses. Poderíamos falar que a dos indígenas é a história do que eles chamavam Pindorama, e a outra é a história do Brasil.

— Já ouvi falar desse “Pindorama”, mas parecia meio poesia — falou Andreia. O que significa mesmo esse nome?

— Vejam o que encontrei na internet, num tipo de dicionário eletrônico, o Wikipédia:

“Pindorama (em tupi-guarani pindó-rama ou pindó-retama: 'terra/lugar/região das palmeiras') é uma designação pré-cabralina dada a regiões que, mais tarde, formariam o Brasil. Por extensão de significado, é o nome indígena por excelência desse país sul-americano”.

Em outras palavras, é o nome que os povos da tradição e da língua Tupi-Guarani deram a essa terra maravilhosa em que viviam – terra das palmeiras. Não é a terra do pau-brasil, em que os portugueses viram ótima madeira para ser exportada para a Europa; e que, de tão importante para o comércio, terminou dando nome à “nova terra” do Império Português. Para os povos ancestrais, o nome veio da beleza das palmeiras; para os portugueses, o nome veio do valor comercial da madeira extraída de uma árvore; para os povos ancestrais, ela era e é uma árvore linda, e a cor de sua textura, o avermelhado, espetacular.

Diante dessas informações, Paulo sentiu necessidade de perguntar:

— Tio Pedro, a floresta foi desaparecendo para vender madeira? Ou foi para produzir outras coisas que precisavam na Europa?

— As duas coisas, Lucas. Como, ao contrário dos espanhóis no outro lado da América do Sul, não encontraram ouro ou prata com facilidade, que era seu sonho maior, foram levando madeira e, depois de derrubar a floresta, começaram a plantar canaviais para produzir açúcar.

— Então foi a plantação de cana que levou à destruição da floresta?

— Isso aconteceu mais lá pelo Nordeste. No Sudeste, um pouco mais tarde, foi para plantar café. Sempre para exportar.

— E o Pindorama dos indígenas: o que aconteceu com ele? — perguntou Andreia.

— Para falar de um jeito resumido, a luta entre Pindorama e Brasil foi ganha pelo Brasil. E não foi derrotada só a vegetação do bioma Mata Atlântica, a começar das palmeiras. Toda a rica diversidade de seres vivos, e principalmente a diversidade de povos humanos, foi agredida e quase levada ao desaparecimento. Sobram poucas tribos dos povos que tinham

seus territórios neste bioma há dez, doze ou mais mil anos. Muitos povos desapareceram, como, por exemplo, o Tamoio, o Temininó, o Tupinambá; só são lembrados como nomes de ruas ou bairros das cidades! Resistem, a duras penas até hoje, os povos Pataxó, no Sul da Bahia, os Tupiniquim, no Espírito Santo, e o Guarani, em diversos estados da Mata Atlântica e do Cerrado. Não houve diálogo, interação e cuidado com nenhum ser vivo; tudo foi pensado como oportunidade para responder a necessidades e desejos de riqueza dos que dominavam o império estrangeiro.

— Mas tudo desapareceu em tão pouco tempo? — perguntou Francisco.

— Os povos que viviam perto do mar, ou foram dominados e transformados em escravos, ou foram mortos. Houve batalhas violentas, massacres vergonhosos, muita desumanidade. Muitos morreram por causa das doenças contagiosas trazidas pelos colonizadores, já que os povos ancestrais não as conheciam e não tinham resistências contra elas. Os que sobreviveram e não aceitaram a escravidão, foram indo para o interior, embrenhados na floresta. Foram sendo perseguidos pelos caçadores de índios e pela derrubada progressiva da floresta para dar lugar às cidades e à agricultura.

— Tem outra coisa que nunca entendi — falou Lucas. Os povos indígenas eram violentos? Ou qual foi o motivo para os portugueses serem tão agressivos?

— Essa é uma questão complicada. Não é verdade que os moradores de Pindorama fossem povos violentos; isso foi inventado para justificar a violência usada contra eles, de modo especial quando reagiam e se negavam a submeter-se à escravidão. De início, os estranhos foram bem acolhidos, e certamente os indígenas imaginavam que se tratava de uma visita, que logo retornariam aos seus povos. Eles não conheciam as pretensões dos chegantes, nem imaginavam que fossem enviados pelo Rei de um império e em nome de empresas europeias. A coisa foi complicando quando perceberam que tinham chegado para ficar, e que consideravam as terras e os povos encontrados como algo que passou a pertencer ao Império de Portugal — ao seu Rei, na verdade. O pior foi quando começaram a exigir que fossem seus escravos, e que, para isso, aceitassem ser batizados na religião dos colonizadores. Mais terrível ainda foi quando descobriram que os

visitantes nem os consideravam gente, pessoas humanas, como eles; pelo contrário, por serem diferentes no seu modo de ser e de relacionar com os deuses e com a natureza, foram considerados selvagens, seres sem alma; a escravidão era a “chance” dada para que convivessem com a civilização e a religião verdadeira.³ Sentiram, então, necessidade de defender o seu modo de ser, os seus territórios, e passaram a enfrentar os intrusos e pretensos “donos” de tudo que encontraram. Como os colonizadores já possuíam armas de fogo, as batalhas foram desiguais e os indígenas foram sendo exterminados ou dominados.

— Se foi assim, como é que se fica repetindo que o Brasil é um país pacífico?! — exclamou Ana. Na verdade, ele já nasceu da violência...

— E perdeu, com isso, a chance de contar, de forma mais profunda, com as ricas culturas, com os valores e a sabedoria dos povos que aqui viviam há muito tempo, há milênios. Eram e continuam sendo povos que sabiam conviver com a Mata Atlântica: viver nela e com ela, sem destruí-la; sendo parte dela, na verdade. O que o Brasil tem hoje é um pequeno resto — sete por cento! — do ambiente natural, dos ecossistemas que a Mãe Terra criou para formar o bioma Mata Atlântica. O desafiador é que, mesmo sem os indígenas, vivem nela milhões de seres humanos, em sua maioria amontoados em grandes cidades, como São Paulo, Curitiba, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, algumas delas ferindo também o bioma Costeiro; em cidades com pouco ou nenhum cuidado com os rios e córregos, geradoras de poluição do ar e do solo e de contaminação das fontes de água.

— Tio Pedro, quando foi que mais se agrediu a floresta: no início da história do Brasil colonial, ou mais perto dos nossos dias? — perguntou Lucas, justificando que havia escutado que o maior desmatamento teria sido feito no século XX.

— É isso mesmo, Lucas: durante os cinco séculos a partir da colonização, a derrubada da floresta foi contínua, mas a velocidade cresceu muito no século XIX e XX. Duas ou três coisas pesaram muito: a introdução da criação de gado, especialmente em Minas Gerais; a expansão da cultura do

3 Mesmo referindo-se à colonização espanhola, vale consultar, pela semelhança da relação dos colonizadores com os povos ancestrais, a obra de JOSAPHAT, Frei Carlos. *Las Casas – Todos os direitos para todos*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

café, no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Paraná; a chamada “revolução verde”, que, a partir da década de 1960, introduziu os insumos químicos e as sementes melhoradas e híbridas em todos os tipos de agricultura; a partir de 1975, entrou também a cultura da cana-de-açúcar para produzir álcool combustível; o aumento da população, provocando a explosão de mais cidades... Tudo isso quase liquidou o que foi o bioma Mata Atlântica. Tudo somado, nos últimos 40 anos, quase se completou o desmatamento da Mata Atlântica e se avançou sobre os outros biomas, de modo especial o Cerrado e a Amazônia. Com isso, além de uma perda terrível de biodiversidade, estão sendo arruinados os recursos hídricos, absolutamente necessários para que se possa viver com um mínimo de qualidade de vida nas cidades.

— Mas, com tudo isso, essa região não deveria ser um deserto?! — perguntou Andéia.

— E seria, se ela não contasse com a ajuda de outros biomas. Com isso, a gente se dá conta que os biomas se relacionam entre si, criam “áreas de transição”, onde tudo se mistura, e se ajudam. No caso da Mata Atlântica, ela conta com a vantagem de existir na beira do mar, e de receber dele muita umidade, ventos; mas principalmente no Sudeste e no Sul, o que também provoca chuvas é a umidade que vem da Amazônia, provocada pelos ventos que nascem no Atlântico e que retornam a esta região depois de baterem na Cordilheira dos Andes... Sem esse longo caminho dos ventos, e sem a bomba de água formada pela Floresta Amazônica, toda a área usada pelo agronegócio seria um deserto... Mas esta é uma longa história, e nós a enfrentaremos, se vocês concordam, no próximo encontro.

— Ótimo, tio. Já está muito tarde mesmo — concordou Lucas.

— Mas antes de saírem, gostaria de combinar duas coisas. Primeira: escrevam todas as perguntas que desejarem fazer, e tragam para o próximo encontro. Segunda: avaliem como estão sendo nossos encontros, e tragam sugestões para melhorar...

— Obrigado, tio. Está sendo muito bom conhecer e aprender com você — falou Lucas, com o assentimento de todo o grupo, que já estava em pé e a ponto de correr para suas casas...



III

Amazônia: onde estão as florestas e as águas?



Colocando a participação em prática

Só estavam faltando três dias para o terceiro encontro com a turma da Ana, e Pedro vivia um misto de alegria e sobressalto. Estava feliz por ver o interesse dos amigos e amigas de Ana e por sentir-se valorizado em sua visão do Brasil. A experiência estava demonstrando que os jovens podem interessar-se, sim, pelo estudo, e em particular pelo estudo do seu país; basta apresentar desafios que liguem o estudo da realidade com sua vida, com o futuro de suas vidas. Há mais tempo, sua reflexão o levava a pensar que a pressa em transformar os jovens em pequenos robôs, capazes de responder aos interesses das empresas, estava esvaziando o trabalho das escolas; em vez de educação, que assume o educando como sujeito capaz de produzir novos conhecimentos e de ser pessoa, livre e responsável, o ensino estava escorregando na tentação do treinamento para determinadas funções do processo empresarial de produção e de serviços, privados ou públicos.

Essa reflexão, contudo, o mantinha em sobressalto: como manter o interesse? Será que os jovens trariam perguntas para dar continuidade ao estudo? Qual a melhor metodologia para o terceiro encontro? Desejando, por um lado, ter mais segurança, e, por outro, querendo ser coerente com o que pensa sobre a participação dos educandos no processo educativo, decidiu dialogar com Aninha.

À noite, percebendo a carinha de sono da neta, perguntou:

— Você toparia conversar um pouco sobre como preparar o próximo encontro com a sua turma?

— É claro que topo, tio Pedro. Mas acho que não sei como posso ajudar você. Nunca um professor ou professora convidou a gente para pensar como dar aula!

— Pois é, eu sei disso, Ana, mas acho que essa prática deveria mudar. Se alunos e alunas fossem parceiros na preparação dos planos de aula, creio que haveria mais interesse, as aulas seriam mais proveitosas e todos

se apropriariam melhor dos conhecimentos.

— Interessante esse seu modo de pensar. Se desse certo, talvez o pessoal iria sentir-se mais responsável e diminuiriam as bagunças e as brincadeiras.

— Ou as brincadeiras poderiam fazer parte do processo educativo, bastando, para isso, que fossem ligadas ao assunto em estudo. Você já pensou nisso?

— Pensar, pensar assim pra valer, acho que não; mas, muitas vezes, nos intervalos ou depois das aulas — e até mesmo em horas que a gente se encontra com colegas para ir ao cinema ou a uma festa —, trocamos ideias, sim, sobre como as aulas podiam ser menos chatas. O pessoal diz que não sabe como se poderia melhorar, mas é claro que se deseja isso. Alguns colegas dizem que têm saudade do Pré e até mesmo dos primeiros anos de alfabetização, em que os professores apresentavam perguntas, problemas, e o grupo todo trabalhava para encontrar respostas.

— É isso, Ana. Noutra hora podemos falar sobre um grande mestre brasileiro, Paulo Freire, que defendia esse tipo de participação na educação. Mas, agora, o que estamos precisando é falar sobre o próximo encontro com seus amigos. Como é que poderíamos provocar maior participação deles e delas no diálogo?

— Já está muito bom, tio; o pessoal comentou que nenhum professor consegue que a turma participe como nos nossos encontros. Então, basta continuar. Aliás, você se prepare porque, pelo que tenho escutado, vem uma chuva de perguntas... Quem mandou você provocar!

— Que venham as perguntas! Se for preciso, eu mudo de plano, ou faço que meu plano se misture com as dúvidas que o pessoal vai trazer. Mas, mesmo assim, como vamos dar um passo novo, discutindo sobre a Amazônia, fiquei me perguntando que tipo de desafio ou de brincadeira poderia ajudar na dinamização do encontro. O que você acha?

— Bem, está nascendo aqui uma ideia, mas acho meio maluca.

— Nada é maluco; tudo pode provocar criatividade, mesmo se a primeira que aparece faz nascer outra, talvez melhor, mas “filha” daquela. Qual a sua ideia?

— É que, da Amazônia, todo mundo sabe que existem muitos tipos de bichos, e que a vida está ameaçada pela derrubada e queima da floresta. Até a televisão mostra isso. Então, poderia ser interessante — disse, bastante insegura — propor que cada um do grupo escolha o bicho que quer ser e que diga como se sente diante do que as pessoas estão fazendo por lá... Não é maluquice demais?

— Nada disso, Ana. Está aí uma forma de fazer o estudo de um jeito gostoso, quase brincadeira. Uma brincadeira que pode virar teatro, se o pessoal quiser.

— Como, tio?

— Ora, organizando um tribunal dos bichos em relação à Amazônia — eles sendo juiz, júri popular, acusadores, defesa; e quem vai para o banco dos réus são todos os tipos de presença humana por lá...

— Todos os tipos de presença humana, tio? Também a dos povos indígenas, que no outro dia você disse que é mais certo chamá-los “ancestrais”?

— É, todo tipo mesmo, Ana. Com isso, caberá aos bichos dizerem se todos os seres humanos são ameaça a eles, ou se alguns podem ser, ou são mesmo, seus aliados.

— Coisa boa, tio! Sua ideia ficou bem melhor do que a minha!

— Nada disso. A minha é “filha” da sua. E acho que vamos aproveitar as duas. Os bichos podem, de início, trocar ideias e sentimentos entre si — vivendo a sua proposta — e, a partir daí, passam a organizar-se para fazer o tribunal. Está de acordo?

— Ah, eu estou. Acho que o pessoal vai adorar. Mas, e você, tio, como é que vai continuar abrindo a visão da gente sobre a história do Brasil?

— Não estou seguro, ainda. Poderia ser um dos bichos, e, no diálogo e no tribunal, entrar com perguntas e informações; ou ficar de fora, juntando o que o pessoal falará para, depois, organizar a reflexão sobre a história do Brasil a partir da história do bioma Amazônia. O que você acha melhor?

— Sei não, tio, mas acho que é melhor você não ser um dos bichos; o seu seria inteligente demais!

— Está certo, Ana. Agora, é só esperar pra ver que perguntas seus amigos e amigas vão trazer, criar o primeiro debate a partir delas para, em seguida, introduzir a brincadeira que vai virar drama sobre a Amazônia. Muito obrigado! Valeu demais! Tenha um bom sono, Aninha!

— Boa noite, tio!

Aninha não se entregou logo ao sono. Estava estranhamente feliz. E muitos pensamentos acorriam à mente: que estranho professor seria tio Pedro; como seria bom se as aulas fossem pensadas com essa liberdade e criatividade; por que os professores e professoras não dialogam assim com a gente? Por outro lado, o grupo ainda não concluiu o estudo da Mata Atlântica, e pode ser que alguém traga alguma proposta de ação, pois o grupo tem parentes que vivem naquele bioma; eu mesma não poderia perguntar sobre o que está sendo feito e o que o grupo, mesmo estando no Cerrado, poderia fazer para recuperar a Mata Atlântica? Mas será que é possível, ainda, recuperá-la? Aí Ana sentiu um aperto no coração na hora que se perguntou: como será a vida neste bioma daqui a 30 anos? Afinal, ela teria, então, pouco mais de 45 anos!

Pedro, por seu lado, adormeceu cheio de novas ideias: será preciso arrumar panos, papéis, tintas e outras bugigangas para que cada bicho possa se fantasiar...

A Mata Atlântica em debate

Dessa vez o encontro aconteceu no porão da casa. O amplo espaço facilitaria a dinâmica escolhida. E o encontro começou logo depois do lanche, cuidadosamente preparado pela mãe e por Ana.

— Bem-vindos! Bem-vindas! Estou ansioso pelas perguntas que vocês prepararam.

— E nós estamos ansiosos pra fazer a “brincadeira séria” sobre a

Amazônia — sussurrou Andreia.

— Uai, Ana, você contou a eles o nosso plano?

— É, tio, não me segurei. Desculpe, tá!

— Tudo bem, querida. Com isso, certamente cada um já foi pensando o que vai dizer... Mas, antes, vamos às perguntas. Minha sugestão é essa: todos apresentam as perguntas para, a partir delas, organizar um diálogo que ajude a responder as dúvidas.

— A minha é a seguinte — começou Lucas, sempre espontâneo: *Ha-veria um jeito de produzir os alimentos necessários sem acabar com a floresta da Mata Atlântica?*

— *A gente tem condição de imaginar o que seria este bioma se os povos indígenas tivessem sobrevivido, sozinhos ou em diálogo com os europeus que chegaram?* — perguntou Andreia.

— Minha pergunta — falou Francisco — é esta: *A região dos mangues, perto do mar e dos rios que deságuam nele, faz parte da Mata Atlântica? E eles estão sendo preservados?*

— Pensei muito no assunto — comentou Ana — e achei que seria bom perguntar: *como foi e por que foi organizado o trabalho escravo? E os imigrantes, vieram para trabalhar no lugar deles?*

— Fiquei muito preocupado com o futuro de quem vive nesse bioma — anunciou Paulo — e por isso minha pergunta é: *será possível reorganizar o ambiente do bioma Mata Atlântica?*

— Como a maioria do povo vive nas cidades, minha pergunta é esta — falou Laura: *O que se teria que fazer nas cidades para elas não piorarem a situação da vida na Mata Atlântica?*

— Estou achando que vocês preparam as perguntas em conjunto, ou que, pelo menos, combinaram sobre o que cada um deveria perguntar. Estou certo? — perguntou Pedro.

— Foi assim mesmo — esclareceu Ana: cada um escolheu um assunto e, depois, combinamos quem ia perguntar sobre o quê. Não foi melhor assim?

— É claro que foi. Vocês agiram com inteligência, e as perguntas cobrem quase todos os grandes desafios que precisam ser enfrentados pelo Brasil nesse bioma. Parabéns! Vamos à cata das respostas. Sugiro que comecemos pela dúvida sobre os mangues. Será correto dizer que essas áreas fazem parte da Mata Atlântica?

— Pois é, são tão diferentes das partes altas — comentou Francisco. Lá não existe aquilo que a gente chama “floresta”.

— São áreas diferentes mesmo — foi explicando Pedro — e isso tem levado a um acordo entre os estudiosos e os governantes: essas áreas de mangue fazem parte da transição entre dois biomas: a Mata Atlântica e a Zona Costeira. Como dialogaremos sobre a Zona Costeira em outro encontro, sugiro que deixemos essa questão sem uma resposta mais completa. Mas é importante lembrar que a agressão aos mangues é voraz, e as consequências, muito graves. E os problemas deverão se agravar ainda mais com a elevação das águas do mar, causada pelo aquecimento global do planeta.

Vamos, então, comentar as perguntas do Lucas e do Paulo juntas, ou melhor, vamos relacionar as duas; é que no debate sobre o passado – teria sido possível produzir os alimentos necessários sem destruir a floresta? —, já se começa a responder se há possibilidade de reorganizar o ambiente da Mata Atlântica. O que vocês pensam sobre isso?

— Pois é, acho isso meio dramático: aumenta o número de pessoas, todas precisam alimentar-se, e a produção de alimentos precisa de terra e água. Não sei como poderia ser diferente — comentou Ana.

— Mas será que não se produz mais do que é o necessário, com o objetivo de exportar? — quis saber Lucas.

— Na verdade, meus caros — começou Pedro — todos temos a cabeça feita pelas ideias dos que controlam a industrialização e comercialização de alimentos. São empresas multi ou transnacionais, cada vez maiores e mais poderosas. Para elas, quanto mais a produção depender do que elas produzem, e quanto mais os alimentos passam por elas, tanto melhor. Podem ser os alimentos para as pessoas ou para os animais, criados para serem alimento. Ou pode ser a produção de outras coisas que os humanos precisam, como o papel, o álcool combustível. O que importa é que os

produtos gerem muito lucro. Por isso, se podem ganhar mais exportando, passam a ideia de que não teriam nada a ver com a falta de alimentos para muitas pessoas por aqui.

— Deixe ver se estou compreendendo, tio — refletiu Andreia. Para que isso tudo funcionasse bem, foi preciso que os mesmos empresários se tornassem donos das terras. Ou melhor, donos de pedaços da floresta. Aí, eles podiam retirar madeira para vender e, depois, usar a terra para produzir o que lhes desse maior lucro. Foi assim?

— Perfeito, Andreia, foi assim mesmo. E boa parte das terras nunca foi comprada. Elas foram doadas pelo Rei de Portugal aos amigos e parentes, ou, na maior parte das vezes, foram invadidas pelos mais ricos, para depois, ser titulada nos Cartórios como propriedade. O que importa, agora é entender que a velocidade da destruição da floresta não foi para produzir alimentos para a população vivendo por aqui. Ou melhor, uma pequena parte dessa terra foi destinada à produção de alimentos; quase toda foi destinada à extração de madeira e à produção de mercadorias para exportação: açúcar, cacau, café; e, mais perto de nós, soja, algodão, frutas e álcool. Então, resumindo, pode-se dizer que a Mata Atlântica, com toda sua riqueza de biodiversidade, foi sacrificada em favor de um pequeno número de brasileiros e para alimentar indústrias de outros países.

— Começo a desconfiar que, se o caminho tivesse sido diferente, voltado para as necessidades vitais do povo dessa região, boa parte da Mata Atlântica poderia estar em pé — refletiu Lucas.

— E eu começo a desconfiar que a recuperação do bioma passa pela mudança de objetivos na exploração da terra — completou Paulo. Parece que se a terra, a produção e tudo mais estiver ligado à produção de lucros, em vez de estar a serviço da vida, o bioma não tem futuro...

— Isso ajuda a gente a ver que a história não pode ficar distante do que tem acontecido com os diferentes biomas. Só assim a gente pode dar-se conta dos desafios que as gerações anteriores deixaram para a atual. Se tudo estivesse centrado na vida, na alimentação das pessoas, muita coisa podia ter sido colhida na floresta, sem destruí-la. E seria possível ir criando roças e pomares com verduras, flores, tubérculos e frutas próprias do bioma, evitando desequilíbrios e facilitando o seu cultivo. O que é do

bioma se dá bem com as demais plantas, defende-se com mais facilidade; o que é de fora, estranho, entra mais fraco e precisa de muitas muletas para dar fruto. Por isso, Paulo, sem mudar o modo de pensar, sem libertar-se da busca do lucro acima de qualquer coisa, não se terá recursos e nem a terra terá forças para recuperar a Mata Atlântica. Na verdade, a Mata Atlântica não volta mais. O que se poderá fazer é criar um ambiente mais favorável à vida por meio de uma convivência com o bioma, trabalhando em favor da recuperação de tudo que seja possível de suas energias. Um dos cuidados seria evitar que se repita na Amazônia o que se fez aqui, porque aí boa parte daquele bioma virará um deserto. Mas isso não é o bastante. É preciso recompor tudo que seja possível de vegetação, especialmente perto dos rios. Para isso, será preciso mudar o modo de vida e os cuidados do povo que vive nas cidades...

— E aí entra minha pergunta, não é, tio? Como as cidades podem colaborar para que não aconteça o pior?

— É isso mesmo, Laura. Será preciso criar uma consciência que o povo das cidades ainda não tem: as cidades foram sendo construídas sem ter presente que se estava no bioma Mata Atlântica e com a falsa ideia de que se contaria sempre com todos os recursos necessários à vida, como a água, o ar, a umidade, a chuva. As cidades, como as fazendas, foram construídas com derrubada da floresta e o desrespeito às fontes e aos córregos e rios. Mais ainda, os córregos e rios foram usados para jogar esgotos e até lixo de todo tipo. Ao construir casas e edifícios, ao fazer ruas, avenidas, e ao usar veículos pesados para o transporte, o solo foi sendo compactado, criando dificuldade para a água correr em suas veias. O resultado é o que todos experimentam: rios poluídos, enchentes, dificuldade para se ter água potável, ar estragado...

Então, para que as cidades ajudem a recuperar o bioma, precisam mudar o seu jeito de ser, e isso será muito difícil. Será preciso, por exemplo, diminuir os asfaltos e calçadas de cimento, abrindo espaços para as águas das chuvas penetrarem no solo; aprender a guardar água de chuva em depósitos caseiros, devolvendo-a ao solo aos poucos, em usos que não precisam de água tratada; cultivar mais árvores, flores, hortas, fruteiras; aproveitar a energia do sol, aquecendo a água para o banho e produzindo energia elétrica; organizar o trabalho que gera renda o mais perto possí-

vel das casas em que se mora, diminuindo a necessidade de transporte; organizar feiras de alimentos perto das casas, evitando a necessidade de ir a shoppings e a grandes supermercados; organizar melhor o transporte público, e que seja de massa, carregando muita gente, preferindo metrô a ônibus, por exemplo; diminuir o uso de automóveis, de modo especial os usados por uma única pessoa...

— É muita coisa que precisa ser feita. Será possível? — perguntou Ana, quase assustada.

— Pois é, Aninha, deixei a pergunta sobre a escravidão e a imigração por último, justo para responder a esta pergunta. Se foi possível alcançar o fim da escravidão, depois de mais de 300 anos em que ela foi a regra da exploração do trabalho, é provável que sejam possíveis também as mudanças que nos parecem impossíveis. E vejam que a escravidão, e de modo especial essa que é chamada de “moderna”, sempre foi implantada por meio da violência. Nenhum ser humano se apresenta e pede para ser escravo; ele é escravizado pela força. No caso da “moderna escravidão”, a violência se combinou com o negócio, com a busca de lucros cada vez maiores. Os escravos geravam lucro ao serem caçados, comprados e vendidos, e ainda quando eram forçados a trabalhar até morrer em troca apenas de alguma comida para manter-se vivos. Quem lucrava? Os comerciantes de escravos, praticamente todos europeus, os fazendeiros que produziam para exportar, e os comerciantes europeus que vendiam os produtos nos países colonizadores. No caso brasileiro, foi principalmente na Mata Atlântica que o negócio da escravidão prosperou. E foi aqui também que as revoltas dos escravos e os movimentos contra o crime da escravidão forçaram o seu fim. O Brasil foi o último dos países a declarar a escravidão um crime hediondo; isso mostra como a busca de lucros com a escravidão era algo poderoso; mas foi derrotado.

— E os imigrantes, como é que entram na história?

— Pois é, eles entram como a nova forma de exploração do trabalho. Vieram substituir os escravos, já que os fazendeiros não queriam organizar o trabalho com os negros libertos; aliás, nem os negros queriam voltar a trabalhar para seus ex-senhores. Bem integrados às fazendas, mas livres: esse foi o regime de trabalho nas fazendas do café; e mantidos com a promes-

sa ou ilusão de que, se trabalhassem muito, ganhariam o suficiente para comprar sua própria terra. Só um pequeno número deles teve liberdade de escolher entre o trabalho nas fazendas e a pequena propriedade em áreas de colonização; serviam como propaganda para atrair mais imigrantes, especialmente entre os pobres da Alemanha e da Itália, e depois, da Polônia, do Japão...

— Pode-se dizer, então, tio, que a história dos mais de 100 milhões de pessoas que vivem na Mata Atlântica não é muito gloriosa e motivo de orgulho — refletiu Lucas.

— Depende, Lucas, do lugar social em que se estuda e interpreta a história. É gloriosa, por exemplo, a libertação que os negros conseguiram, mesmo se ainda falta muita coisa para ser completa. É gloriosa a resistência dos povos indígenas, presente nos povos que sobreviveram ao decreto e às práticas de extermínio. É gloriosa também a ação dos imigrantes, por sua presença nas lutas pelos direitos dos trabalhadores, nas cidades e no campo. É gloriosa a luta dos pescadores artesanais, e de todos e todas que se dedicaram ao artesanato. É gloriosa a luta pelo direito de se organizar para defender seus direitos de trabalhadores...

Agora, não é gloriosa a história feita pelos que acabaram com o bioma Mata Atlântica para exportar madeira e, depois, para exportar produtos agrícolas; que mantiveram a escravidão durante mais de trezentos anos e que, em seguida, organizaram, e com recursos públicos, a imigração de trabalhadores estrangeiros pobres para manter seus negócios gerando lucros; e que, poderíamos acrescentar, foram implantando uma indústria assentada na superexploração do trabalho e na dominação senhorial dos proprietários, dando a ela uma direção oligárquica. Não é gloriosa também a história dos governantes, que fizeram o jogo dos interesses dos poucos proprietários, pouco ou nada atentos aos direitos da população e da Terra, mesmo quando falavam em democracia...

Pedro notou que o grupo sentiu o peso da reflexão feita. Seria forte demais? Bem, isso deveria ser avaliado, e, então, perguntou:

— Que tal, isso está difícil demais, ou dá pra acompanhar? Acho que peguei um pouco pesado.

— Foi forte, sim, tio, mas se a história foi assim, é melhor a gente conhecer — afirmou Laura. Mesmo porque, se a gente quiser viver nesse país no futuro, será preciso enfrentar esses desafios. A não ser que fuçamos todos para outras regiões do Planeta.

— Pra onde, Andreia? As outras regiões, principalmente as mais ricas, estão com menos futuro do que nós. Eles nem mais têm a possibilidade de decidir o que fazer com suas florestas, já que não existem. No Brasil, pelo menos, ainda temos a possibilidade de mudar nossa relação com a Amazônia, não é, tio Pedro? — perguntou Paulo.

— Eu gostei dessa leitura de que a história fica diferente a depender do lugar social de onde se faz a leitura — afirmou Ana. Isso separa as responsabilidades e deixa a gente descobrir que existem povos e grupos sociais que sempre lutaram por um futuro deferente.

— E a gente se sente parte desta história — refletiu Laura. No passado, as pessoas agiram e estão presentes no que existe hoje, para o bem ou para o mal. O presente e o futuro são, em parte, o que nós fazemos. Por isso, é preciso ter essa leitura, por mais difícil que possa parecer.

— É claro que a gente ainda não entende tudo — completou Lucas. Mas está sendo muito boa a reflexão puxada pelo senhor, tio Pedro.

— Estou um pouco mais calado, escutando, porque muita coisa é nova pra mim — relatou Francisco. Mas estou aproveitando demais. Acho que vai me ajudar em todas as matérias.

— Espero que aos poucos vocês percebam que muitas das dificuldades de mudar — foi concluindo Pedro — crescem diante da gente pela falta que fazem os povos ancestrais da Mata Atlântica. Refletindo a partir da pergunta da Andreia, em história não se examina o que teria sido possível no caso de ter sido diferente; o que aconteceu, glorioso ou não, não volta mais. No caso dos povos ancestrais, sua falta quase total marca o presente e empobrece a capacidade de construir o futuro. Seria inaceitável repetir nos dias de hoje o que se fez nos séculos de colonização e escravidão. Por isso, será importante contar com os povos sobreviventes, abrindo-se à contribuição que vem de sua sabedoria. Isso ajudará a avançar por um caminho novo, reconstruindo as relações possíveis com o bioma Mata Atlântica.

Revivendo a Amazônia

— Bem, se estão de acordo, sugiro dar um passo novo — continuou Pedro. Vamos para a Amazônia. E para isso, como já sabem, vamos trabalhar juntos, organizando uma “brincadeira séria”: cada um e cada uma de vocês será um dos bichos da Amazônia. De acordo?

— É claro que estamos — falou Lucas. Na verdade, nós até já escolhemos um bicho para cada um de nós: a Ana vai ser a onça pintada; a Andreia será a tartaruga; o Paulo será um macaco; o Francisco será o peixe-boi; a Laura vai ser a arara; e eu serei o uirapuru.

— Tinha pensado, junto com Ana, de organizarmos um tribunal sobre a Amazônia, dando o poder de julgamento aos animais. Mas acho melhor encurtar nosso caminho. Mais adiante, com mais informações, quem sabe possamos fazer um julgamento do que está acontecendo em todos os biomas. Proponho, por isso, que cada bicho diga o que nota que está acontecendo na Amazônia, como se sente nas mudanças que estão acontecendo. Quem quer começar?

— Eu posso começar — anunciou Paulo. Em geral, apresenta-se o macaco como um bicho falador. Na verdade, ele é esperto, atento. No meu caso, sou um macaco que nasceu na parte sul da Floresta Amazônica; já tive que fugir muitas vezes, correndo do fogo, primeiro, e dos que chegaram para criar bois, depois. É incrível como há pessoas que nem se perguntam o que vai acontecer com os animais que vivem tranquilos na floresta há muito tempo. Chegam, fazem um barulho danado com as motosserras, e derrubam todas as árvores, as grandes e as médias, sem respeitar as que produzem frutas, cocos, castanhas, flores maravilhosas, só deixando as mais baixas e fracas; em seguida, separam os galhos do troncos de algumas árvores maiores, arrastando-os para fora; depois, deixam tudo jogado, até secar; aí vem o pior: põem fogo em tudo. E nossa família, que já havia fugido de galho em galho, entrando mais na floresta, agora tem que fugir de novo, porque o calor é terrível, e o fogo atinge até mesmo parte da floresta verde. Então, o jeito é fugir para bem longe. Mesmo porque, se a macacada tenta voltar, depois da queimada, quando já há pasto para os bois, e as pessoas

plantam milho e outras culturas gostosas, as pessoas atiram e matam, sem dó nem piedade. Ao contrário dos povos indígenas, que às vezes matam um de nós para se alimentar, e o fazem com tristeza, parecendo pedir desculpas, essas pessoas que queimam floresta matam pelo gosto de matar. Por isso, as famílias dos macacos não estão mais tranquilas; elas sabem, pela repetição das queimadas, que o fogo pode chegar de novo. E se perguntam: para onde ir se a floresta terminar?

— Temos destino comum, seu “macaco” — falou a “arara” Laura. Quantas vezes já tivemos que fugir das derrubadas e das queimadas! O pior, para nós, é que somos ameaçadas o tempo todo: antes, durante e depois das queimadas. Parece que as pessoas gostam das cores das nossas penas – e o mesmo acontece com muitas outras aves; por isso, ou roubam filhotes nos ninhos, para criá-los em casa, com asa cortada, como enfeite, ou matam. Mas, quando cortam árvores, não cuidam dos ninhos, não. Parece que não se importam com nenhum bicho vivo; só querem a terra sem floresta, para criar seus animais, para vender, ou para plantar outras coisas, ou apenas para vender; tudo que estava e vivia antes por aí, é um tipo de estorvo. Algumas vezes, antes de fazer a derrubada geral, abrem caminhos na floresta para entrar com máquinas e derrubar as árvores maiores, mais antigas, boas para tirar madeira, sempre para vender. Dá dó! São árvores altas, muitas produzem frutas e castanhas, mas nada disso é visto como importante. E nós, que gostamos mais de viver nos galhos mais altos, somos dos primeiros bichos a ter que voar para outras bandas, mais para dentro da floresta. Já somos poucas, e não sei por quanto tempo teremos condições de continuar enfeitando a Terra.

— Já me contaram histórias de que, em algumas praias, de rios e do mar — contou “tartaruga” Andreia — há pessoas que defendem meus parentes na hora da desova, no cuidado dos ninhos e na volta dos filhotes para a água. Mas essa não é a sorte de todas, não. Na maioria dos lugares, caçam-nos com voracidade, para transformar-nos em comida e usar nossa casa/casco para fazer objetos de artesanato. Estamos até desaparecendo, em algumas áreas. Fora que, mesmo parecendo estranho, já vivemos a experiência de seca: as águas vão baixando, as praias secam, e tudo fica difícil. Será que vai faltar água até pra nós?!

— Pois a sua situação ainda está melhor do que a nossa — falou o

“Peixe-boi” Francisco, com tristeza na voz. Somos um dos animais mais ameaçados de extinção, mesmo sendo um quase símbolo da Amazônia. Acho que isso se deve às manias das pessoas: para elas, tudo que serve para enriquecer deve ser utilizado; no meu caso, buscam carne e couro. Como sou meio lento, pesado, pacífico, é fácil me apanhar. Só que, às vezes, me vejo tendo sentimentos de vingança em relação aos meus matadores – na hora que escuto que as coisas não vão bem nem na Amazônia para os seres humanos e para todos os seres vivos; ouço dizer que o pessoal anda com medo de seca por aqui, e que isso vai aumentando na medida em que o desmatamento avança. Se isso acontecer, nós e todos que vivemos nas e das águas seremos os primeiros a sofrer. Já começam a contaminar as águas dos rios, de modo especial nas áreas em que a criação de gado e a agricultura chegam perto das margens; perto dos portos e onde há indústrias, já não dá pra viver.

— E eu, então, o que acontecerá comigo?! — exclamou a “onça pintada” Ana. Se a vontade e a ação dos grupos econômicos vencerem, a floresta desaparecerá. Onde poderei viver? Matam-nos por causa do medo criado com as estórias de que somos violentas, selvagens; matam também porque nos acham lindas, e querem vender casacos e outros objetos feitos com nossa pele. Não nos deixam viver na floresta e menos ainda quando, pela falta de floresta e alimento por lá, nos vemos forçadas a buscar alimento nas criações das fazendas. Então, por enquanto, só conseguimos viver e ter filhotes se nos embrenhamos na floresta ainda não tocada pela mão humana. Mas, pelo visto, isso tem lá seus dias contados.

— Decidi ser o último a dizer como me sinto na Amazônia —, começou o “uirapuru” Lucas. Eu não reparo, porque me concentro na alegria de cantar, mas ouço comentários que os outros animais da floresta param para ouvir o meu canto. Fico um pouco envaidecido, mas também sinto desejo de cantar ainda mais bonito, só pra deixar a mim e aos outros alegres. Mas isso também pode chegar ao fim, e por causa de presença ameaçadora dos seres humanos. Não adianta eles me elogiarem e, ao mesmo tempo, acabarem com o ambiente que me faz feliz e me leva a cantar. Não cantarei em gaiolas nem em zoológicos! Morrerei de tristeza quando não houver mais o bom ambiente da floresta! E é isto que acontecerá com a maioria dos seres vivos da Amazônia. Só uns poucos terão força e capacidade de,

por amor à espécie, sobreviver em cercados, criatórios. A mim, só me verão empalhado, em museus! Quem sabe, ainda que tarde, os seres humanos criem vergonha do que fizeram.

— Pois é, minhas amigas e meus amigos — emendou Pedro...

— Desculpe, tio, mas eu lembrei de uma boa notícia — falou a “arara” Laura. Um grupo de famílias fez uma floresta, só que escolhendo o tipo de plantas da Amazônia que elas queriam, pois haviam decidido viver colhendo frutas, cocos, castanhas, industrializando-as para oferecê-las a outras pessoas em troca da renda que precisam para viver. Na verdade, eram migrantes e haviam derrubado a floresta para plantar milho, arroz, feijão, com fazendas em outras regiões em que viveram. Só que a produção não foi boa e, de toda maneira, estavam muito longe das cidades e as estradas ficavam estragadas na época da colheita. Então, a partir da experiência dos que tinham o costume de não derrubar a floresta para colher o látex, para fazer borracha, e do apoio de amigos que os visitavam, decidiram replantar a floresta e viver a partir dela. Essa experiência vitoriosa chama-se RECA – Reflorestamento Econômico Consorciado Adensado. Como na floresta, as plantas vivem consorciadas, misturadas, umas cuidando e ajudando as outras. É “adensado” porque feito em espaço não muito grande. É “econômico” porque foi feito com objetivo de extrair dele renda para viver. Bem, já existem araras e outros pássaros, bem como muitos insetos e outros seres vivos amazônicos que estão vivendo livremente neste lugar, que fica na divisa entre o Acre e Rondônia. Não seria bom se todos aprendessem a viver com a floresta?!

— Seria ótimo, Laura — falou Pedro. Na verdade, os que deveriam mudar são principalmente os seres humanos – grupos econômicos nacionais e estrangeiros, fazendeiros, colonos – que foram para a Amazônia nos últimos trinta anos. Antes disso houve, é claro, algum desmatamento, mas pouco, quase nada. Foi no final dos anos sessenta do século passado que a ditadura militar decidiu criar a SUDAM – Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia – para implantar o que faltava, na visão deles, na região: o desenvolvimento econômico, isto é, o uso econômico das imensas riquezas naturais quase intocadas até então. Nessa visão, árvore em pé não gera riqueza, nem minério no subsolo, nem peixe no rio; era preciso “limpar

a área” para começar o trabalho de geração de riqueza. Foram esses grupos que, apoiados por recursos públicos e por políticas estatais – abertura de estradas, atração de mão de obra por meio de projetos de colonização, criação da Zona Franca em Manaus, no Amazonas, geração de energia elétrica —, deram velocidade ao desmatamento da Amazônia. Por isso, se o desejável, como lembrou nossa “Arara”, é conviver com a floresta, os que devem mudar são esses que chegaram a esta região para repetir o que fizeram antes na Mata Atlântica e nos outros biomas, como ainda veremos.

— É claro, tio Pedro — refletiu Lucas — já que, pelo que sei, os indígenas convivem com floresta e todos os seres vivos desde sempre, não é?

— É isso mesmo, Lucas, só que se fica dizendo que eles não trabalham, não sabem fazer nada, não geram riqueza. Por não desmatarem para criar bois, grãos, cana-de-açúcar para vender, e por não desmatarem para rasgar a terra e extrair minérios, petróleo, gás, são considerados “improdutivos”, atrasados, e mais, fontes de atraso. Pois é, o que é e quando existe desenvolvimento? Quando se vai acabando com o que cria cada berço de vida, cada bioma, para enriquecer a alguns, ou quando se melhora as condições naturais, isto é, as oferecidas de graça pela Mãe Terra? A Cooperativa RECA indica que se pode melhorar as condições de vida de famílias na Amazônia reorganizando a floresta e, ao mesmo tempo, melhorando a vida de outras pessoas, por meio da oferta de alimentos de excelente qualidade: polpas congeladas de açaí e cupuaçu, palmito, borracha de seringueira, farinhas de pupunha, castanha do Brasil, café, coco, cumaru-ferro, araçá-boi, mel e outros produtos.⁴ Por isso, a Amazônia é o bioma que desafia a todo o Brasil: será criado, a partir das práticas dos povos ancestrais, dos quilombolas, dos ribeirinhos, dos caboclos e das novas experiências, um novo modo de fazer desenvolvimento, melhorando a vida em convivência com a floresta e os rios? Ou, ao contrário, se teimará em seguir o tipo de desenvolvimento econômico que está acabando com as condições de vida nos demais biomas do Brasil e do mundo?

— Pois é, tio, eu tenho uma curiosidade: há quanto tempo e como vivem os indígenas na Amazônia? — quis saber Francisco.

⁴ Cf. RECA. *Nosso jeito de caminhar – A história do Projeto Reca contada por seus associados, parceiros e amigos*. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, 2003.

— A história deles é longa: vivem nesta região há doze mil anos ou mais. Por isso, a história ou histórias – pois são diferentes e próprias de cada povo – de Pindorama são bem mais longas do que a história do Brasil. Não se tem muitas informações, já que estes povos não deixaram escritos. Mas existem muitos sinais que ajudam a ler sua história. Foram povos pescadores, coletores e agricultores. Usavam os rios para se comunicar, trocar produtos, acertar casamentos. Como sua história é longa, a ideia dominante é a de que eles eram andarilhos, não se fixavam num lugar. Os sinais estudados, contudo, mostram que, sim, eles criaram povoamentos que duraram muito tempo; são as regiões de beira de rio em que ainda são encontradas manchas diferentes de solo, conhecidas “terras pretas de índio”. Na verdade, o mais provável é que sejam “resultado do acúmulo contínuo de restos orgânicos – ossos de peixe e outros animais, cascas de frutas e raízes, fezes, urina, carvão etc. – em aldeias sedentárias ocupadas durante muitos anos ou décadas; (...)seriam locais de habitação no passado”.⁵ Em algumas regiões, essas terras existem há 4 mil anos, outras há menos de 2 mil anos, e outras há 1.400 anos.

A história deles como agricultores é tão longa, que muitos alimentos que parecem ter sido encontrados na natureza, são, na verdade, resultado da “domesticação de plantas”, transformando-as em espécies saudáveis e que podem ser cultivadas perto de casa, dando origem à prática da “agricultura”. Entre outros, foram domesticadas pelos povos das Américas: o abacate, o abacaxi, a abóbora, o amendoim, a batata, o caju, o feijão, o mamão, a mandioca, o maracujá, o milho, a pimenta-vermelha, a pupunha, o tabaco e o tomate.⁶ A mandioca, por exemplo, tem uma história de 7 mil anos: uma planta, encontrada na floresta, com raiz venenosa, foi sendo trabalhada até tornar-se a planta tão agrícola e doméstica de hoje, que necessita da ação humana para reproduzir-se, já que raramente se reproduz pela semente. Foram os povos indígenas tupi-guarani da região do alto rio Madeira que fizeram esse processo. No final, chegou-se a uma planta que tem raízes grandes, não mais venenosas, e rama relativamente pequena: fontes fáceis de alimentação. Para chegar a isso foi sendo acumulado trabalho inventivo e atento de gerações, provavelmente feito por mulheres. Aliás, segundo um

5 NEVES, Eduardo Góes. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 53.

6 *Ibidem*, ib., p. 31 e 35.

amigo que vive em São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro, povos indígenas da região continuam investindo na melhoria dos mandiocais através do cruzamento de diferentes tipos de sementes.

— Beleza, tio, essa boa notícia sobre nossos povos indígenas — falou Andreia. Está na hora de reconhecer suas qualidades. Chega de falar mal deles e de negar seu direito de viver como povos.

— De fato, tio — emendou Ana - eu não sabia — e quantos brasileiros/as sabem? — que tantos alimentos têm a marca, isto é, a sabedoria, o trabalho, a criatividade dos povos indígenas. A negação deles é tão forte que a gente fica pensando que tudo veio lá da Europa e dos Estados Unidos da América do Norte, por serem “povos desenvolvidos”.

— Não se trata de negar os novos conhecimentos, elaborados, agora, de forma científica — comentou Pedro. O que se deveria fazer é que os conhecimentos da ciência moderna sejam aplicados do mesmo modo que os povos indígenas fizeram: modificando, sim, domesticando espécies, criando novas, mas sempre convivendo com o todo da floresta, dos rios, dos lagos. Nada de pretender começar do zero, fazendo outra natureza. Aliás, desde que europeus invadiram a Amazônia, ela só foi pensada de fora e para fora; não se elaborou, ainda, um projeto com o protagonismo dos povos da Amazônia e em favor de seu desenvolvimento. O Brasil, e mesmo os demais países do mundo, querem que a Amazônia seja isso ou aquilo, mas não se sentam com os povos amazônidas para definir qual Amazônia eles querem construir.

— Mas não seria perigoso isso, tendo presente que muita gente que vive lá chegou de outras regiões nas últimas décadas e pode querer o mesmo “progresso” que foi feito nas demais regiões? — perguntou Laura.

— Existe esse perigo, sim. Por isso, a elaboração de um projeto deveria ser fruto de um longo debate, em que se analisa o que foi feito e em que se deve ter presente o que se conhece hoje sobre a importância da Amazônia para o Brasil e para todo o Planeta Terra. E especialmente em que se faria o debate sobre as experiências positivas de convivência com a Amazônia. Até mesmo as cidades deverão ser repensadas, fazendo que sejam cidades diferentes, atentas às características do bioma amazônico. Isso não é fácil, mas é possível. E se não for feito, todos seremos atingidos pelas consequências.

— Basta lembrar o que já estudamos sobre o Sudeste — exemplificou Andreia: sem a Amazônia, pelo que tenho lido, com a umidade de ontem e de hoje, que joga no ar, todo dia, mais água do que o Amazonas joga no mar, o Sudeste seria seco.

— Pois essa umidade está ameaçada de ir diminuindo e, por causa disso, pode aumentar o desequilíbrio de quente e frio, de enchentes e secas — completou Pedro. Existem três coisas que vão ameaçando a Amazônia como “bomba de água”: o fim dos gelos nos altos da Cordilheira dos Andes — que podem desaparecer em poucos anos por causa do aquecimento global; a diminuição das águas que vêm do bioma Cerrado — como veremos em outro momento; e, finalmente, o aumento das áreas desflorestadas na própria Amazônia. De toda a Amazônia, que dividimos com outros sete países — Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Suriname, Guiana —, mais de 60% está no território brasileiro. É nele que está o chamado “arco do desmatamento”: é o avanço da derrubada da floresta que vai do Cerrado para dentro na Amazônia, principalmente em Rondônia, Mato Grosso, Tocantins, Pará e Maranhão. Vai junto com o “avanço do progresso capitalista”. Já foi desmatada uma área igual a três vezes o território do Estado de São Paulo.

Em outras palavras, corre-se o risco de fazer uma troca em que todos perderão: o valor inestimável da “bomba de água” que é a Amazônia por uma geração de riqueza para poucos e por pouco tempo, pois se a Amazônia deixar de ser úmida e quente, nem fértil será; na verdade, sua temperatura, se aumentar em torno de cinco graus Celsius, em média anual, como se prevê para o ano 2100, quem e o que realmente se adaptará a viver nessa região?!

— Prevê-se aumento tão grande de temperatura? — perguntou Ana, assustada, como seus amigos.

— É com tristeza que falo isso, mas quem prevê isso, e com segurança científica de mais de 90%, são os mais de 2.500 cientistas do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, em inglês), organizado pela ONU, no seu quarto Relatório, publicado em fevereiro de 2007,⁷ e confirmado, em 2014, no quinto Relatório. Ao estudar e estado de saúde

7 Pode ser encontrado, em português, no espaço do PNUMA, ONU, ou no sítio <www.ipcc.cg>.

do Planeta, deixaram claro que, se não forem atacadas as causas que provocam o aquecimento, uma das áreas gravemente atingidas será a Amazônia. Junto com o aumento da temperatura, ela poderá ficar sem floresta, voltando a ter uma vegetação mais parecida com o que resta do Cerrado. Se acontecer isso, ela voltará à vegetação que teve antes que houvesse o aumento de águas vindas do Oeste, depois que a Cordilheira dos Andes se elevou e fez as águas correrem na direção Leste, juntando as águas no grande Amazonas.

— É por isso que há grupos que dizem que toda a humanidade deve mudar com urgência e profundidade? — perguntou Francisco.

— Como diz Leonardo Boff, “ou mudamos todos ou morremos todos”. Como todos precisam da Amazônia, todos devem estar dispostos a colaborar para que isso seja motivo de *bem viver* para todas as pessoas que vivem neste bioma. Mas nós voltaremos a tudo isso, a depender das perguntas que vocês prepararem para o próximo encontro. Por hoje, já chega, não acham?

Pedro observara movimentos de preocupação do grupo, certamente por causa do adiantado da hora. De fato, a despedida foi rápida.

— Está ótimo o assunto, mas está ficando tarde e a gente precisa voltar pra casa. Boa noite, tio — disse Lucas.

— Boa noite — foi respondendo Pedro a todos que iam partindo com pressa, acompanhados por Ana até a saída da casa.



IV

Cerrado: onde está o território dos povos da claridade?

*Nem tudo que é torto é errado.
Veja as pernas do Garrincha
E as árvores do Cerrado.⁸*



⁸ BEHER, Nicolas. *Beijos de hiena* - 1993. In Maria Gilda Queiroz Furiati. *Brasília na poesia de Nicolas Behr: idealização, utopia e crítica*. Tese de Mestrado, UNB, 2007, p. 10.

Estava chegando a hora de pensar o Brasil a partir do bioma Cerrado. Em princípio, o mais conhecido pelo grupo, já que todos os membros do grupo vivem nele. Mas como provavelmente todos haviam nascido na cidade, Pedro se perguntava: será que fazem ideia das características deste bioma? É provável que tenham informações superficiais, desarticuladas; em geral, estuda-se muito pouco a própria região nas escolas.

Como provocar curiosidade em relação ao Cerrado? Esta pergunta acompanhou Pedro todos os dias que se seguiram ao encontro sobre a Amazônia. Ele sabia que o grupo voltaria com muitas curiosidades sobre a Amazônia, mas era preciso dar um passo adiante, e seria fundamental acertar o caminho. Decidiu que o melhor, nesse caso, era apresentar a história da formação do Cerrado, criando a possibilidade de perceberem as mudanças profundas feitas pelo ser humano nas últimas décadas. Isso poderia ajudar a perceber o que está acontecendo com todo o Planeta, já que foi nesse mesmo período que o aquecimento global deu sinais de um aumento que pode ficar incontrolável.

No dia e hora combinados, lá estava todo o grupo, novamente no espaço aberto, perto do tronco seco de mangueira. O fim de tarde estava muito agradável, e o grupo, muito animado.

— Bem-vindas e bem-vindos! — começou Pedro. Pensaram muito sobre o Brasil que estamos descobrindo? E sobre o bioma amazônico, o que mais desejam saber?

— Trocamos muitas ideias entre nós e até preparamos algumas perguntas em conjunto — falou Ana. Na verdade, o grupo está ficando cada dia mais unido e a professora está estranhando algumas das perguntas que estamos fazendo. Mas vamos lá, galera: quais as perguntas?

— Qual a importância da biodiversidade amazônica?

— É correto dizer que os índios ficam com terra demais? E os apoiadores deles, são mesmo grupos que desejam a internacionalização da Amazônia?

— Por que há grupos que não aceitam a construção de hidrelétricas nos rios da Amazônia?

— Além dos povos indígenas, quais outros grupos preservam o bioma?

— Isso é tudo — falou Ana. Agora, se você acha que ficou fora algum ponto importante, achamos bom que acrescente.

— Muito bem. Vamos começar com a biodiversidade. Quando havia muitas florestas, os rios e mares estavam preservados e o ar estava puro, imaginem a quantidade de seres vivos que havia! Imaginem a variedade de vegetais, animais, peixes, insetos... Os seres vivos relacionam-se entre si, precisam uns dos outros. Havendo a possibilidade de sua reprodução, o equilíbrio instável existente entre as muitas espécies se mantém por muito tempo.

Mas aí, com a chegada do ser humano, o espaço passa a ser organizado em função de sua vida, da vida de suas comunidades. Enquanto sua atividade esteve voltada para a vida, a sua intervenção sobre a Terra teve um ritmo que não chegou a provocar grandes desequilíbrios. Na hora em que, contudo, a vida passou a ser quase desculpa para fazer negócios, enriquecendo quem controla como proprietário privado espaços da Terra e quem controla a produção e a venda de muitos produtos, aí aumentou o ritmo das mudanças no espaço terrestre. Para dispor de mais madeira e mais solo limpo para outros negócios, florestas foram sendo derrubadas. Para dispor de peixes e frutos do mar para seus negócios, mares e rios foram sendo modificados. Enfim, o fato é que, hoje, estão na Amazônia mais de 30% de todos os seres vivos ainda existentes no planeta. Por isso tudo, ou ela é o último grande santuário da biodiversidade, ou é o último grande espaço a ser controlado e modificado a serviço dos interesses humanos.

— Quer dizer, então, que os estrangeiros insistem tanto na preservação da Amazônia porque já não contam mais com florestas e biodiversidade? — perguntou Lucas.

— E é por isso que há estrangeiros que, tendo acabado com a biodiversidade em seus países e biomas, querem apropriar-se da biodiversidade da Amazônia. Pior: é por isso que há grupos econômicos e até pessoas do Brasil que defendem o “direito” que o Brasil teria de fazer o mesmo caminho que gerou o progresso e a riqueza dos países mais ricos: desflorestar, acabando com a biodiversidade.

— Esse pessoal está louco, tio — refletiu Andreia. Será que não veem que, agindo desse modo, a biodiversidade que resta vai acabar em pouco

tempo?

— É, Andreia, essa é a loucura criada pelo “desenvolvimento” comandado pelos que detém o capital. O princípio é esse: não se pode perder um bom negócio. Para continuar crescendo, reproduzindo o capital num movimento sem fim, não se deve deixar de apropriar-se de tudo que pode ser fonte de novas riquezas. Por isso, por exemplo, os grandes laboratórios multinacionais brigam, e com todo tipo de armas, para serem proprietários das espécies de seres vivos existentes nesse espaço pouco explorado. Inventaram até uma lei nova para isso: é a lei de patenteamento de seres vivos. É por meio dela que as empresas defendem que, uma vez registrados, são propriedade privada delas todo conhecimento e todo o uso dos seres vivos registrados por elas antes do que pelos concorrentes. Como o Estado brasileiro não aceitou a imposição de uma lei tão “liberal”, há uma verdadeira guerra, uma pirataria da biodiversidade amazônica. Para dar um exemplo: se não fosse derrubada nos tribunais internacionais a “patente” da fruta brasileira cupuaçu, bem como do “cupulate” — um tipo de chocolate feito a partir do seu caroço —, os brasileiros deveriam pagar licença, “royalties”, a uma empresa japonesa toda vez que comessem ou desejassem fazer suco, ou sorvete, ou cupulate com nosso cupuaçu.

— Que coisa horrorosa! — desabafou Paulo. Quantas dessas patentes já existem?

— Não se tem essa informação. Mas como, até agora, os movimentos de defesa da Amazônia não conseguiram que o governo melhore e aplique a legislação que define o direito de propriedade de estrangeiros, o que se sabe é que tem aumentado a quantidade de terra apropriada por eles. Sendo proprietários, esses grupos nem precisam de ONGs para fazer esse trabalho.

— Mas existem organizações não governamentais que fazem isso? — quis saber Laura. Ouvi dizer que haveria até Igrejas que faturariam com esse tipo de negócio.

— Podem e devem existir; e se forem pegas nesse tipo de atividade, devem ser punidas, e até expulsas do país. Mais complicado é punir um grupo que faz isso e é constituído por brasileiros; mas é fundamental que o Estado brasileiro tenha essa capacidade e vontade política de combater a

biopirataria. Agora, essa acusação de que todas ou a maior parte das ONGs, bem como organizações eclesiais que trabalham junto a povos indígenas, seriam “agentes de grupos ou países estrangeiros”, não se sustenta nos fatos; é discurso de quem têm preconceito em relação aos povos indígenas e quer, na verdade, que a Amazônia vire propriedade privada de grupos empresariais, nacionais ou estrangeiros, considerados os únicos capazes de “levar o desenvolvimento” para a região. Há muitas ONGs e pastorais de Igrejas que prestam um bom serviço aos povos amazônidas; são caluniadas e perseguidas por causa disso.

— Já que você falou disso, então também é calúnia o que se diz dos povos indígenas: que não seria correto entregar tanta terra a eles, já que não fazem nada?

— É isso, Laura, ainda há pessoas, e até autoridades, que defendem o “decreto de extermínio”, que tem a idade da colonização europeia. Querem que os povos indígenas desapareçam, liberando as terras para “quem sabe o que fazer com elas”. E a gente está vendo o que eles sabem fazer, não é mesmo?! Por que não se tolera a existência dos povos indígenas?

— Porque são diferentes: línguas, culturas, religiões, modos de viver.

— Porque não entram na sociedade de consumo: não vendem nem compram quase nada.

— É por isso mesmo. E hoje, com o aumento terrível da febre da Terra, por causa do aquecimento causado pela busca louca de crescimento econômico sem fim, o modo de vida dos povos ancestrais é, ao mesmo tempo, uma reserva de conhecimentos para salvar o Planeta, e uma acusação viva contra os que ainda defendem o desflorestamento como algo necessário para produzir alimentos e extrair minérios; na verdade, para produzir mercadorias, fontes de enriquecimento. Por isso, é fundamental manter a imagem de que são improdutivos, atrasados, um peso para a sociedade civilizada. Mas a teimosia destes povos está produzindo frutos e muitas pessoas estão se interessando por sua sabedoria. No Fórum Social Mundial, realizado em Belém, Pará, no final de janeiro de 2009, os povos da Amazônia reafirmaram seu modo de viver, integrado aos biomas, e convocaram a todos para uma grande mobilização, um grito imenso para salvar o Planeta. Eles sempre disseram: a morte de Pachamama, a Mãe Terra, é a morte também de seus

filhos. Por isso, seu modo de vida só continua quando cada povo tem seu território, como, agora, está reconhecido nas novas Constituições da Bolívia e do Equador, e foi conquista da cidadania dos povos ancestrais; cada povo tem direito a um espaço comum em que os seres humanos convivem com os demais seres vivos. No Brasil, e na Amazônia especialmente, há proprietários que, em proporção, controlam mais terra do que os indígenas; só que desses os ricos não reclamam, porque desejam ter o mesmo “direito”, e, para isso, é preciso continuar usurpando as terras dos povos indígenas.

— Os que são contra os territórios indígenas são os mesmo que são favoráveis à construção de hidrelétricas na região? — quis saber Francisco.

— São os mesmos, sim. Eles não conseguem aceitar que é preciso mudar nossa relação com a Terra se quisermos viver por mais tempo neste Planeta. Veem oportunidades de negócios, e não querem perder. A maior parte da energia que será produzida terá igual destino da gerada na hidrelétrica de Tucuruí, no Rio Tocantins, no Pará: mover as grandes empresas que exportam minérios; nem os que moram perto de Tucuruí foram favorecidos por energia! E acontece que, como a região é baixa e bastante plana, as águas represadas se espalham por grandes extensões, matando a floresta existente; e mudam completamente o ambiente de vida de todos os seres vivos. Por isso, os que combatem a construção de grandes hidrelétricas não são contra a produção de energia; são contra a falta de investimento em outras fontes de energia, como vento, a luz solar, os lixões, bem como colocam em questão a energia barata ou gratuita repassada a empresas que agridem o ventre da Terra para retirar minérios para exportar...

— Todo povo da Amazônia é contrário a essas construções? — perguntou Ana.

— Não, infelizmente. Como nas outras regiões, muitas pessoas têm a cabeça feita pelos governantes e pelas empresas, que contam com o apoio da grande mídia. Acham que isso vai trazer progresso. Mas, aos poucos, vão se dando conta de que essa pode ser uma história mal contada. Em 2005, houve uma seca muito forte em toda a Amazônia, com mortandade de peixes e animais, gente passando fome e sede. Isso levou muita gente a perguntar-se: como é possível isso? E começaram a suspeitar que, talvez, os povos indígenas tivessem razão. Isso levou os movimentos sociais a cui-

dar mais de sua articulação: separados, cada movimento tem pouca força; unidos, aumenta a capacidade de construir caminhos alternativos e de pressionar em favor de novas políticas para a Amazônia. Já existem movimentos de ribeirinhos, de seringueiros, de quilombolas, de quebradeiras de coco babaçu, de economia solidária, de artesanato, de comunidades de pescadores artesanais... E cresce o número de iniciativas que, como o RECA, abrem caminhos de convivência com a Amazônia.

Quero destacar mais um ponto, em geral pouco aprofundado. É verdade que a maior ameaça à floresta está nas madeiras e nos ricos que querem multiplicar suas fazendas de gado e, em seguida, de soja, cana-de-açúcar... Mas, e se ninguém se interessasse por madeira, por carne, por soja, por álcool combustível, será que essa ameaça continuaria existindo? Como o que buscam é mais lucro, certamente não investiriam na produção dessas mercadorias. Em outras palavras, até nossas famílias podem ter responsabilidade em relação ao avanço desses tipos de produção na Amazônia; mas também, e provavelmente com maior força, as empresas e consumidores estrangeiros têm a ver com a derrubada da Floresta Amazônica. Por isso, a conscientização dos consumidores, junto com a fiscalização pra valer das empresas, são medidas essenciais para que se dê força aos povos da Amazônia na definição de um projeto de desenvolvimento socioeconômico que seja bom para eles, para todo o Brasil e para toda a Terra.

Depois de um breve tempo de silêncio, em que cada jovem foi convidado a pensar sobre a sua relação com a Amazônia, Pedro abriu o diálogo sobre o Cerrado.

O bioma dos “andarilhos da claridade”

— Vamos dar um passo novo em nossa descoberta do Pindorama e do Brasil — retomou Pedro. Vizinho do bioma Amazônia, interagindo com

ele nas áreas de transição de um para o outro, está o Cerrado. Como é nele que vivemos, creio que vocês devem conhecê-lo melhor. O que vocês gostariam de destacar?

— Tio Pedro, não existe o provérbio “em casa de ferreiro, espeto de pau”? Pois é — falou Lucas — acho que conhecemos pouca coisa de nosso berço de vida, o Cerrado. Eu, por exemplo, não sei quase nada da história dele, nem mesmo de Goiás, o Estado em que vivemos.

— Está certo, Lucas, comentou Pedro, mas eu gostaria que vocês dessem notícias do que foi que mudou e está mudando nessa região central do Brasil.

— Bem, tenho escutado que essa foi a região que mais mudou — falou Francisco. A plantação de grãos aumentou tanto que ela está sendo chamada de “novo celeiro do Brasil”.

— E continua, assim mesmo, como uma região forte também na pecuária — acrescentou Andreia. Basta ver a importância dada às feiras, aos rodeios, às festas de pecuária nos diversos estados. Isso marca até o gosto de muita gente por um tipo de música e dança; é importada, mas ligada ao campo, à criação de gado. Aliás, parece que a maior parte da carne de gado da região é destinada à exportação.

— E agora, a onda é plantar cana para produzir álcool — destacou Ana. Falou-se até na construção de um alcoolduto, jogando o produto daqui direto nos navios, para que chegue a outras partes do planeta.

— É mesmo, Ana — acrescentou Paulo — eu mesmo sou testemunha disso. A região em que nasci, e onde ainda vive parte de minha família, conhecida como Vale do São Patrício, e que tem Ceres como cidade-polo, está sendo totalmente tomada pela cana. E olhem que foi um celeiro de cereais, de arroz, feijão, frutas e legumes. Aos poucos, quem vai ganhar mesmo serão somente os donos das usinas. É verdade que, já antes, não sobrou quase nada da vegetação do Cerrado, mas pelo menos a terra era destinada à produção de alimentos. E como isso era feito em pequenas e médias propriedades, a renda era mais repartida. Eu acho que o que vai aumentar por lá vão ser as doenças, provocadas pelas queimadas da cana e pelos venenos que vão contaminando as águas; e vai crescer também a miséria. Já

aconteceram, em Carmo do Rio Verde, revoltas dos trabalhadores da usina; com ajuda da Delegacia Regional do Trabalho, muitos deles, depois de receberem indenização por causa das condições de trabalho muito próximas da escravidão, preferiram voltar para suas casas, no Piauí e Maranhão.

— Você está falando a verdade, Paulo — completou Laura. O município de minha família, Santa Helena, é o exemplo do que acontece com quem se deixa encantar com o plantio da cana. Lá, hoje, quem ganha tudo são os poucos donos das usinas, já que controlam 80% das terras. Antes da cana, a terra de lá era toda destinada à produção de soja, algodão, milho, e a renda, mesmo se concentrada, ia para mais gente. Agora, até revendedoras de carros fecharam as portas, por falta de compradores.

— Que coisa boa, gente! Vocês desenharam um quadro quase completo da realidade do Cerrado. Faltou lembrar que, mesmo antes do reinado da cana-de-açúcar, a terra foi sendo apropriada por grandes proprietários, que, ao avançar no uso de máquinas agrícolas e insumos químicos, dispensaram muitas famílias de trabalhadores, que se viram forçadas a inchar as cidades. Vejam que Brasília foi inaugurada em 1960, e que Goiânia e Anápolis tiveram aumento explosivo de população nos últimos trinta anos. Isso vale também para Campo Grande, Cuiabá e outras cidades. Então, junto com as mudanças que aconteceram na apropriação e uso da terra, a região teve um acelerado processo de concentração da população nas cidades, criando desafios imensos tanto para a sobrevivência quanto para a urbanização.

— É isso mesmo — confirmou Laura. Nós mesmos somos nascidos nas cidades, mas quase todos os pais vieram da roça.

— E fazenda é, para nós, lugar de passeio — emendou Lucas. A gente já não sabe fazer nada na roça.

— Pois é, essa migração para as cidades pode levar a um descuido em relação ao que vai acontecendo com o bioma. A água é vendida já tratada e a comida está nas prateleiras dos supermercados. Isso pode criar a ilusão de que está tudo normal, e que vai continuar sempre assim. Para muita gente, por exemplo, chuva é só incômodo; tempo bom seria quando não chove. Só que isso pode fazer com que as pessoas não se deem conta do drama da água no Cerrado. Para que vocês tenham uma chave de leitura do

que está acontecendo com o Cerrado, pensei em contar um “causo”, seguindo o jeito goiano de falar.

Os primeiros humanos chegaram por aqui há uns 12 mil anos. Vieram de outras regiões, meio empurrados por mudanças que aconteceram por lá. Procuravam lugar para viver melhor. Não eram aventureiros, em busca de riqueza. Eram famílias, e numerosas, parte importante de diferentes povos. Quando chegaram, ficaram admirados com a claridade que havia na região. O sol, que entrava fácil pelas árvores retorcidas, era de doer os olhos. Mas era lugar bom para viver. Era pequena a diferença entre os tempos mais quentes e os mais frios. Na verdade, os mais frios eram dias e meses sem chuva; nos mais quentes, chovia muito, mas não faltava sol.

Um estudioso da história destes povos, chamado Altair Barbosa, diz que um bom nome para eles é “Andarilhos da Claridade”.⁹ Ele trabalha e ensina no Memorial do Cerrado, da Pontifícia Universidade Católica. São povos que se encantaram com as possibilidades de vida nessa região plana e alta, um planalto. Encontraram água à vontade, em nascentes protegidas por matas mais densas, em córregos e rios, alguns deles com grande quantidade de água. Eram águas que nasciam em serras, não muito altas, mas parecia que brotavam da terra por todo lado. Como havia água o ano todo, mesmo nos tempos mais “secos”, sem chuvas, eles foram notando que o solo guardava a água dos tempos de chuva, e isso mantinha vivos os pássaros, as plantas, os animais, os peixes.

Não havia falta de comida. Em cada tempo havia flores, frutas, folhas e cocos diferentes. Peixes e animais, havia o tempo todo. Bastava, então, ter cuidado para montar a aldeia, num tempo, mais perto das nascentes e rios, e noutro, em lugares um pouco mais altos, para não serem atingidos pelas cheias.

De todos os berços de vida existentes no território brasileiro, esse, que depois foi chamado Cerrado, é o que a Terra formou há mais tempo. E é bastante estável, sem terremotos, vulcões, sem grandes desastres provocados por chuvas e por secas. O clima, mesmo sendo quente e seco, conta com uma temperatura favorável à vida, sem grandes picos de calor e frio. É por isso que os andarilhos da claridade, que continuaram chegando em diferentes tempos, se reproduziram bastante, formando povos numerosos.

9 BARBOSA, Altair Sales. *Andarilhos da Claridade – Os primeiros habitantes do Cerrado*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás. Instituto do Trópico Subúmido, 2002.

A história humana no Cerrado tem em torno de doze mil anos. Faz mais ou menos trezentos anos que descendentes dos colonizadores europeus, já “brasileiros”, foram avançando sobre as terras do Cerrado, em busca de ouro e pedras preciosas. Entraram em conflito com os povos andarilhos da claridade, forçando-os a ser seus escravos, inicialmente para extrair ouro e pedras preciosas, mas logo em seguida, para trabalhar nas fazendas de criação de gado nos territórios tomados aos indígenas. E o resultado desses trezentos anos é que praticamente desapareceram os andarilhos da claridade. Foi um terrível genocídio e etnocídio, isto é, povos foram mortos por meio da violência e/ou pela transmissão de doenças, e com eles, desapareceram etnias e culturas, com toda a riqueza de sua história e valores. O que resta, por exemplo, do glorioso povo Goyá, o nome do Estado localizado no centro do Cerrado. De alguns povos, como o Xavante, resta um pequeno número de pessoas que vivem em aldeias, mas que, ainda hoje, tem seus pequenos territórios ameaçados.

O mais incrível é o que vou contar agora. Somando o que fizeram os povos andarilhos da claridade em seus doze mil anos de história, com o que fizeram os colonizadores “brancos” em seus trezentos anos de violência, saque e exploração, a ação humana não chegou nem perto do que foram capazes de fazer os empresários rurais nos últimos trinta anos. É isso mesmo: nos últimos trinta anos. Vejam o que aconteceu: em aproximadamente 11 mil e 970 anos, os seres humanos derrubaram e, às vezes, fizeram queimadas em 12% da cobertura vegetal do Cerrado; com a velocidade da implantação do agronegócio, a ganância humana conseguiu derrubar e queimar, em mais ou menos 30 anos, mais de 70% da vegetação do Cerrado – e, claro, junto com a vegetação, seja pela ação do fogo, seja pelo envenenamento que acompanhou a nova agricultura, também foram mortas e desapareceram muitas espécies de animais, aves, insetos, peixes e microorganismos típicos do bioma. Com isso, o Cerrado conta, hoje, segundo os estudiosos mais otimistas, com algo em torno de 30% da mata e da biodiversidade que o faz um bioma; para outros, pessimistas ou realistas, restaria perto de 15%, e, por isso, concluem que o bioma Cerrado já não existe. O que resta são pequenas áreas de Cerrado, isoladas, em geral descuidadas e ameaçadas pelos que desejam vê-las “limpas” para produzir a riqueza que lhes interessa.

Qual é a festa que se pode fazer pelo fato de o Cerrado ter sido transformado no “celeiro do Brasil e do mundo”? Alguns poucos enriqueceram, é claro. Algumas empresas transnacionais, japonesas principalmente, tornaram-se mais ricas e po-

derosas no comércio internacional de grãos e produtos industrializados; nos últimos anos, algumas usinas de álcool de cana-de-açúcar concentraram em suas mãos e bolsos muita riqueza. Mas a terra foi concentrada, na forma de propriedade privada, em poucas e poderosas mãos, expulsando muitos camponeses para as cidades. A região depende cada vez mais dos outros países, de sua vontade de comprar as mercadorias daqui. E, finalmente, ninguém quer responder seriamente a pergunta: até quando vai durar essa farra?

De fato, o Cerrado é a região do Brasil que foi modificada mais rapidamente. Por isso, é também o bioma que está mais ameaçado em seu equilíbrio instável, que tornou e continua tornando possível a vida nele. O esgotamento do solo, junto com a diminuição das águas, desenha uma certeza em relação ao futuro: a desertificação. E até quando se contará com água para viver na região? Ninguém sabe. O que se sabe é que diminui a cada ano o tempo das chuvas, e aumenta o tempo seco. E isso, somado ao tanto de água que é destinada, quase sempre com desperdício, à produção de soja, milho, algodão e cana-de-açúcar, bem como à criação de bovinos, que são grandíssimos consumidores, e à produção de hidroelectricidade, já secou muitos córregos e alguns rios, projetando um futuro nada promissor. Na verdade, é hoje uma região exportadora de água “virtual”, escondida nos produtos.

Pedro calou-se, cansado, não tanto pelo esforço para contar o caso, mas pelo peso contido nessa história. Olhou atentamente o rosto dos jovens reunidos ao seu redor e sentiu que estavam assustados. O silêncio foi mais pesado do que longo, o suficiente para que Lucas, sempre o mais espontâneo, desabafasse:

— Mas então, tio Pedro, nossa vida por aqui não tem muito futuro!

— Será possível evitar que isso aconteça? Existem grupos e movimentos que trabalham em defesa do Cerrado? — perguntou Andreia.

— Por que não se fala disso nos meios de comunicação? E nem mesmo nas escolas? — indagou Ana.

Depois de mais um tempo de silêncio, em que Pedro esperava que outros falassem, por um lado, e também dando sinais de que procurava uma resposta, finalmente falou:

— É claro que existem movimentos em favor do Cerrado. Um deles tenta a aprovação de uma lei que declare o Cerrado patrimônio cultural

nacional, mas está há muitos anos no Congresso Nacional e não avança por causa da oposição dos que apoiam o agronegócio; esses desejam, na verdade, que também o resto do Cerrado seja incorporado às iniciativas econômicas capitalistas.

— Eu acho que eles não sabem que a derrubada da vegetação do Cerrado está causando tantos estragos e ajuda a colocar a vida em perigo — comentou Francisco. Mas, se sabem e querem continuar fazendo, então são pessoas inimigas da humanidade.

— E de toda a vida — completou Pedro. Na verdade, Francisco, é meio difícil alguém dizer que não tem informações sobre os efeitos do desflorestamento, em qualquer dos biomas. O que acontece é que a cabeça dos grandes proprietários está dominada pelos que se beneficiam com a prática econômica de venda de mercadorias, ligando agricultura e indústria, e as duas ao comércio e ao capital financeiro globalizados. A busca de lucros os prende ao curto prazo e são levados a explorar ao máximo os recursos; no caso do agronegócio, a explorar ao máximo a terra, a água, as sementes transgênicas, os insumos químicos, sem aceitar o debate sobre o fato de que os recursos são finitos e sobre os efeitos de suas práticas agrícolas. Tudo é justificado em nome da ciência, do crescimento econômico, da produção de alimentos para derrotar a fome. Se isso fosse verdadeiro, haveria motivo para a existência de pessoas que passam fome em Goiás, Mato Grosso, em todo o Cerrado, em todo o Brasil? A verdade é que, quando se produz cereais para gerar lucros, e cada vez maiores, só quem tem dinheiro para comprar consegue enfrentar a fome e outras necessidades...

— É mesmo, por aqui se produz muito mais do que o povo consome — comentou Paulo. Mas a maior parte é exportada, sem que as pessoas da nossa região possam aproveitar o tanto de alimentos produzidos. Os preços daqui não deveriam ser mais baixos do que os preços dos produtos exportados? Afinal, aqui quase não se gasta com transporte, por exemplo.

— Seria possível, e deveria ser assim. Mas essa tem sido uma das tentações da globalização capitalista: fazer que os preços locais sejam iguais aos preços internacionais. Tudo vai sendo definido nas grandes centrais de alimentos, ligadas às poucas grandes empresas que controlam a comercialização de cereais e outros alimentos no planeta; na verdade, pelo capi-

tal financeiro. O importante, para nosso estudo de hoje, é ter presente que o crescimento do uso econômico e político dos alimentos no mundo tem levado o Cerrado a ser visto como um espaço bom para aumentar rapidamente sua produção. E isso levou à loucura de destruir praticamente todo o bioma. Por isso, está colocado o desafio de diminuir o quanto for possível os efeitos que essa exploração do Cerrado está causando à região, ao país, à Terra como um todo. Podemos ver isso na primeira parte do próximo encontro, como sempre, a partir das perguntas de vocês. O que acham?

— Certo, tio — concordou Laura, já um tanto preocupada com a hora.

— Conversaremos entre nós — anunciou Ana — para trazer nossas dúvidas e reflexões. Até outro encontro, turma!

— Até! — foram dizendo os amigos e amigas, encaminhando-se para a rua.



V

Um Pantanal sem água?

Aqui é o Portão do Pantanal. (...)

Aqui o silêncio rende.

*Os homens deste lugar são mais relativos
a águas do que a terras.*

(Manuel de Barros)¹⁰



¹⁰ BARROS, Manuel de. Poemas; "Narrador apresenta sua terra" e "Mundo renovado". In: *Almanaque Brasil Socioambiental*, 2008, p. 190.

Ana percebeu que tio Pedro andava preocupado. Falava menos e parecia evitar o assunto dos encontros. O que estaria acontecendo? Afinal, as amigas e amigos estavam cada vez mais animados com os encontros e mostravam sua admiração pela sabedoria de tio. Nada melhor do que saber diretamente da fonte.

— E aí, tio, como está sua saúde? Notei que está com ares de preocupação ou cansaço...

— De saúde estou bem, mas...

— Mas, o quê? Não vai dizer que está preocupado com os nossos encontros?

— Estou, sim. Principalmente com o último. Tive impressão que o pessoal se assustou, e fiquei me perguntando se não entrei pesado demais.

— Nada disso, tio. A turma está adorando. É claro que a história do Cerrado chocou. Mas o pessoal disse: é melhor conhecer a verdade, mesmo se dói; só assim a gente pode pensar sobre o que se deve fazer, mesmo se parece difícil. Aliás, tio, os pais de um dos colegas são donos de um bocado de terra, e eles trabalham com soja. Mesmo assim, ele disse que quer ir fundo no conhecimento da ligação entre o que seus pais fazem e a situação do Planeta; e quer saber como se poderia ou deveria usar a terra sem colocar em perigo a vida.

— Puxa, Aninha, você está tirando um peso enorme de minhas costas. É possível, então, ir mais fundo em relação ao Cerrado e aos outros biomas?

— Pode ir fundo. Em nossas conversas, todos estão comentando que se sentem crescer com os encontros. Notam diferenças profundas com os livros de aula, mas sentem que você, tio, está falando da realidade.

— Tudo bem, então. Você poderia falar a eles que, no próximo encontro, depois de refletir sobre o Cerrado a partir das suas perguntas, nós começaremos a estudar o Brasil visto a partir do Pantanal. Seria bom pesquisarem na internet, nos livros de aula, e até entrevistar pessoas que conhecem esse bioma. Aliás, pode ser que alguns da turma já tenham estado por lá; nesse caso, que tragam fotos...

— Ótimo, falo com eles, sim.

Preparando-se para o próximo encontro, e agora com espírito mais livre, Pedro deu-se conta que será preciso dedicar um tempo ao tema da relação entre Cerrado e Brasil. Como seria o Brasil se fosse pensado a partir do Cerrado? Como pensar o Brasil do futuro a partir do Cerrado?

Cerrado: um grande desafio

O ambiente estava muito bonito, mesmo sendo no porão da casa. Num dos lados havia o Mapa dos Biomias do Brasil, fotos de paisagens e de seres vivos do Cerrado, imagens do Instituto do Cerrado, fotos de grandes plantações, alguns pequis... No outro, todo um ambiente do Pantanal, com fotos maravilhosas, especialmente de aves, árvores floridas e jacarés... E a primeira atividade do grupo foi completar os ambientes com o que haviam trazido. O espaço do Pantanal ficou muito maior, pois o pessoal trouxe livros, material impresso da internet, fotos de excursões...

O grupo chegou animado, e a animação cresceu com a contemplação dos materiais do ambiente. Quando todos se acomodaram, formando um círculo, Pedro pediu que apresentassem as perguntas que tinham sobre o Cerrado. Nem foi preciso insistir, pois Lucas logo tomou a palavra:

— A gente sabe que a situação da Mata Atlântica não está boa, mas gostaria de saber se o Cerrado, que ainda conta com mais vegetação nativa em pé, é mais frágil do que ela, e, por isso, quais as consequências do desflorestamento do Cerrado?

— E eu — logo completou Ana — gostaria de saber quais as consequências do desastre ecológico do Cerrado para o Brasil?

— E eu — insistiu Paulo — estou querendo saber quem foi que teve ideia de explorar o Cerrado do jeito que está sendo feito?

— Tio Pedro — falou Andreia — o pessoal lá de casa, num bate-papo que tivemos, acha que o Cerrado vai mal porque não se cuidou do

tipo de semente e do tipo de agricultura que seriam bons para a região. Foi isso mesmo?

— Como fiquei muito assustada com o perigo de ficarmos sem água, minha pergunta — disse Laura — é essa: e se for feito um plantio em grande escala de árvores do Cerrado, a situação pode melhorar? Penso que essa é uma questão que interessa a todo mundo, mesmo para o povo que vive nas cidades.

— Fiquei por último — declarou Francisco — porque, mais do que uma pergunta, eu trago um desafio: quem vai enfrentar a situação atual? De onde virá a força capaz de dar outro destino ao Cerrado?

Como suspeitava, Pedro viu confirmada sua preocupação: o grupo ficou com medo do futuro. Queria saber quem foi responsável pelo que aconteceu, mas estava mais interessado em conhecer as possíveis alternativas para viver no Cerrado. Por isso, decidiu responder as perguntas em dois blocos: no primeiro, juntando as perguntas sobre o que aconteceu até aqui e levou o Cerrado à situação atual; no segundo, refletindo sobre a construção do futuro do Cerrado.

— Vamos começar com as perguntas que tem a ver com a história do Cerrado até os dias de hoje. Quem teve a ideia de explorar o Cerrado? Isso não é coisa muito honrosa para nós. Quem se interessou e ofereceu recursos em grande quantidade foi uma empresa japonesa, JICA, formada com recursos do governo e de empresas privadas. E eles fizeram isso depois que vieram conhecer e estudar as possibilidades de usar o Cerrado para grandes plantações de grãos, especialmente o milho e a soja. O acordo foi feito com a ditadura brasileira, em 1974, que se comprometeu a completar com recursos brasileiros o que seria necessário para implantar o PRODECER – Programa de Desenvolvimento do Cerrado. O Japão apoiava a produção no Cerrado, mas exigia que a maior parte fosse exportada para suas empresas, aumentando seu poder frente as outras empresas de grãos, todas dos Estados Unidos da América do Norte e da Europa. Foi isso que envolveu muitos proprietários, e outros aceitaram vender suas terras porque o preço delas aumentou.

Movimentos sociais, de modo especial os animados pela Igreja Católica, como a Comissão Pastoral da Terra, mobilizaram a sociedade contra o

que consideravam perigoso para a região: poderia levar a um desmatamento generalizado do Cerrado e à expulsão dos camponeses da terra; além disso, exportar podia ser bom para os japoneses e os que iriam tocar o projeto, mas não para a região e até mesmo para o país. Melhor seria colocar em prática a reforma agrária, favorecendo os mais pobres e aumentando a oferta de alimentos. Como de costume, a ditadura não ouviu a ninguém. Nomeou quem quis para coordenar o programa. Com isso, foram introduzidas técnicas de produção que haviam dado certo para aumentar a produção em outras regiões, sem levar em conta as características do Cerrado: desmatamento, limpeza de grandes áreas, monocultura, uso de máquinas, irrigação, sementes selecionadas, insumos químicos.

Aqui entram duas coisas importantes: ao arrancar as árvores, o solo ficou sem as raízes, que, no Cerrado, são muito profundas – até três vezes o tamanho da parte visível das árvores – e importantes para manter a capacidade de armazenar a água das chuvas; sem elas, o solo fica compactado, as chuvas lavam a superfície, e escorrem para os leitos dos córregos e rios; diminui a renovação dos lençóis de água, pela falta das veias da terra. Por outro lado, mais do que nas regiões Sudeste e Sul, o solo sofreu muito quando foi exposto ao sol sem cobertura vegetal por longo tempo; é parecido com o que sofre um corpo nu exposto longo tempo ao sol!

Os que vieram para cá não se preocuparam em estudar sementes próprias da região. Estavam preocupados, sim, em adequar o solo daqui às sementes testadas em outras regiões. O que se fez foi adequar o solo às sementes e garantir água, por meio da irrigação. Quem olha só a quantidade da produção e dos lucros, ficou apaixonado pela região, pois ela garantia duas ou mais colheitas por ano. E com a falsa ideia de que haveria água à vontade, nem se preocuparam com a escolha da técnica de irrigação. O resultado é o que conhecemos agora: córregos e rios diminuindo ou secando; áreas em processo rápido de desertificação.

Agora, um comentário sobre as perguntas em relação ao futuro do Cerrado. Já vimos que há estudiosos que acham que o Cerrado já não existe como bioma; outros preveem que, se continuar o desmatamento na velocidade atual, o Cerrado acabará totalmente em 2030.¹¹ Com isso, terá ido pro

11 MACHADO, R. B.; RAMOS NETO, M. B.; PEREIRA, P. G. P.; CALDAS, E. F.; GONÇALVES, D. A.; SAN-

espaço a área com maior biodiversidade do Brasil. Aumentando o período sem chuvas, o calor também aumentará e será cada vez mais difícil viver na região. É preciso ter presente que o Cerrado é muito diferente da Mata Atlântica, de onde vieram os empresários do agronegócio; se lá, com o clima, solo, regime de águas e tudo mais que o caracteriza, a derrubada da vegetação trouxe estragos muito grandes, aqui o estrago já está sendo imenso e pode ser muito maior no futuro.

Para que se possam minimizar os efeitos do estrago feito, a primeira medida indispensável seria desmatamento zero, preservando o que ainda existe de vegetação e vida nativa. Junto com ela, reflorestação de todas as partes que sejam possíveis, de modo especial as que estão próximas às fontes, nascentes e leitos dos córregos e rios. Mas isso só será possível se o mais difícil for feito: abandonar as monoculturas e a pecuária extensivas; democratizar a propriedade da terra, apoiando os pequenos agricultores a replantar parte da área com espécies do Cerrado, a recuperar cuidadosamente o solo e a produzir alimentos por meio de uma agricultura agroecológica. Essa agricultura mistura os tipos de plantas e aposta na força da vida que está no solo, reforçado com adubos orgânicos, e não baseado nos insumos químicos, para gerar alimentos.

Quem tem poder para implementar essas medidas? Quem pensar que isso cabe aos governantes está certo, mas não de todo. Por quê? Pelo simples fato de que os governantes estão lá porque os cidadãos e cidadãs os colocaram em seus cargos; assim sendo, quem tem poder para exigir que os governantes façam o que deve ser feito é o próprio povo, ele que, por maioria, confiou o encargo de governar a eles. E para que isso aconteça, temos pela frente um grande desafio: criar oportunidades de educação para a prática da cidadania, e uma cidadania consciente do que está acontecendo no Cerrado e, por isso, disposta a exigir que sejam feitas mudanças profundas no tipo de ocupação e uso do território.

TOS, N. S.; TABOR, K. ; STEININGER, M. 2004. Estimativas de perda da área do Cerrado brasileiro. Relatório técnico não publicado. Conservação Internacional, Brasília, DF.
Disponível em <<http://www.conservation.org.br/arquivos/RelatDesmatamCerrado.pdf>>.

Um pantanal sem água?

— Vamos falar do Pantanal? — perguntou Pedro.

— Vamos! — foi a resposta em coro.

— O que vocês já sabem do Pantanal?

— Li em texto da internet que é a maior área inundável do Planeta — informou Andreia. Não quer dizer que fica inundada todo o tempo; mas que pode ser inundada. E quase todo ano acontece isso, na época da chuva, que se dá praticamente no mesmo período que no Cerrado: de outubro a março.

— Mas, por que essa região é inundável? — perguntou Ana?

— Acho que deve ser porque é região baixa — arriscou Lucas. E o tanto de água que está por lá nasce lá mesmo ou vem de fora?

— Pois é Lucas, aqui começamos a falar ao mesmo tempo do Pantanal e dos biomas vizinhos. De fato, o Pantanal é uma área mais baixa do que o Cerrado, e isso explica porque grande quantidade da água deste bioma vem exatamente do Cerrado. O Pantanal consome, por meio da evaporação e da transpiração dos seres vivos vegetais e animais, 35% mais do que o total das águas das chuvas que caem em sua área. Sozinho, isolado, ele seria uma região seca, com, talvez, alguns alagamentos na época das chuvas. Não é difícil entender isso. Basta lembrar que os lagos, gerados pela inundação, formam uma lâmina de água exposta ao sol, favorecendo a evaporação. É importante lembrar que seu clima é quente; no verão, chega a 38 graus célsius, e mesmo no inverno, sem chuvas, o sol bate direto sobre as lâminas de água.

Por isso, uma primeira e desafiadora conclusão: pensar o Brasil a partir do Pantanal, querendo um Pantanal favorável à vida, significa prestar atenção ao que acontece no Cerrado; se diminuirmos as águas no Cerrado, faltará água no Pantanal. Em tempos normais, pelo menos 35% das águas do Pantanal vêm de fora, do Cerrado. Na parte norte, a vazão de águas do Planalto ao Pantanal é de 72%, correndo pelos rios Paraguai, São Lourenço, Cuiabá, Correntes/Itiquira/Piquiri; no sul, é de 28%, entrando pelos rios

Taquari, Negro, Aquidauana, Miranda. Tudo somado, num ano com chuva abundante no Cerrado e no Pantanal, o Rio Paraguai chega a ter a largura de 20 quilômetros.

— Essa é boa, tio Pedro — comentou Ana. Quer dizer que precisamos cuidar do Cerrado para cuidar do Pantanal? E eu que achava que a gente poderia buscar água por lá na hora que faltasse aqui!

— Na verdade, o Pantanal é um bioma muito frágil — continuou Pedro. Como é uma planície — fica entre 60 e 150 metros sobre o nível do mar —, uma coisa simples como aprofundar em um metro o leito do principal rio, o Paraguai, para melhorar a navegação, causaria uma diminuição muito grande das áreas inundáveis. Para quem olha as coisas com superficialidade, essa seria uma obra necessária. Até os criadores de gado da região têm esse desejo, sem dar-se conta que, sem a inundação das águas, o solo resseca, ficando pouco ou nada produtivo. O conjunto da riquíssima biodiversidade deste bioma depende que ele continue pantaneiro, com inundações anuais em boa parte do seu território. Sem a presença da água, vegetação, peixes, mamíferos e aves sofrem, morrem ou partem para outras regiões.

— Seria uma pena, seu Pedro, se essa beleza desaparecesse — exclamou Paulo. A Amazônia é bonita, mas o que eu já vi de imagens do Pantanal é suficiente para que seja o meu maior desejo de área a ser visitada, conhecida.

— Pois pode desaparecer, sim, Paulo. Na verdade, já aconteceram secas e o desequilíbrio ecológico vai aumentando. Esse desequilíbrio está sendo provocado pela pecuária extensiva, pelo desmatamento para a produção de carvão com a destruição da vegetação nativa; pela pesca e a caça predatória de muitas espécies de peixes e do jacaré; pelo garimpo de ouro e pedras preciosas, que gera erosão, assoreamento e contaminação das águas dos rios Paraguai e São Lorenzo; pelo turismo descontrolado, que produz o lixo e esgoto que ameaçam a tranquilidade dos seres vivos; pelo esgoto das cidades, jogado nos rios sem tratamento; mais recentemente, pelos projetos de construção de represas para produzir hidroeletricidade.

Assim mesmo, alguns grupos econômicos, com apoio de políticos, querem liberar o Pantanal também para o plantio da cana-de-açúcar, desejosos de mais lucros com a venda do álcool combustível. Seria um desastre!

Imaginem o envenenamento geral que aconteceria nessa imensa planície inundável. E é claro que esses grupos gostariam de regularizar as águas, e, para isso, apoiam o projeto que prevê o rebaixamento do leito do Rio Paraguai, aumentando a saída das águas, diminuindo as inundações, liberando mais terras “firmes” para o que eles consideram “progresso”; e facilitando o transporte fluvial, diminuindo custos para aumentar os lucros. Em outras palavras: modificando a relação entre os fatores que favorecem a vida sem querer pensar se isso provocará a morte do bioma, e a morte das diversas formas de vida que nasceram deste berço maravilhoso e único criado pela Terra.

— Mas o Pantanal é só brasileiro? — perguntou Francisco.

— Não é não, respondeu Pedro. O Brasil divide o Pantanal com o Paraguai e a Bolívia, onde é conhecido como “chaco”. No total, sua área é de 250 mil quilômetros quadrados. Sessenta por cento é brasileiro, e como acontece na Amazônia, é aqui que ele anda mais ameaçado. A partir do ano 2000, ele é “Reserva da Biosfera”, um Patrimônio Mundial, cuidado pela Unesco. Trata-se de uma decisão da ONU para preservar áreas muito importantes para a vida na Terra. Na verdade, o Pantanal tem sua origem na separação do oceano, há milhões de anos, e pode, por isso, ser chamado de “mar interior”.

— E havia povos indígenas no Pantanal? — perguntou Ana.

— Havia, sim, como nos outros biomas. Povos que sabiam conviver com a região que os colonizadores denominaram Pantanal. Foi uma região disputada entre colonizadores espanhóis e portugueses. E os povos indígenas foram combatidos pelos dois, mas, em algum momento, serviram também como aliados. As populações desses povos foram chamados pelos colonizadores espanhóis, que chegaram antes, de Xarayés, isto é, “donos do rio”. De fato, os Guaicuru, por exemplo, usavam bem a água e, depois, tornaram-se exímios cavaleiros, para enfrentar os colonos que subiam os rios rumo a Cuiabá, onde fora descoberto ouro. Pelas águas ou em campo aberto, os indígenas se defendiam diante dos ataques dos que queriam ocupar seus territórios, colocando em prática a política colonial, liberando as terras para os que se consideravam com “direito” de serem os “primeiros senhores” delas.

Não usei o verbo no passado por acaso ou por vício de linguagem. Infelizmente, alguns desses povos não existem mais. Sua cultura está sendo estudada através de pesquisas paleontológicas, que garantem sinais seguros de que viveram no Pantanal pelo menos durante mil anos, entre os anos 800 e 1800 depois de Cristo. Os povos indígenas que vivem, na atualidade, neste bioma são os Guató, Terena, Guarani Kaiowá e Guarani Nandeva, Bororo, Umotina, Pareci. São, ao todo, 33 mil pessoas, em 26 terras indígenas.

Na maior reserva indígena do Mato Grosso do Sul, ocupando uma área de 538.536 hectares no município de Porto Murtinho (fronteira com o Paraguai), habitam três povos indígenas: os Kadiweu, os Terena e os Chamacoco, totalizando 1.265 pessoas. A reserva está localizada no Pantanal Matogrossense e no chaco paraguaio. Os Kadiweu são descendentes dos Guaikuru, índios cavaleiros.

Além dos indígenas, o Pantanal conta com a presença dos “pantaneiros” e dos fazendeiros. Pantaneiro é o membro das famílias que vivem e moram no Pantanal; trabalha por conta própria, como pescador, lavrador, artesão, ou é peão de fazenda. Seu modo de vida é adaptado às condições do bioma. Usa cavalo ou embarcações para locomover-se; alimenta-se com o que planta, colhe, pesca ou caça; cuida de sua saúde a partir de conhecimentos tradicionais de medicina caseira; sabe conviver com os alagamentos, pois sem eles não haveria vida; usa um modo de falar característico, assim como conta com músicas e danças típicas. Tem muitos hábitos que aprendeu com os povos indígenas, com quem vive em paz e constrói a cultura pantaneira.

Já o fazendeiro está voltado para o lucro. Em geral, tem dois desejos: aumentar o tamanho de suas propriedades e o número de seus bois. Por isso, vive em conflito com as enchentes, que, a seu ver, atrapalham a criação dos animais, e alimenta o preconceito em relação aos indígenas, desejoso que é pelas terras por eles ocupadas ou reivindicadas. Muitos nem vivem nas sedes das fazendas, mesmo se luxuosas; preferem viver no luxo de cidades como Campo Grande, Cuiabá, Corumbá. Sua ganância os torna aliados fáceis das grandes empresas, que desejam apropriar-se das terras para extrair minérios, plantar soja e até mesmo cana-de-açúcar para produzir álcool.

Por isso tudo, como em outras regiões, os povos indígenas não vivem em paz. Suas terras continuam ameaçadas. Numa hora, são os desejosos de mais terra para o plantio sem fim de soja e criação de gado. Noutra, são as mineradoras, que desejam as árvores para transformar em carvão. O fato é que está em perigo o Pantanal como um todo: suas águas, por causa das queimadas, da mineração, das hidrelétricas e dos projetos de navegação; suas aves e animais, por causa do desmatamento e das secas; seus povos, por causa do avanço das diversas formas de indústria: o agronegócio, o turismo, a mineração, as hidrelétricas.

Se preservado e, melhor ainda, se recuperado, o Pantanal garante a vida de 80 espécies de mamíferos, 650 espécies de aves, 50 tipos de répteis e 400 de peixes.

Que tal? Temos com isso uma ideia melhor do Pantanal, do seu valor para os povos que vivem nele, para todo o Brasil e para o mundo?

— Foi muito bom conhecer melhor o Pantanal — comentou Andreia. A gente pode, agora, falar com as pessoas que vão visitar este bioma para que cuidem dele; e apoiar as iniciativas dos que lutam pela vida nele.

— Por outro lado — falou Laura — a gente ainda pode preparar perguntas para o próximo encontro?

— É claro — respondeu Pedro. E combinaremos nosso debate sobre o bioma das águas, o Pantanal, com a Caatinga e o bioma Semiárido. Se desejarem levar o material que nos fez pensar com a inteligência e com os olhos, podem recolher; mas se preferirem deixar por aqui, servirá como chão para o próximo encontro.

— Acho bom deixar tudo aqui — opinou Francisco. E trazer mais coisas, agora sobre o Semiárido. Concordam?

Com o apoio de todos à proposta, as despedidas foram rápidas, e todos tomaram o caminho de suas casas.



VI

Um Sertão chuvoso pode ser seco?

*Eu sou de uma terra que o povo padece
Mas não esmorece e procura vencer.
Da terra querida, que a linda cabocla
De riso na boca zomba no sofrê
Não nego meu sangue, não nego meu nome,
Olho pra fome, pergunto: que há?
Eu sou brasileiro, filho do Nordeste,
Sou cabra da peste, sou do Ceará.
(Patativa do Assaré)*



Por sorte, choveu no dia do sexto encontro com o grupo de Ana. Uma chuva lenta, que alegra a Terra e os demais seres vivos. Não atrapalhou a chegada de todos e facilitou a dinâmica imaginada por Pedro.

— E então, amigas e amigos, gostaram da chuva de hoje?

— Piorou um pouco o trânsito, mas foi boa — falou Andréia. Deu um fresco, pois o calor estava quase insuportável.

— Meu pai comentou que está sendo ótima esta chuva, pois ela pode evitar que tenhamos falta de água no tempo da seca — lembrou Francisco. Choveu bem menos, nesse ano.

— Pois é — comentou Pedro — a chuva de hoje e a lembrança de que poderemos ter problemas no inverno são um bom começo para falarmos sobre a Caatinga, mais conhecida como Semiárido. Antes, contudo, servem para que completemos nosso estudo do Pantanal. Vocês ouviram notícias sobre aquele bioma?

— Não — disse Paulo. Mas pode ser que algo tenha acontecido, já que tive acesso só aos meios de comunicação que costumam falar dessas nossas regiões apenas quando acontece algo escandaloso. Falaram, e muito, do cara que sequestrou um avião perto de Brasília e acabou caindo perto da entrada de um grande “shopping center” em Goiânia – uma loucura completa, na verdade.

— Pois é, sem a importância que merecia, foi noticiado que as autoridades decidiram aumentar o prazo de proibição de pesca no Pantanal. O que isso tem a ver com nosso estudo?

— Não faço ideia clara, mas desconfio, a partir do começo de nossa conversa de hoje. Será que tem a ver com a pouca chuva que caiu até agora no Pantanal?

— É isso mesmo, Francisco — confirmou Pedro. Choveu tão pouco que o nível das águas do Pantanal está quase um metro abaixo do normal. Lembrem da grande várzea baixa que é o Pantanal, e então compreenderão o motivo da proibição da pesca. Como as águas não se espalharam para as áreas inundáveis, os peixes tiveram menos espaços adequados para a reprodução. Com isso, mesmo os que vivem lá, e que podem pescar para seu sustento, estão com dificuldade de encontrar peixes. Os que deram a

notícia diziam que isso se deve à pouca chuva que caiu no Pantanal. Será que informaram corretamente?

— Penso que não — falou Ana. Como boa parte das águas de lá nascem no planalto do Cerrado, creio que a informação correta deveria dizer que o problema de lá se deve também à pouca chuva que tem caído em nosso bioma. É isso?

— É isso mesmo, Aninha — confirmou Pedro. Vejo que entenderam bem como é importante pensar o nosso país a partir dos biomas, e não só a partir das divisões políticas ou administrativas. Um bioma pode depender de outro, mesmo sendo um berço de vida único, muito diferente. É o caso do Pantanal e do Cerrado: são muito diferentes, mas se o Cerrado, por seus problemas, não conseguir ofertar água em quantidade aos outros biomas, o Pantanal sofre.

Muito bem, mas vamos mudar o rumo de nossa conversa. Vocês conseguem imaginar o que significaria não ter água à vontade? Alguém já parou para pensar quanta água usa ou gasta por dia?

— Nunca pensei nisso — confessou Paulo. Quanto será que se gasta em cada banho?

— Ouvi, numa reportagem da internet, que nós, brasileiros, somos gastadores de água — lembrou Laura. Parece que temos ilusão de estarmos no reino das águas, e que elas nunca irão acabar. Não lembro bem quanto cada pessoa gasta, mas acho que está perto de 200 litros por dia.

— Minha mãe vive reclamando que gasto muita água — referiu Ana. Ela fala que deveríamos cuidar mais da água, que pode faltar, mas eu acho que ela reclama por causa da conta da água, que, de fato, está muito alta.

— Pois é, gente — refletiu Pedro — as pessoas que trabalham com saúde na ONU estudaram o assunto e chegaram à conclusão de que seriam suficientes 110 litros de água por dia para cada pessoa. Mas pesquisas mostram que, no Brasil, cada pessoa gasta, em média, como lembrou Laura, 200 litros por dia. Mas vejam que é *em média*...

— Isto é — emendou Lucas: uma pessoa pode gastar 300 e outra 100, resultando na média de 200. Ou pior, pode até uma pessoa usar 400 e outra nada, que a média se mantém.

— Acho que é isso que acontece — acrescentou Andreia. Tem gente que leva 40 minutos para cada banho, e com a torneira bem aberta! Tomando dois banhos por dia, quantos litros gasta?

— Boa pergunta — saudou Pedro. Vamos calcular: para cada minuto, com torneira aberta, o gasto é de, aproximadamente, 5 litros. Então, em 45 minutos, a farrá será de 225 litros! Se diminuir para dez minutos, o gasto cai para 50 litros. Se, em vez de deixar a torneira sempre aberta, ela for fechada enquanto a pessoa se ensaboa, em dez minutos pode-se gastar 20 litros, ou menos.

— É, seu Pedro — falou Francisco — depois que começamos esses encontros, me dei conta que o ambiente da vida está sendo estragado em todos os biomas, e que, por isso, esse assunto da água vai ser um problema cada vez maior. E estou achando que começamos a falar dele hoje porque o Semiárido é uma região, um bioma, em que a água não é um bem sempre à disposição. É isso?

— Acho que o motivo é esse mesmo, não é, seu Pedro? — concordou Paulo. De fato, para muita gente a Caatinga é uma região seca, um lugar em que não dá para viver.

— Para muita gente ou para a maioria? — perguntou Pedro. Vocês mesmos, como imaginam a vida na Caatinga?

— Falando com sinceridade, tio — declarou Laura — eu mesma não consigo imaginar como se pode viver por lá. As imagens que a gente vê, e quase todo ano, mostram rios sem água, terra esturricada, gado morrendo, e gente passando todo tipo de precisão. Por que acontece isso? Não é por que é uma região seca?

— Pois é, Laura — foi falando lentamente Pedro —, essas imagens são reais, mostram o que acontece. Mas como são mostradas sem colocar em debate a ideia que se faz da região, elas podem até entortar ainda mais a cabeça da maioria das pessoas, levando-as a continuar pensando que o povo de lá deveria deixar a região, procurando lugares mais favoráveis à vida. Mas noutro momento, em que, por exemplo, aumenta o desemprego em cidades como São Paulo, o que os meios de comunicação mostram? Junto com a miséria em que muitas famílias vivem nas favelas, ou nas ruas,

dão destaque e levam as pessoas a apoiar ações das prefeituras que pagam passagens para os nordestinos voltarem à sua região. E se, por acaso, outros nordestinos decidem ir para outras regiões esperando conseguir um pedaço de terra para produzir alimentos e produtos para o mercado, não são mal vistos por se juntarem ao Movimento dos Sem-Terra para conseguir reforma agrária?

— Iche, tio, desse jeito eles vivem o ditado: “se ficar, o bicho come, e se correr, o bicho pega” — refletiu Lucas. Ou dá para viver lá mesmo, na Caatinga?

— Lucas, você sabe quantas pessoas vivem no Semiárido?

— Não faço idéia, mas acho que é muita gente.

— Vivem nesse bioma perto de 28 milhões de pessoas, sendo que 40% delas moram no campo. Seriam muito mais, se muitas não tivessem saído para São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Goiânia, para Rondônia e outras regiões. Saíram milhões, e muitas dessas pessoas continuam vivendo em necessidade; e as que ficaram também continuam com grandes dificuldades, muitas vezes enfrentando situações de miséria. Então, como canta Geraldo Vandré, “a vida não muda mudando só de lugar”. Precisamos cavar mais fundo para compreender o que foi e continua sendo a vida na Caatinga.

— Já aprendemos que um jeito de conhecer melhor a realidade é retomar a sua história, de modo especial a dos povos de história longa, ancestrais — recordou Francisco. Existiram povos indígenas na Caatinga?

— Existiram, sim. Pesquisas feitas em grutas perto do Rio São Francisco revelaram que povos vivem neste bioma há 12 mil anos. Mas no Piauí, no Parque Nacional da Serra da Capivara, há o sítio Toca do Boqueirão da Pedra Furada, em que há sinais seguros de que povos viveram na região há 60 mil anos. Segundo Niéde Guidon, que coordenou as pesquisas, até seis mil anos atrás a região era úmida, com muita chuva e rios caudalosos. A partir daí, com a diminuição das chuvas, provocada por fenômenos naturais, a vegetação também diminuiu e começou a formar-se o Semiárido atual. Assim mesmo, até a chegada do colonizador europeu, os rios corriam de forma permanente. Sua ação, “cortando as florestas-galeria e queimando anualmente toda a região para cultivo da cana e a criação extensiva de

gado, sendo o solo frágil e arenoso, provocou processos erosivos e o asso-reamento dos vales... Quando a equipe da Missão Franco-Brasileira iniciou os trabalhos na região (1973) os vales eram cobertos por florestas de angico, pau d'arco, aroeira e outras árvores de grande porte. Tudo foi cortado e queimado e hoje impera a caatinga arbustiva; processos erosivos imensos formaram voçorocas que avançam inexoravelmente, criando o deserto".¹²

Viveram no Piauí os povos Pimenteira, Tabajara, Jaicó, Timbira, Gueguê, Tremembé e Acroá; hoje, não há povo vivendo em aldeias, só alguns descendentes que estão tentando reagrupar-se para retomar sua cultura.

— Que destruição absurda — desabafou Paulo. É por isso que temos tanta dificuldade para conviver com os berços de vida em que nascemos: somos descendentes de destruidores de biomias!

— Pelo que entendi — refletiu Laura — houve dois movimentos de modificação da Caatinga: um primeiro, natural, que fez a região passar de úmida para semiárida; e o segundo, em que os colonizadores vão cortando e queimando tudo que encontram para criar gado e cultivar cana-de-açúcar, provocando diminuição das chuvas e mudanças na vegetação. Os rios secaram?

— Pois é, Laura, a mesma pesquisadora nos diz, no artigo citado, que, ao chegar à região, "a cidade de São Raimundo Nonato era banhada pelo rio Piauí e, do alto da ponte, moradores pescavam. Cerca de dez lagoas abrigavam garças, patos, toda sorte de fauna e flora aquáticas. Hoje, todas foram aterradas, sofrendo o mesmo destino do Rio Piauí, que não corre mais. De uma região verde, opulenta, habitada por um povo feliz e rico porque não passava fome e tinha tempo para criar uma civilização que nada deve a similares de todo o mundo, passou a ser uma área em vias de desertificação, com a fauna e a flora exauridas, em que vive um povo que somente conhece a ignorância e a fome". Em outras palavras, fica claro que a ação humana, desde o tempo da colonização até hoje, é responsável pelas dificuldades enfrentadas no Semiárido atual.

— Já não há mais vegetação característica da Caatinga? — perguntou Lucas.

12 GUIDON, Niéde. *Arqueologia da região do Parque Nacional Serra da Capivara - Sudeste do Piauí*. Artigo postado em: <www.comciencia.br>.

— Há, sim, informou Pedro, mas ela continua sendo destruída, e numa velocidade maior do que a Floresta Amazônica. Vai virando carvão para mineradoras, por exemplo. Ou vai sendo derrubada para dar lugar a plantio de eucaliptos para as fábricas de celulose. Plantar eucalipto num Semiárido é uma loucura. É uma árvore que suga muita água do solo; mesmo em região com muita chuva, ele precisa mais água do que a que cai na área ocupada por sua ramagem. Por isso, plantar eucalipto em região semi-árida é desejar que ela vire árida, deserto.

— Acho que ouvi um pastor falar na TV Record que apoiava um projeto bem sucedido no Semiárido. Era um projeto com muitas famílias, que plantavam com irrigação. Isso é verdade? E é coisa boa? — perguntou Ana.

— Ele falava de um projeto tocado em Irecê, Bahia. É interessante, mas seu limite está na fonte da água para irrigação: poços artesianos. Vocês sabem que poço artesiano retira água dos lençóis de água formados numa profundidade de 30, 60 ou até mais de 100 metros. No caso do Semiárido brasileiro, é água guardada em fendas da rocha que existe em quase toda a sua extensão. Se é assim, fica a dúvida: será que aquele lençol vai ser renovado? Se as chuvas não conseguirem fazer isso, o que vai acontecer é que o lençol de água vai se afastar ainda mais do solo, deixando-o mais seco; pode, então, apressar a desertificação. O mesmo questionamento deve ser feito à irrigação com água dos córregos e rios que ainda são permanentes, como é o caso do São Francisco. Afinal, já são poucos, estão muito maltratados, e nada garante que continuarão vivos por muito tempo. Por isso, tirar água deles, em grande quantidade, usando-a em irrigação que favorece a evaporação, já normalmente muito alta em região semiárida, é apostar na morte dos rios.

— Mas, então, parece que não há saída para a nossa Caatinga? — perguntou, angustiada, Ana. Se depender das chuvas, que não são muitas, o pessoal se dá mal; se captar do subsolo ou tirar dos rios, pode apressar a desertificação. O que se pode fazer, então?

— Ana, esse é um bioma que precisa ser conhecido com grande cuidado para saber como relacionar-se com ele para viver bem e por muito tempo. Não dá para se fazer qualquer coisa. Na verdade, quase tudo que se fez até agora só tem piorado as condições da vida nele. É que se partiu da

falsa ideia de que seria uma região seca; por isso, eram promovidas ações de “combate à seca”. Na verdade, terminaram sendo ações que favoreceram quem controlava e controla as terras da região, mesmo enfraquecendo o bioma. Os movimentos sociais, apoiados pela ação das pastorais sociais das Igrejas cristãs, têm procurado, há muito tempo, e com mais intensidade nos últimos vinte anos, o que se deveria fazer para conviver adequadamente com o Semiárido brasileiro. Vocês ouviram falar das cisternas caseiras?

— Ouvi aqui em casa — confessou Ana — porque você, tio Pedro, tem falado muito delas. Sei, por isso, que são caixas para guardar água da chuva, uma água que serve para beber e cozinhar. Vocês ouviram também? Lá na escola não se falou disso. Parece que apareceram algumas reportagens na televisão, mas sempre em horários difíceis.

— Eu não ouvi falar disso, não — disse Lucas. E vocês?

O fato de ficarem se olhando, esperando a resposta, que todos sabiam ser negativa, mostra como a comunicação é falha no Brasil. Fala-se muito das desgraças, da difícil condição de vida nos tempos de estiagem, mas pouco ou nada das iniciativas inovadoras, voltadas para o enfrentamento das dificuldades criadas para um *bem viver* dos povos da Caatinga.

— Pois vejam, meus amigos e amigas, ainda hoje visitei o sítio eletrônico da ASA¹³ — Articulação do Semiárido —, para ver a quantas anda seu principal Projeto, o P1MC – Projeto 1 Milhão de Cisternas. Vi a confirmação de que foram construídas, até maio de 2015, quase 600 mil cisternas com recursos públicos. Somadas com as que foram construídas por Igrejas, pastorais e movimentos com recursos que vieram de outras fontes, creio que já devem estar construídas perto de 700 mil cisternas. Isso significa uma mudança das condições básicas de vida humana no Semiárido para 700 mil famílias, isto é, perto de 3 milhões e 500 mil pessoas.

— Como é que funciona isso, tio? — perguntou Francisco.

— O ponto de partida é o conhecimento de que o Semiárido brasileiro é o mais populoso e o mais úmido de toda a Terra. As chuvas não são muitas, não caem no mesmo período todo o ano, mas chove; a média anual de precipitações é de 750 milímetros por metro quadrado; como 1 milíme-

13 <www.asabrasil.org.br>.

tro significa 1 litro de água por metro quadrado, no Semiárido brasileiro caem 750 litros de água por metro quadrado. Essa é a quantidade que cai em boa parte da Europa Central; a diferença é que lá chove o ano todo, normalmente em pequenas quantidades, e aqui as chuvas são intermitentes, isto é, caem quando querem: num ano, ou num curto período, caem grandes quantidades; noutro, chove pouco, dando a impressão de uma região seca. Então, chove em nossa Caatinga, mas não dá para depender do ritmo das chuvas para garantir a produção dos alimentos e de tudo que se precisa para bem viver. Qual é, por isso, o segredo para se conviver com o Semiárido brasileiro? ¹⁴

— Guardar a água da chuva. Não é isso que se faz com as cisternas?
— perguntou Andreia.

— É isso mesmo — confirmou Pedro. Usar a inteligência para colher a água das chuvas, guardando-a para quando não chove. Esse era um dos conselhos do Padre Cícero Romão Batista, o *Padim Ciço*, tão conhecido por causa das romarias populares a Juazeiro, no Ceará, e era o que fazia o Pe. Ibiapina,¹⁵ nas casas de saúde que foi construindo pelo sertão. Isso parece algo tão simples, mas, mesmo assim, não é o coração das políticas governamentais para a região. Por quê?

— Deve ser porque os que ganham com as políticas tradicionais não deixam. Vai ver que eles querem obras que garantem água só para eles — arriscou Andreia.

— Infelizmente é isso mesmo que continua acontecendo. Na verdade, já foram construídas 70 mil barragens e açudes, com capacidade de armazenar 36 bilhões de metros cúbicos de água. É muita água. Para se ter ideia, basta lembrar que a Baía da Guanabara, no Rio de Janeiro, tem pouco mais que 2 bilhões de metros cúbicos; portanto, nas barragens e açudes nordestinas está guardada uma quantidade de água igual a 18 baías da Guanabara! Assim mesmo, a população não tem garantida a água que precisa. E isso acontece porque não se fez a democratização da água; do

¹⁴ Ver o livro *Água de Chuva: o segredo da convivência com o Semiárido brasileiro*. Publicação da Cáritas Brasileira, CPT e FIAN, lançando a Campanha pela Convivência com o Semiárido. São Paulo: Paulinas.

¹⁵ OLIVEIRA, Alberto Rodrigues de. *Da fé ao compromisso social: a atividade missionária do Padre Ibiapina*. Recife, PE: UNICAP, 2007, p. 101.

mesmo jeito que a terra, poucos têm muita água e a maioria fica sem nada. Por isso, o desafio para conviver com o Semiárido está na multiplicação das cisternas caseiras e na construção de tubulações para distribuir a água dos açudes e barragens para os 28 milhões de pessoas que vivem em 1.300 municípios. Não são necessárias grandes obras, como a transposição das águas do São Francisco. Basta apoiar as famílias e comunidades para fazerem suas cisternas caseiras, e levar a água dos açudes por meio de uma rede de tubulações para as cidades, garantindo sua distribuição para todas as casas.

— De toda maneira, tudo começa com uma boa e inteligente relação com as chuvas — concluiu Lucas.

— Na verdade, Lucas — aprofundou Pedro —, tudo começa com a consciência da população e com a decisão popular de exigir que esta solução boa e inteligente seja assumida por todos, incluindo os governantes. E isso não é fácil. Primeiro, porque os que governam defendem, quase sempre, interesses dos grupos dominantes, assentados sobre a visão de que o Nordeste é seco e precisa de apoios especiais, que, obviamente, devem ser dados para que, segundo sua ideologia, criem o desenvolvimento que favorecerá a todos; e é preciso construir grandes obras, feitas, mais uma vez, pelos mesmos grupos econômicos.

Por outro lado, é difícil também porque a população “tem o dominador dentro de si”, como repetia o mestre Paulo Freire, e tem um justificado medo da violência dos que a dominam há séculos. Graças a Deus, porém, a consciência crítica vai avançando e as pessoas retomam as condições de sua liberdade.

— Se me permitir, gostaria de aproveitar a oportunidade para tirar uma dúvida, tio Pedro — disse Laura. Os projetos de irrigação e de produção de uvas e outras frutas não são boas iniciativas, uma saída econômica para o Semiárido?

— O discurso oficial, repetido pelos meios de comunicação, diz que os projetos de irrigação são a prova de que se pode produzir muito nessa região; basta organizar a irrigação. Só não falam, por exemplo, de onde vem essa água, nem se o tipo de irrigação é adequado a uma região semiárida; menos ainda, se as frutas produzidas são da região ou de fora, e que, por

isso, precisam de muita água, muitos produtos químicos; finalmente, não dizem quem é que realmente ganha com esse tipo de agronegócio. Já se sabia que o solo do Semiárido, tendo água, é altamente produtivo, especialmente de frutas; e que as frutas, por causa do sol, são muito ricas em nutrientes e saborosas. Agora, fazer uma irrigação que gasta grande quantidade de água, com técnicas que facilitam a evaporação, e com uso de produtos químicos que contaminam a fruta, o solo e o próprio rio, para onde volta parte da água utilizada, usar plantas exóticas, estranhas ao ambiente, que precisam de muita água e muitos cuidados de apoio, e, por fim, montar uma produção toda voltada para a exportação: tudo isso, certamente, não tem a ver com o enfrentamento dos problemas e com a criação de condições favoráveis ao bem viver da população sertaneja. Tem a ver, sim, uma vez mais, com aumento de poder dos grupos econômicos, tradicionais ou modernos, que continuam usando a Caatinga para seu enriquecimento. A prova disso é que, enquanto a “economia” do Nordeste cresce a taxas mais altas do que as outras regiões do país, a maior parte da população não sai da situação de pobreza e miséria.

Por isso tudo, a irrigação deve fazer parte do pacote de alternativas. Mas deve ser bem pensada, para que não aumente a fragilidade da Caatinga, e favoreça a melhoria das condições de vida do povo da região.

— Tenho escutado que haveria muita água subterrânea no Piauí, que é uma das regiões que mais sofre com a falta de água. Isso tem fundamento?

— É verdade, Lucas. Nisso, o Piauí é diferente do resto da Caatinga. Só que, até agora, poucos projetos têm colocado essa água a serviço do povo. A maior parte vai servindo aos grandes projetos ou é desperdiçada. Mas é preciso lembrar, sempre, que a água do subsolo só deve ser utilizada como complementação, para evitar que os lençóis de água se afastem do solo, aumentando o risco de desertificação. O melhor é coletar e guardar bem a água da chuva, evitando a evaporação; entre os projetos da ASA, há um que é denominado P1+2 - Projeto 1 Terra e 2 Águas. Em outras palavras, o projeto começa com a conquista e garantia da terra para a família ou para a comunidade, segue com uma primeira água para cada família comer e beber, e completa-se com uma segunda água, essa destinada ao cultivo de alimentos e criação de pequenos animais para a família. Por isso, a primeira

exige cuidados especiais, para manter-se pura, de boa qualidade; a segunda não precisa de tantos cuidados; as duas, contudo, devem ser guardadas em cisternas subterrâneas, escondendo a água do sol e dos ventos.

— Bateu uma curiosidade grande, tio — desabafou Andreia. Quanto custa a construção de um milhão dessas cisternas?

— O custo de cada uma, quando feita por pedreiros treinados pela ASA e com participação da comunidade, é de mais ou menos dois mil reais. Um milhão, então, custaria dois bilhões de reais. Mesmo se custasse um pouco mais, ainda assim seria uma bagatela, se comparada com os oito bilhões de reais previstos para o projeto de transposição do Rio São Francisco.

— A transposição vai custar tudo isso? — perguntou, assustada, Laura.

— Será muito mais do que isso. A obra começou com um custo anunciado de 4 bilhões; depois de um tempo, passou para seis bilhões; o último cálculo já passa de 8 bilhões de reais, e pode custar muito mais do que isso, se a obra chegar até o fim. Um empresário calculou que seriam gastos em torno de 20 bilhões. E é por isso, e não pelos efeitos sociais, que as empreiteiras têm interesse pela construção.

— Em que fria os governos de Lula e de Dilma foram se meter, não, tio! — exclamou Lucas.

— Dom Luiz Cappio, o bispo de Barra, Bahia, que, junto com os povos do Vale do São Francisco, luta contra a transposição, disse que essa obra será um “elefante branco” no sertão nordestino. Se acontecer isso, nem Lula nem Dilma entrarão na história como quem fez a obra que nenhum outro governante teve coragem de fazer desde o tempo de D. Pedro II, que chegou a dizer que empenhava até o seu anel de imperador por ela; não fez a transposição e perdeu o “anel”!

— Bem, gente boa, o papo está ótimo — falou Francisco — mas já está ficando tarde, e nós precisamos preparar as aulas de amanhã.

— Tudo bem, de fato está em tempo de terminar — disse Pedro. Quero, contudo, combinar com vocês o próximo encontro, se o desejarem.

— É claro que a gente quer — disse Andreia, com o assentimento de

todos. Esses encontros estão sendo uma experiência bárbara. E para mais gente do que nós, já que os diálogos que fazemos nos ajudam a participar melhor das aulas.

— Sem falar dos debates que a gente faz em casa e nos bate-papos com os amigos e amigas — completou Lucas.

— Sendo assim —, falou Pedro, feliz e um tanto emocionado — para o próximo encontro vocês podem ir preparando mais perguntas sobre a Caatinga e pesquisando alguma coisa sobre o bioma Pampa.

— Certo, tio, boa noite! —, foram dizendo, um a um, saindo acompanhados por Ana, cada dia mais feliz por acolher a turma e por gostarem das falas com tio Pedro.

Quando se despediu de Lucas, por quem sentia uma afeição especial e sempre ficava por último, Ana voltou para junto de tio Pedro, e logo foi falando:

— Estou muito feliz porque a turma está gostando demais dos nossos encontros. Nunca tive dúvidas, mas você está se saindo muito bem. Quero agradecer por tudo que está fazendo pela gente.

Pedro sentiu que o abraço de Ana estava carregado de amor, como sempre, e de gratidão, o que o emocionou. Ficou pensando sobre o que a educação poderia fazer se a metodologia seguida fosse participativa e voltada para o aprofundamento de uma visão crítica e para o crescimento da cidadania. Todo colégio deveria ser um espaço gostoso, em que os jovens se sentissem bem e gostassem de a ele retornar. Para isso, só mesmo quando a educação for prática da liberdade¹⁶, como ensinava e praticava Paulo Freire, um dos grandes ou o maior mestre da educação no Brasil.

16 FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

Siga os mandamentos ecológicos do Padre Cícero:

1. “Não derrube o mato, nem mesmo um só pé de pau.
2. Não toque fogo no roçado nem na caatinga.
3. Não cace mais e deixe os bichos viverem.
4. Não crie o boi nem o bode soltos; faça cercados e deixe o pasto descansar para se refazer.
5. Não plante em serra acima, nem faça roçado em ladeira muito em pé: deixe o mato protegendo a terra para que a água não a arraste e não se perca a sua riqueza.
6. Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água da chuva.
7. Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta.
8. Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só.
9. Aprenda a tirar proveito das plantas da caatinga, como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar a você a conviver com a seca.
10. Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando e o povo ter sempre o que comer.
11. Mas, se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai virar um deserto só.”

Padre Cícero (1844-1934)¹⁷

¹⁷ MARQUES, Daniel Walker Almeida. *Pensamento Vivo de Padre Cícero*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988.



VII

O Pampa gaúcho e platino

*Vento chucro do meu pago
Que nos Andes te originas,
Quando escuto nas campinas
O teu bárbaro assobio
Do teu guascaço selvagem,
Eu te bendigo a passagem,
Velho tropeiro do frio.
(Jayme Caetano Braun)*



Os colegas de Ana chegaram agasalhados, para enfrentar o frio de 14° graus célsius, típico dos meses de inverno no Planalto Central, mas que os goianos denominam “verão”, por ser tempo sem chuvas. Tudo favorecia o começo da conversa sobre o Pampa, e Pedro não perdeu oportunidade.

— Vocês já experimentaram o que sente uma pessoa quando o clima é de zero grau ou abaixo de zero?

— Deus me livre — logo expressou Lucas. E todos se encolheram, parecendo sentir o frio anunciado por tio Pedro.

— Pior ainda: vocês imaginam o que significa o frio de zero grau com um vento sul insistente, daquele tipo que “canta” pelas frestas das janelas e portas?

— É eu já vi isso em cenas de filmes — comunicou Francisco. E acho que até a TV mostrou algo assim em algumas novelas que tinham como ambiente o Sul do Brasil. Mas eu mesmo nunca enfrentei isso, nem desejo experimentar.

— O que é isso, Francisco? —, observou Andreia. Eu gostaria de conhecer uma região assim, no Brasil ou em outros países. Nem que seja para dar maior valor ao nosso clima, mais puxado para o quente, mas quase sempre equilibrado. Gostoso, diria, mesmo sabendo que outros, como os sulistas, acham quente demais.

— Pois é, meus amigos e amigas, falar do Pampa é falar de frio combinado com vento, e num ambiente de campo aberto, quase sem vegetação alta, que poderia cortar um pouco a velocidade dos ventos. Por isso, uma das características dos povos do bioma Pampa é seu costume de conviver com vento intenso, denominado por eles de “minuano”, agasalhados por ponchos ou capas longas, bombachas, botas, chapéu de feltro. Quando estão fora de casa, esquentam-se em torno de fogueiras, em que podem assar o churrasco e preparar o chimarrão; em casa, sentam-se em torno do fogão a lenha e, mesmo assim, usam agasalhos pesados.

— O Pampa é só gaúcho, ou é um bioma que o Brasil divide com outros países? — perguntou Paulo.

— Ele não é só brasileiro, mas antes de entrar nessa descrição, vamos retomar as perguntas que vocês prepararam sobre a Caatinga, certo?

O Semiárido e seu futuro

— Pois é, tio Pedro, uma das curiosidades e grande preocupação que eu tive é saber qual é o futuro da Caatinga — destacou Andreia. Não vai virar um grande deserto?

— E eu — emendou Ana — gostaria de perguntar o seguinte: por que existe tanta pobreza na Caatinga?

— Pensando em tudo que já foi falado, pergunto: qual atividade econômica seria adequada para uma vida de convivência com o Semiárido? —, perguntou Paulo.

— Lembrando a informação de pesquisadores do Piauí, Francisco perguntou: não seria acertado fazer reflorestamento para melhorar o regime de chuvas?

— De minha parte — completou Laura — gostaria de entender por que há enchentes também nesta região? É algo normal, ou já é causado pelo aquecimento do Planeta?

Pedro olhou para o grupo, sorriu, dando sinal de sua admiração diante das perguntas. Depois, concentrou-se rapidamente, buscando por onde começar. E falou:

— Vocês trouxeram perguntas complicadas, de modo especial as que se referem ao futuro. Sempre é mais seguro, mesmo não sendo simples, falar do passado; o presente já é meio escorregadio, porque a gente faz parte dele, não se tem dados organizados e é fácil cair no achismo. O futuro é incerto. Depende, em parte, do passado e do presente, mas ele será o que as pessoas decidirem fazer nos próximos dias, meses, anos, e, por isso, a gente só pode desenhar possíveis cenários. Em outras palavras, o melhor exercício é perceber o que provavelmente as pessoas farão, sempre partindo do presente, do que está sendo feito e do que se apresenta como possível ou provável, indicando os frutos dessas diferentes escolhas.

— Mas já não há estudos, como o do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), que fazem essas previsões? — quis saber Paulo.

— É claro, e eles nos ajudam. Mas veja, Paulo, eles construíram seis diferentes cenários de futuro, cada um correspondendo às diferentes escolhas e mudanças que a humanidade fizer nos próximos dias, meses, anos. Segundo esses cientistas, a Caatinga será mais ou menos desertificada, a depender do que se fizer em relação ao consumo de fontes fósseis de energia, à derrubada ou não de florestas — inclusive neste bioma —, ao tipo de agricultura e criatório de animais; em resumo: a depender da quantidade maior ou menor de emissão de gases que provocam efeito estufa, isto é, aquecimento crescente do Planeta. Nessa direção, o futuro da Caatinga depende tanto da humanidade que vive fora da região como da ação dos sertanejos, do que fizerem nela. Por exemplo: depende da escolha que se fará em relação à continuidade, ou não, da criação de bovinos; do reflorestamento industrial com eucaliptos; da derrubada da vegetação para transformar em carvão vegetal; do tipo de irrigação que for implementado... Essa é a importância dos debates feitos em torno do projeto de transposição de águas do São Francisco: estão ligados à definição de qual projeto de desenvolvimento social, econômico, político, cultural e espiritual se quer implementar no Semiárido. O governo, por enquanto, está empurrando goela abaixo a transposição, e sua decisão indica que ele aposta na continuidade do “progresso” feito pelas e para as elites dominantes na região, favorecendo sua “modernização”. Os movimentos sociais que combatem a transposição querem que o projeto de Semiárido seja definido com a participação dos sertanejos, e esteja voltado para um futuro em que toda a população da Caatinga tenha qualidade de vida.

— Pois é, tio, mas isso é possível? — perguntou, angustiada, Laura.

— Não é fácil, Laura, mas é possível. Trata-se de uma possibilidade que passa pelo enfrentamento político; não se trata de futuro garantido. Depende da maior ou menor mobilização da população, de seu poder de exigir mudanças, e de algum bom senso dos setores que dominam o caminho do desequilíbrio da Caatinga. Muita gente se fará a pergunta sobre as enchentes que assolam a região: pelo tipo delas, pela sua intensidade, não serão um dos sinais das mudanças climáticas provocadas pelo aquecimento global? E, quem sabe, mais gente se dará conta que não se pode fazer reflorestamento industrial com eucaliptos, de modo especial na Caatinga. O que se deve fazer, sim, é deixar de derrubar a vegetação do bioma para fazer

carvão; em vez disso, e quanto mais possível, criar áreas de reflorestação, isto é: áreas em que se procura recompor o que for possível da vegetação típica da Caatinga. Junto com isso, distribuir a terra concentrada em grandes fazendas, repassando-a para produtores familiares ou a comunidades quilombolas, a povos indígenas ou a outros tipos de comunidades tradicionais. Nessa terra redistribuída, diminuir ou abandonar a criação de gado bovino, que consome muita água, substituindo-a por pequenos animais adequados ao bioma, e por áreas de agricultura diversificada, recuperando as sementes crioulas, típicas da Caatinga. Como regra, usar só água recolhida da chuva, empregando técnicas de irrigação de baixo consumo. Tudo somado, trabalhando com o solo e o clima do Semiárido no sentido de recuperar a energia própria do bioma Caatinga, melhorar sua capacidade de acolher e manter a biodiversidade.

— Isso é muito bonito, e eu gostaria que acontecesse, mas parece quase um sonho — ponderou Lucas. Os que têm grandes interesses não querem perder o bem-bom; e a população, será que conseguirá libertar-se da dominação que pesa sobre ela?

— Essa é a glória e o risco da política: ser sempre uma possibilidade de mudanças profundas e, contraditoriamente, ser arte de conservação. De toda maneira, Lucas, dessa vez as consequências serão tão graves para todas as pessoas, que dá para apostar que muita gente será despertada pelos argumentos fortes da Terra; alguns, insensíveis e resistentes, deverão ser derrotados e reeducados meio na marra. Como se vê, estamos num campo de aposta, de disputa; e de opção e torcida, por sermos atores presentes nesse drama da história. Se vencer a teimosia conservadora, presente também na modernização capitalista, o cenário mais provável será de aumento da desertificação; de diminuição média das chuvas, que poderão cair com grande intensidade em curto espaço de tempo, provocando enchentes; de aumento da temperatura, implicando em agravamento das condições gerais de vida; e, também, de crescimento, também, da miséria. Até onde se poderá ir por esse caminho?

Depois de um tempo de silêncio, para que esses desafios fossem incorporados à visão de cada membro do grupo, Pedro retomou o debate sobre o Pampa.

Diversidade, preconceitos e riqueza cultural

— Pois é, amigos e amigas, o encontro de hoje vai nos ajudando a perceber como é diversificado o Brasil, como são diferentes os biomas e como essas diferenças fazem que também as pessoas e povos sejam diferentes. Vocês já ouviram gaúchos falar dos sertanejos do Semiárido? E sertanejos falar dos gaúchos?

— Ouvi, sim — declarou Paulo. Alguns gaúchos falam mal do pessoal do Nordeste e do Norte. Eles acham que são pessoas que não sabem trabalhar, e esse seria o motivo da sua pobreza. Eles se consideram melhores, ou até superiores.

— O fato é que não é fácil a convivência entre os diferentes, de modo especial numa sociedade que tem como regra a afirmação individual, o desejo de vencer — foi refletindo Pedro. Na verdade, poucos gaúchos do Pampa se fazem presentes em outras regiões. Os que migraram do Rio Grande do Sul são “gaúchos” por residirem no Rio Grande do Sul, mas a maioria deles vivia no que resta da Mata Atlântica ou faziam parte dos que migraram para a região pampeana a partir de lá; e muitos deles já haviam vivido em Santa Catarina ou no Paraná. São pessoas e famílias que têm visão preconceituosa até em relação aos gaúchos do Pampa: consideram-se mais capazes de gerar progresso com seu trabalho. Muitas delas eram praticantes da agricultura camponesa e continuaram camponeses em outras regiões. Os que mais participaram da devastação de outros biomas — entrando pelo Oeste de Santa Catarina, do Paraná, do Mato Grosso do Sul e, depois, em todo o Mato Grosso e Rondônia — são os que já eram participantes do agrogócio no Sul, ou os que a ele se associaram, mesmo sendo médios proprietários. Esses deram velocidade ao desmatamento do Cerrado para a implantação da monocultura agrícola, especialmente de soja, milho, algodão...

— Como é que poderiam agir de outro modo? — perguntou Laura. Eles só ampliaram o que sabiam fazer, não é?

— É isso mesmo, Laura — concordou Pedro —, eles fizeram o que

sabiam, e por isso podem não ter culpa individual. Na verdade, o que faltou, para eles, para os governantes, para todas as pessoas, inclusive as dos biomas que foram sendo “invadidos” por esses migrantes, foi uma informação sobre os diferentes biomas que formam o Brasil. Por um lado, os que exerciam governo nos Estados que têm Cerrado e Amazônia, bem como o governo federal, eram grandes proprietários e tinham uma ideia de progresso ligada à ocupação produtiva dos territórios; achavam que a entrada dos empresários tiraria essas regiões do “atraso” e ajudaria a aumentar a produção agropecuária e mineral para o país e para exportação. Por outro lado, é sempre tentadora a proposta de ser proprietário de uma terra maior e de gerar mais lucros entrando na do agronegócio.

Mais um bioma ameaçado

— Está certo, tio Pedro, o pessoal do Pampa é diferente das pessoas dos outros biomas — refletiu Ana. Mas eu estou curiosa para saber mais sobre essa região, se está mais conservada do que os outros biomas, se os gaúchos do Rio Grande são diferentes dos gaúchos dos outros países vizinhos...

— O Pampa cobre uma área de quase 700 mil quilômetros quadrados. No Rio Grande do Sul estão 176 mil quilômetros quadrados, área igual a quase dois terços do território do Estado. A maior parte do Pampa está no Uruguai e na Argentina, e é de lá que vem o nome gaúcho. A palavra “pampa”, originada do povo Kaingang, significa “terra plana”. Quase toda a área do Pampa é formada por campos abertos, e foi, por isso, colonizada por uma economia centrada na criação de gado, cavalos e ovelhas. Durante muito tempo, os animais eram criados soltos, alimentados pelo capim nativo; só nas últimas décadas foi introduzido o cultivo de parte de sua alimentação. Segundo estudos, essa seria a atividade menos agressiva ao ambiente original do Pampa, e a que geraria mais renda.

— Mas a criação de bois não levou a uma luta pela propriedade da terra? — perguntou Andreia.

— É claro que levou. Relendo a história, a primeira luta pelo controle da terra se deu com os povos indígenas que viviam na região. E com um detalhe: foram prensados entre os interesses dos colonizadores espanhóis e portugueses. Durante trezentos anos, participaram, ora atraídos por espanhóis, ora por portugueses, das lutas para avançar as fronteiras das terras de um ou outro reino europeu. Com isso, alguns deles, como os povos Charrua e Minuano, perderam territórios e deixaram de existir. Já o povo Guarani, mais numeroso, lutou por sua forma de viver e, ao mesmo tempo, foi defendido pelos Padres Jesuítas da sanha dos que caçavam índios para vender como escravos; foram organizadas, para isso, as “reduções”, que eram territórios em que os indígenas vivam em aldeias, cultivavam a terra, tinham atividades de catequese e educação, de tal maneira que chegaram a desenvolver alguns processos industriais. Foram experiências interessantes de vivência comunitária, mesmo com as contradições da catequese de raiz europeia.¹⁸ Mas não sobreviveram. Foram combatidas pelos impérios espanhol e português, desejosos de mais terras e escravos. O mártir da luta pela terra foi Sepé Tiaraju, morto em combate junto com seus irmãos indígenas gritando: “essa terra é nossa”, pois “nos foi dada por Deus e São Gabriel”.

Nessas “terras planas”, tomadas dos indígenas, foram organizadas “estâncias” de criação de gado; os peões, que cuidavam dos animais que vagavam em imensas propriedades, ficavam dias fora de casa, longe das famílias, enfrentando o frio e as intempéries do bioma. Criaram, por isso, formas de alimentação tipicamente gaúchas, comuns em todo o Pampa: a carne assada em fogo feito no chão — o churrasco — e o arroz carreteiro, compensando o excesso de gorduras e o frio por meio do chimarrão, hábito aprendido dos índios Guarani. Esse “peão de estância” é o gaúcho – o que vive só, isolado, longe de casa, tomando conta da criação do “estancieiro”.

A riqueza da biodiversidade deste bioma, historicamente ocupado por atividades como a pecuária de corte e a ovinocultura, e mais recente-

18 LUGON, Clovis. *A República Comunista Cristã dos Guaranis – 1610 a 1768*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

mente pelo plantio de vinhas, de soja e pela monocultura de pinus e eucaliptos para produção de papel, se revela através da existência de três mil espécies de plantas — sendo 400 de gramíneas —, 90 espécies de mamíferos terrestres e 385 espécies de aves.

— Espere aí, tio Pedro: quer dizer que estão plantando eucaliptos também no Pampa? — perguntou, quase assustado, Francisco.

— Infelizmente, sim, Francisco. As grandes empresas de celulose e papel começaram esse tipo de “reflorestamento” no Uruguai, tanto que a inauguração de uma dessas indústrias causou tensões entre a Argentina e o Uruguai durante muito tempo, motivadas pela mobilização de argentinos que viam em seu funcionamento a poluição das águas de uso e direito comum. No Rio Grande do Sul, cresce a consciência e a luta contra a transformação do Pampa em monoculturas de eucaliptos e pinus. Sabe-se que isso mexe em tudo que caracteriza o Pampa: desde a circulação dos ventos e, portanto, da umidade e das chuvas, passando pelo solo, subsolo, lagoas, córregos e rios, até a vegetação e a fauna pampeiras. A entrada da monocultura da soja já significou uma mudança no meio ambiente do bioma; mas as plantações do que se denomina “deserto verde” pode significar o fim do Pampa.

— Por que “deserto verde”? — perguntou Ana.

— Porque tanto o eucalipto como o pinus, na forma que são cultivados, não deixam nascer nada em sua sombra, secam o solo porque consomem mais água da que é oferecida pelas chuvas; em resumo: se um dia for tomada a decisão de voltar a outro tipo de cultivo da terra, há estudos que indicam serem necessários até 15 anos para recuperar a vitalidade do solo — se é que se conseguirá alcançar esse objetivo. Na paisagem, parece uma imensa floresta; na realidade, é exploração predatória do solo a serviço de interesses da indústria. É por isso que, como já foi referido, isso é totalmente diferente do que criação ou reconstituição de florestas típicas de cada bioma; a esse cuidado se está denominando “reflorestação”.

— E o povo, ou povos do Pampa de hoje, como vivem?

— Pois é, Paulo, a condição de vida da população é parecida com as outras regiões em que domina a grande propriedade da terra: enquanto

poucos enriquecem, a maioria vê aumentar a miséria. É por isso que nessa região cresce a luta dos Sem-Terra pela reforma agrária. Perceberam que, na parte do Rio Grande do Sul em que há pequenas propriedades, as pessoas vivem melhor, pois há mais oportunidades de trabalho e a renda está mais repartida. De toda maneira, seria muito importante estudar como as pequenas unidades de produção deveriam cultivar a terra no Pampa, pois, como já repetimos algumas vezes, tudo deve ser feito a partir do princípio da convivência com as potencialidades e limites de cada bioma.

O grupo já estava um tanto cansado, e Pedro percebeu que era preciso ir fechando o assunto. Perguntou, então:

— Já podemos dizer que conhecemos o bioma Pampa?

— Bem, pelo menos um pouco — começou Laura. Para mim, tudo foi novidade. Aliás, quase tudo que fomos descobrindo com você, tio, foi novidade; isso mostra como nossa educação escolar está mal orientada.

— Gostei demais — falou Lucas — porque consegui entender um pouco melhor a gente que vem do Sul. Em geral, da mesma forma que eles, nós também os achamos diferentes; não só no cantado da fala, mas no jeito de pensar e de agir. Conheço, por exemplo, um grupo que todo domingo pela manhã estaciona um carro ao lado de um parque da cidade e, com as portas abertas, coloca som bem alto com músicas típicas do Rio Grande do Sul, enquanto as pessoas ficam sentadas tomando chimarrão naquelas cuias estranhas. Agora, talvez, eu possa tentar um diálogo com essa turma que, provavelmente, morre de saudades de sua região e, sem querer ou querendo, sente necessidade de manter e mostrar marcas de sua cultura diferente.

— Não só gostei, como estou curiosa pra enfrentar o bioma que falta: a Zona Costeira — falou Andreia. Acho que é o mais visitado, por causa das praias, e o mais desconhecido. Quando a gente fará isso?

— Poderíamos combinar um intervalo igual ao que seguimos até agora — sugeriu Ana, com apoio de Pedro. E nesse tempo, como de costume, pensar em perguntas, se a gente tiver dúvidas sobre o Pampa, e buscar informações sobre o bioma Costeiro. De acordo?

— Certo, Ana — disseram em coro. E praticamente em coro brotaram desejos de “boa noite!” para Ana e tio Pedro, enquanto, apressados, todos partiam para suas casas.



VIII

Riqueza e fragilidade da Zona Costeira

*Palmeiras à beira mar
Fazendo sombras na areia
Sob a luz do luar
(Cancioneiro popular)*



Pedro sabia que a curiosidade do grupo sobre a Zona Costeira seria grande. Todos conheciam alguma praia e deviam ter muitas perguntas sobre o que está acontecendo no mar que pertence ao Brasil. Ainda mais com a publicidade dada à descoberta de petróleo no pré-sal. De toda forma, Pedro decidiu sugerir, por meio de Ana, que todos trouxessem fotos, imagens e reportagens sobre a realidade do bioma Zona Costeira.

O encontro teve mais um início animado: ao colocar em comum o material levantado, lembranças de férias, dúvidas, perguntas, expressões de encanto frente belas paisagens. Pareceria ser difícil conseguir concentração, mas, ao contrário, um pequeno gesto de Pedro foi suficiente para que todo o grupo se colocasse em atitude de escuta e participação organizada.

— Gostaria de sugerir que os comentários de cada um possam ser acompanhados por todos. Afinal, cada um teve muitos sentimentos e pensamentos diante das imagens e reportagens que foram descobrindo.

— Senti-me meio perdido — começou Paulo — diante das imagens usadas pelas empresas de turismo que busquei na internet. Mostrando o que havia trazido, foi refletindo: é fácil sentir-se envolvido pela beleza das praias, do mar, das falésias, dos lagos, das dunas, do verde dos mangues, de modo especial, nas áreas próximas da foz dos rios. Mas, ao mesmo tempo, a gente precisa saber que essas fotos só mostram o que interessa; a realidade pode ser bem diferente. Por exemplo, seria importante perguntar-se sobre o efeito no bioma das altas construções próximas às praias; e saber até que ponto o esgoto de todos esses prédios não é jogado sem tratamento nos rios ou no mar.

— Eu procurei na internet material sobre os mangues — anunciou Andreia, mostrando o que encontrou. Também fiquei preocupada: por um lado, onde é que existem maravilhas como o Delta do Parnaíba, entre o Piauí e o Maranhão? É lindo e necessário o mundo vivo dos manguezais. Sem eles, como se renovaria a vida de tantos seres aquáticos? Mas, na hora em que a gente vê e ouve notícias sobre o avanço de vilas e cidades nas beiras das praias, e mais ainda sobre construção de grandes e luxuosos hotéis e resorts que chegam a privatizar praias, surge a dúvida: estará sendo preservada a riqueza do bioma Zona Costeira? Tudo isso está sendo feito

com a preocupação de convivência com a natureza? Pelo que tenho lido, o descuido é completo; o que vale é o espírito empresarial: gerar lucros.

— E eu, tio Pedro, busquei informações sobre o pré-sal — foi falando Ana. Quis saber o que é e o que se diz sobre a exploração do petróleo descoberto no fundo do mar brasileiro. Por um lado, é maravilhoso descobrir essa fonte de riqueza lá nas profundezas do mar: o petróleo está em depósitos localizados numa profundidade de 5 e 7 mil metros abaixo do nível do mar, e para ser extraído é preciso perfurar uma camada de sal que pode ter até dois mil metros. A Petrobras domina a tecnologia para chegar lá. O governo, empresas, mídia e muitas pessoas acham que está aí a chance de o Brasil entrar no time dos países desenvolvidos. Mas encontrei, também, textos que levantam dúvidas sobre essa maravilha. Destaco duas: 1) Extrair mais petróleo, hoje em dia, será atividade correta e justificável? Não irá aumentar o aquecimento do Planeta? 2) Como se sabe que essa extração virá com maior quantidade de gases de efeito estufa, como se evitará um aumento absurdo de aquecimento?

— Com ajuda da internet, também procurei o que havia sobre manguezais — foi relatando Francisco. Por isso, só completo a fala da Andreia. Descobri que nesse bioma os ecossistemas são variados, mesmo mantendo características comuns. Dois deles são os mais ameaçados pela presença e ação dos humanos: os “estuários” e os “manguezais”. É nos estuários, em que se encontram as águas que vêm do continente com a do mar, que estão construídas muitas das maiores cidades, no Brasil e no mundo. Basta imaginar o que se faz de poluição das águas nesses ecossistemas. Os manguezais, que são ambientes ricos em nutrientes e, por isso, utilizados por inúmeras espécies para alimentação e procriação, são destruídos, em parte ou no seu todo, por ocupações consideradas mais rentáveis economicamente.

Pedro era todo atenção, com o rosto marcado por sorrisos de admiração. Como esses jovens são capazes de juntar informações sobre um tema, por mais desconhecido que seja! O processo de educação precisa levar a sério essa possibilidade de os conhecimentos serem produzidos em parceria. Sua atenção foi atingida por mais um relatório de pesquisa, feito por Laura.

— Busquei, como podem ver nas fotos e reportagens, informações sobre a vida no mar. Como no território continental, o ambiente não anda

muito favorável à vida também no mar. E sempre por causa dos descuidos humanos. Há lixo e resíduos de esgoto; há sinais dos efeitos do aquecimento da temperatura das águas; e já se percebem efeitos da elevação do nível das águas do mar. O país conta com praias muito bonitas em seus mais de sete mil quilômetros de litoral; muitas delas podem ser aproveitadas o ano todo, mas é raro que hotéis, prédios e casas tenham o esgoto tratado antes de ser jogado no mar. E cidades inteiras costumam resolver seus problemas com o esgoto passando-os ao mar. Trata-se de falta de respeito e carinho, mas também de falta de visão social e econômica: com o mar contaminado, perde-se espaço maravilhoso para a população descansar e recuperar energias, para criar espaços saudáveis de turismo, além de prejudicar a pesca. Sobre o aquecimento, consegui captar a notícia de que, em Santa Catarina, os criadores de ostras estão perdendo parte importante de sua produção por causa do aquecimento da água. E foi de Santa Catarina também a notícia de que uma pesquisa de longo prazo está constatando que o mar avança todo o tempo sobre o território, e isso é sinal de que o mar está elevando o nível de suas águas.

— Ótima pesquisa, Laura, exclamou Pedro. Aliás, estou realmente feliz com o material levantado por todos que falaram até agora. Tenho certeza de que, mais uma vez, vocês combinaram os temas, não foi?

Todos fizeram sinais de confirmação, sem receio, uma vez que o estudo era iniciativa livre das disciplinas do colégio, e de alegria pelo elogio recebido. Pedro continuou:

— Isso prova que se pode avançar na produção de conhecimentos coletivamente; basta o grupo querer e organizar-se.

— E contar com um professor que motive e acredite na gente, como você, tio Pedro — disse Ana, com apoios explícitos dos demais.

— Pois é, toda a educação não deveria ser assim? — perguntou Pedro, para rematar, em seguida: ainda mais hoje, quando avança, cada dia mais, a possibilidade de pesquisa de alunos e professores pela internet; aumenta até o número e a qualidade de bibliotecas que colocam à disposição seus acervos. Bem, a reflexão está boa, mas acho que alguém mais tem relato para apresentar.

— Pois é, tio Pedro — começou a falar Lucas — você deve ter notado que estou mais quieto hoje, dando impressão de menor interesse. Na verdade, estou acompanhando, e com o maior interesse, o material dos colegas e suas reflexões. De modo especial porque não tive condições de fazer pesquisa sobre o assunto, apesar da grande curiosidade que tenho e da vontade de participar. O pessoal sabe os motivos, sendo o mais forte o problema de saúde de mamãe. Graças a Deus ela está melhorando, mas passamos por um sufoco muito grande, envolvendo tempo e sentimentos de toda a família.

— Meus votos de pronta recuperação para sua mãe, falou Pedro. Na verdade, Lucas, tenho impressão que seus colegas se esforçaram até por você, tal a riqueza do que encontraram. Sugiro, então, Lucas, que você nos diga o que está achando do material exposto e dos relatos da turma.

— Aceito a provocação. Parabéns, pessoal, e muito obrigado pelo tanto que já aprendi. Obrigado pelo apoio que deram à minha família, e pela energia que passaram à minha mãe. O material exposto é, em primeiro lugar, uma prova de que nosso país é realmente maravilhoso e, de certa maneira, privilegiado: são poucos os povos que contam com um litoral tão grande, diversificado e lindo, e com um oceano tão rico. Por outro lado, volta a dúvida: quando será que aprenderemos a cuidar dessas maravilhas e a criar iniciativas econômicas sem agredir e destruir o que a Terra nos deu de presente? Senti tristeza e angústia, por não conseguir imaginar o que se deveria fazer para mudar a situação e por duvidar que se consiga ter vontade política para promover as mudanças que devem ser feitas.

Pedro notou que a reflexão crítica de Lucas era compartilhada por todo o grupo. Deu um tempo, o necessário para que cada pessoa entrasse em seu interior e voltasse com ideias e sentimentos reorganizados. E aí, retomou, lentamente, o trabalho coletivo:

— Pelo visto, ouvido e refletido, já temos uma ideia comum do bioma Zona Costeira. É muito diversificado e complexo, porque nos desafia a conhecer o berço de vida construído na relação entre o mar, com sua imensa biodiversidade, e o continente, com sua biodiversidade. É um bioma formado por muitos ecossistemas, isto é, por nichos diferenciados de articulação entre os fatores que possibilitam e mantêm formas de vida que, contudo,

constituem um berço de vida, um bioma, com muitas características comuns. Alguns estudiosos denominam o bioma como *Ecosistemas Costeiros*, tal a diversidade. Mas, como isso poderia passar a falsa ideia de que não haveria características comuns, assumimos a proposta de reconhecê-lo como *Zona Costeira*.

Na verdade, isso nos ajuda a enriquecer nossa reflexão sobre todos os biomias: cada bioma é formado por diferentes e complementares ecossistemas; são ambientes de vida diferentes que fazem parte de um conjunto maior que tem como característica dominante, por exemplo, a vegetação dos mangues e a biodiversidade marítima. Os mangues são grandes nichos diferenciados de vida de peixes e outros seres vivos aquáticos, formados pelo casamento entre água do mar e, às vezes, de rios e lagos, terra e vegetação. São ecossistemas frágeis, delicados, mas que servem, entre tantas outras coisas, como as areias das praias e das dunas, bem como as falésias e o emaranhado de raízes, galhos e folhagem da vegetação, para amortecer eventuais movimentos mais bruscos das ondas do mar. A substituição deles por construções de hotéis para turistas, vilas, cidades, empresas, deixa a população exposta a movimentos do mar provocados por tsunamis, furacões. Foi o que aconteceu, por exemplo, no tsunami do Natal de 2004, que atingiu diversos países da Ásia, especialmente a Indonésia: as ondas do mar não encontraram resistências naturais, invadiram e destruíram o que encontraram pela frente, causando muitas mortes.

— Aqui no Brasil também estão sendo construídos grandes hotéis na beira do mar. Estão acabando com os mangues? — perguntou Andreia.

— Ainda não conseguiram acabar com todos eles, mas se faltar quem resista aos desejos e planos das empresas de turismo, muitas delas transnacionais, é provável que em pouco tempo tenhamos menos mangues. Quem tem segurado o avanço desse tipo de progresso foram as comunidades de pescadores, as comunidades caiçaras, apoiadas por grupos e entidades ecologistas e religiosas. É incrível como as empresas não conseguem ver um palmo à frente de seu nariz, não conseguem perguntar-se sobre o que vai acontecer quando acabarem os mangues.

— Isso não pode ser proibido? —, quis saber Laura.

— Pode, mas onde estão governantes que tenham mais amor à vida

e à mãe da vida, a Terra, do que às empresas? Não controlam ou proíbem nem empresas que criam camarões em áreas próximas ao mar, e modificam, contaminam e estragam o ambiente. Na verdade, Laura, muitos brasileiros e brasileiras têm responsabilidade pelos estragos feitos nas praias, nos mangues, nas falésias. Por quê? Primeiro, pelo seu desejo de fazer casas de veraneio o mais próximo possível do mar, e pelo valor que se dá aos hotéis que estão quase dentro das praias. Além disso, por jogar ou deixarem jogar esgoto diretamente no mar, passando pelas praias, sem qualquer tratamento ou cuidado. Em segundo lugar, cabe aos cidadãos e cidadãs a responsabilidade pela eleição de autoridades comprometidas com esse progresso agressivo. Tudo somado, sabe?, antes se foi a floresta da Mata Atlântica, e agora está em perigo a riqueza da biodiversidade das áreas próximas ao mar e rios, bem como a biodiversidade marinha.

— Permita-me fazer uma pergunta mais — atalhou Lucas: ainda existem os povos caiçaras, que você lembrou há pouco? Na verdade, quais são os povos da Zona Costeira?

— Existem, sim, Lucas. Creio que o melhor é falar do “povo caiçara”, formado por comunidades existentes no litoral de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná, desde o século XVI. De origem Tupi, essa palavra denominava as famílias que viviam da pesca e tinham moradias protegidas por *caiçaras* — “cerca de varas”. Constituíram-se a partir da convivência de índios que sobreviveram ao massacre fugindo para longe das vilas e cidades, de brancos portugueses que, por muitos motivos, se juntaram a eles, e de negros que fugiram da escravidão. Pode-se dizer que são constituídas por pessoas que resistiram à profunda e violenta discriminação e exploração praticada pelos colonizadores. Vivem perto do mar, em lugares isolados, tanto que muitas delas só tiveram maior contato com a sociedade dominante nas últimas décadas; antes disso, mantinham contatos esporádicos, evitando a entrada de estranhos.

Tornaram-se mais conhecidas quando resistiram ao avanço de projetos de turismo. Aos poucos, tomaram consciência de seus direitos e exigiram que fossem respeitados. O mais complicado desses direitos sempre foi o do “território da comunidade”, que incluía a área das moradias, as roças e o contato com o mar através das praias. Por suas características de boa convivência com o bioma, sua cultura passou a ser estudada, e isso possibi-

litou que contassem com apoios mais fortes na luta de defesa de seu modo de vida e do seu território.

As comunidades Caiçaras são efetivamente autônomas: o alimento provém da pesca marítima e/ou fluvial, dos moluscos, mariscos, bem como da agricultura de subsistência. Os frutos da pesca e as colheitas agrícolas são comunitárias, assim como os processos de trabalho. A religião mais tradicional é a cristã católica, com marcas de sincretismo; mais recentemente, avança a presença de Igrejas pentecostais.

Pelo lado indígena e negro, as marcas da cultura caiçara têm longa história, no Brasil e na África. Pelo lado português, traz o legado dos pobres europeus, que foram utilizados e explorados pelo projeto colonizador.

Diferentes, mas com marcas comuns, são as comunidades de *pescadores tradicionais*. Existem em todo o litoral, de modo especial no Nordeste. Quando seus territórios são atingidos e transformados em vila ou cidade, sobrevivem como profissionais, com suas associações, mas não perdem as dimensões de sua cultura. Relacionam-se com as águas como parte de seu ambiente de vida, e quando possível mantém em equilíbrio a relação da moradia com a praia e a roça. A principal dificuldade dessas comunidades tradicionais tem sido o enfrentamento com os títulos de propriedade, comprados ou concedidos a grandes grupos econômicos; para os pescadores, a terra é deles por direito humano, nascido do fato de viverem aí há muitas gerações; nunca sentiram necessidade de ter título de propriedade; afinal, mais uma vez volta a dúvida dos povos ancestrais: quem inventou o título da terra? Deus teria vendido terra, praia, mar e rio a alguns seres humanos, que passaram a ter “direito” de fazer o que quisessem nessas propriedades?!

— De fato, tio, esse questionamento do “direito de propriedade” voltou muitas vezes nos nossos bate-papos — refletiu Francisco. Acho até que seria bom pensarmos num encontro só sobre isso, pra gente entender melhor. Afinal, em nosso meio tudo é decidido a partir do título de propriedade.

— O assunto é quente, de fato, Francisco — concordou Laura. Mas hoje eu gostaria de completar nosso conhecimento da Zona Costeira, perguntando: que tipo de grupos econômicos estão interessados e tomam ou compram terra/vegetação/praias, ferindo, muitas vezes, direitos das comu-

nidades tradicionais?

— Um deles foi muito lembrado nos relatos e material exposto: são os grupos econômicos ligados à chamada “indústria do turismo”. Os mais agressivos são os que, com apoio dos governos estaduais, querem construir grandes hotéis de luxo para atrair turistas estrangeiros. Querem espaços imensos, sem ninguém por perto, criando ambientes exclusivos, seguros, sem a presença incômoda de pobres. Contam com facilidades financeiras e são defendidos como empresas que trazem progresso, mesmo se a renda quase não favorece a população da região. Pior ainda: muitas vezes, sua implantação significa a expulsão de comunidades inteiras para as periferias urbanas, a maior parte das vezes sem reconhecimento de seus direitos, sem indenização justa; essas pessoas, que sabiam perfeitamente viver com simplicidade e dignidade na prática da pesca e da pequena agricultura, agora não têm preparo nem oportunidades para trabalhos que gerem renda razoável no mundo urbano.

Outro grupo econômico é o que está ligado à criação de camarões em viveiro – a carcinicultura. Cresceu muito nos últimos anos, mas é considerada, aqui e em todo o mundo, a maior ameaça aos manguezais; perto de 50% da destruição de manguezais tem sido provocada por essas fazendas de camarão. Os estados em que mais há esse tipo de fazenda são o Ceará e a Bahia, sendo que praticamente 100% dos viveiros da Bahia são irregulares. Vejamos o que se diz delas no “Almanaque Brasil Socioambiental”:

*Os viveiros encontram no manguezal as condições ideais para reprodução e crescimento, mas, em contrapartida, causam desmatamento e despejam produtos poluidores na água, que provocam grandes mortandades de peixes e caranguejos, fonte de sobrevivência de muitas populações tradicionais litorâneas. Essa atividade, se praticada de maneira intensiva e descontrolada, como vem ocorrendo com a maioria dos viveiros (que funcionam sem licença ambiental), se torna inviável no curto, médio e longo prazos, pois gera autopoluição e disseminação de doenças e epidemias capazes de dizimar os próprios viveiros.*¹⁹

Como se vê, não se pode nem se deve buscar o crescimento econômico a qualquer custo ambiental. As vítimas são muitas; até mesmo os que acumulam dinheiro com essas iniciativas serão prejudicados, pois será

19 Instituto Socioambiental – ISA. *Almanaque Brasil Socioambiental*. São Paulo, 2008.

difícil libertá-los da escravidão do lucro do capital e da ilusão da riqueza acumulada.

Avaliação da caminhada

— Pois é, tio Pedro, foi bom o papo de hoje — foi dizendo Paulo — mas estou sentindo necessidade de retomar, em outro dia, um diálogo sobre o conjunto desse Brasil formado por biomas diferentes.

— Eu também sinto essa vontade, tio — reforçou Ana. Nós começamos vendo como “1 é igual a 7”, mas acho que agora, depois que descobrimos os sete biomas, a gente poderia ver melhor como isso pode ser um Brasil só. Certamente, um Brasil diferente.

— Bem, eu quero agradecer ao tio Pedro pela oportunidade de levar-nos a todas as diferentes regiões do país, aos diferentes biomas — destacou Francisco. Eu, por exemplo, não fazia ideia que existia o Pampa, e que ele é um bioma tão diferente do nosso, o Cerrado. Aliás, para falar a verdade, até mesmo o Cerrado eu fui descobrindo nesses encontros. Foi muito bom. E podem continuar.

— De minha parte — continuou Andreia — tanto agradeço pelo que fui aprendendo, como desejo continuar aprofundando a compreensão do nosso país. Para falar a verdade, tenho pensado muito sobre a possibilidade de fazer o Título Eleitoral quando completar dezesseis anos, coisa que até pouco tempo atrás achava inútil. Agora começo a ter vontade de participar dos destinos da região, do Cerrado e do Brasil como um todo. Acho que nesses encontros fomos sendo despertados a ser cidadãos e cidadãs, vocês não concordam?

Vendo os sinais de assentimento de todos os amigos e amigas, Pedro propôs:

— No próximo encontro, que vocês vão marcar, vamos retomar a ideia ou o desafio da construção de uma unidade de diferentes biomas.

Aproveitaremos para pensar sobre isso na linha da participação política cidadã, como sugerido pela Andreia. Até o próximo encontro!

Pedro ficou, mais uma vez, encantado com a alegria com que o grupo partia para suas casas. Isso o levou a um sentimento de alegria e tristeza misturadas, insistente em sua vida. Alegria por perceber como a juventude continua aberta ao novo, fervilhando desejos de mudança. Tristeza por dar-se conta que a educação está cada dia mais submetendo a juventude ao espírito da modernidade reduzida ao mercado capitalista, que tudo transforma, ou tenta transformar, em mercadoria, inclusive o conhecimento. Perde-se, com isso, a chance de uma educação que desperte nos educandos o prazer de gerar novos conhecimentos, e, ao mesmo tempo, a alegria de cada pessoa construir-se como personalidade única, que participa da criação de novas relações na sociedade e com a Terra.

Uma vez mais, recolheu-se num misto de emoção e agradecimento pela oportunidade que Ana lhe abriu de conhecer e dialogar com pessoas tão espetaculares...

O mar

O mar quando quebra na praia

É bonito, é bonito

O mar... quando pescador sai

Nunca se sabe se volta, nem sabe se fica

O mar quando quebra na praia

É bonito, é bonito

Quanta gente perdeu seus maridos, seus filhos

Nas ondas do mar

O mar

Pedro vivia da pesca

Saía no barco seis horas da tarde

só vinha na hora do sol raiar

todos gostavam de Pedro

e mais do que todos, Rosinha de Chica

a mais bonitinha e mais benfeitinha

de todas as mocinhas lá do arraiá

Pedro saiu no seu barco seis horas da tarde

Passou toda a noite e não veio na hora do sol raiar

Deram com o corpo de Pedro jogado na praia

Roído de peixe, sem barco, sem nada

Num canto bem longe lá do arraiá

Pobre Rosinha de Chica

Que era bonita e agora parece que endoideceu

Vive na beira da praia olhando pras ondas

Andando, rondando, dizendo baixinho:

“Morreu, morreu, morreu, oh”

O mar

Quando quebra na praia

É bonito, é bonito.

(Dorival Caymmi)



IX

O Brasil que este grupo quer

*Desenvolvimento, sim.
De qualquer jeito, não!²⁰*



Como realizar esse último encontro sobre o Brasil? Esse desafio acompanhou Pedro desde o final do diálogo sobre o Pampa. Por um lado, tudo pareceria facilitado, já que todo o grupo contava com informações sobre os biomas; seria possível, por isso, centrar na dinâmica do diálogo. Mas não podia ser desprezado o desafio que significava repensar o país a partir de realidades tão diferentes. Como pensar uma unidade de povos e pessoas de biomas tão diferentes?

Pedro lembrou muitas vezes da experiência ainda em construção na vizinha Bolívia e no Equador: o de reconhecer-se e ser constitucionalmente um Estado Plurinacional; isto é: ser uma unidade de diferentes nações, de diferentes povos que existem e são nações há muito tempo. O desafio que Pedro deveria enfrentar com seu grupo estava centrado na unidade de diferentes biomas, incluídos os seus diferentes povos. A perspectiva boliviana, contudo, acrescentava o desafio de reconhecer os direitos dos povos indígenas, bem como dos quilombolas e de outras comunidades tradicionais, mesmo se convivendo com outros cidadãos e cidadãs da sociedade existente em cada bioma. De certa maneira, Pedro percebeu que se poderia perguntar aos bolivianos se estão levando em conta, junto com a dimensão dos direitos das diferentes nações, os direitos da Terra, que se expressa de maneira diferente em cada bioma. Sua resposta, com certeza, seria positiva, já que as culturas e religiões indígenas veneram a Terra como Mãe, a Pachamama. E podiam perfeitamente dar o passo dos povos do Equador, que colocaram em sua Constituição um capítulo especial sobre os Direitos da Natureza.

Para complicar ainda mais o novo passo, Pedro lembrou que tudo, a partir de agora, precisa ter presente as mudanças climáticas em curso e as que se prevê para os próximos anos. Elas atingem cada bioma de forma diferente, e os cenários futuros também indicam que cada bioma sofrerá mudanças diferentes. Por isso, a unidade brasileira precisa levar em conta também a realidade e os efeitos do aquecimento da Terra.

A opção metodológica de Pedro foi a mais simples: abrir um verdadeiro diálogo com o grupo, tendo como meta o aprofundamento da consciência dos participantes e o estímulo para que continuem sua busca. Na medida do possível, isto é, a partir do que fosse sugerido por eles, ir avançando na direção de opções de ação política.

Seguindo um ritual admirável, todo o grupo estava reunido na hora combinada. E todos com grande animação, alimentados pelo lanche preparado cada vez com mais esmero pela mãe de Ana.

— Por onde começamos, hoje? — perguntou Pedro.

— Não imagino que já não tenha feito sua escolha, tio Pedro — brincou Ana. Você sempre sabe por onde começar.

— Mas hoje é diferente, Ana. De fato, estive imaginando muitos jeitos de iniciar o diálogo, mas não fechei com nenhum deles. Pensei que a melhor forma seria consultar o grupo, confiado que encontraríamos o rumo juntos.

— Eu, por exemplo — arriscou Lucas — estou com vontade de fazer duas perguntas: como é que se conseguirá convencer as pessoas de que o melhor caminho é conviver com o seu bioma? E como se conseguirá que o Congresso Nacional e o Governo Federal entendam que se deve pensar nessa unidade de diferentes biomas? As perguntas têm como base a prática dos políticos e governantes. Eles vão fazendo leis e tocando iniciativas sem levar em conta as diferenças entre os biomas, e eu não vejo como se pode mudar essa realidade.

— Quem mais tem perguntas? — provocou Pedro.

— Bem, eu estive pensando — contou Andreia — que talvez as transformações virão por causa das mudanças climáticas, de que falamos algumas vezes. Tive oportunidade de participar de um grupo que encarou de frente esse problema. Pelo que tenho escutado, e pelo que se vê acontecer, se não quiser sofrer demais ou, talvez, desaparecer, a humanidade vai ter que mudar profundamente seu modo de se relacionar com a Terra. E a mudança deverá tomar o rumo do reconhecimento dos biomas, da sua recuperação, no que for possível. Por causa disso, Lucas, eu tive a mesma dúvida que você, mas acho que os políticos e governos serão forçados a mudar por causa das pressões do povo e as pressões da Terra. Estou certa, tio Pedro?

— O que acham? —, provocou, mais uma vez, Pedro?

— Concordo — afirmou Francisco — mas não vejo como essas pessoas mudarão. Quem ainda tem mais poder sobre o Congresso e o Governo – e mais ainda sobre os governos estaduais e municipais – são os grupos eco-

nômicos que têm grandes interesses no tipo de progresso que colocou em risco todos os nossos biomas. Será que virarão bonzinhos de repente? Por enquanto, tudo que vejo é o uso das palavras “sustentabilidade”, “sustentável”, “verde” etc., para fazer propaganda das mesmas coisas de sempre. Enfim, ando meio descrente, mesmo sabendo que, sem mudanças, a gente vai pro brejo.

— Concordo com você, Francisco — falou Ana. De fato, a mudança não é nem será fácil. Nem a gente muda com facilidade. Basta ver como estamos envolvidos no jogo do consumismo; imaginem, então, os que estão ganhando muito com sua promoção. Se o problema pudesse ser resolvido só com a acusação aos que, no passado, nos jogaram no tipo de progresso que temos hoje, acho até que não seria tão difícil a mudança. O problema é mais complicado porque também nós, a maioria da humanidade, talvez, foi envolvida nele, e gostou; e continua gostando. Por isso, fico pensando, e até desejando, que sejamos sacudidos por um choque, um susto. E que seja um susto que amedronte a todas as pessoas.

— Estou gostando do bate-papo — declarou Paulo. E hoje, por estranho que possa parecer, estou mais pra ficar escutando. Talvez porque faço ideia do que deveria ser feito, mas dá muita canseira entrar no jogo; quem entra sabe que pode ganhar ou perder, e ninguém consegue garantir que a luta para mudar tudo que precisa ser mudado será vitoriosa.

— Estou com sentimentos divididos — refletiu Pedro. Por um lado, estou felicíssimo de ouvir as perguntas, as reflexões, as pistas de ação sugeridas por vocês. O grupo está muito bom! Mas, na mesma hora, me vem a dúvida: será que nossos encontros têm a ver com as dúvidas e as angústias apresentadas por vocês?

— Tem a ver, sim, tio Pedro — falou Ana. Talvez você não imagine quantas e quantas vezes nosso grupo, ou parte dele, retomou o que dialogávamos com você, procurando compreender melhor nosso país. E isso que apresentamos hoje, foi assunto de muitos debates entre nós. Foram muitas as vezes que apareceu a pergunta: e então, o que deveremos fazer? É isso que hoje, provocados por você, estamos apresentando aqui. Se tivermos alguma luz maior, continuaremos na busca.

— Obrigado, Ana — falou Pedro. Não pense que esteja sofrendo com

o que percebi e com o que estou sentindo. Eu mesmo alimento dentro de mim dúvidas parecidas com as de vocês. Nem por isso deixo de continuar estudando e de buscar caminhos para enfrentar o que precisa ser mudado. Da mesma forma, vejo que vocês estão sofrendo, mas isso não me leva a pensar que nossos encontros não foram válidos. É muito melhor ter dúvidas, principalmente quando nascidas de um esforço de compreensão da realidade, do que viver na aparente segurança de quem se julga dono do destino, mas está enredado na conversa de outros, está alienado. Assim sendo, vou colocar minha colher de pau em nossa conversa.

Quando Paulo disse que, talvez, saiba o que deve ser feito, me provocou a falar de um assunto que me parece muito importante para quem deseja alcançar as mudanças profundas que devem ser feitas com urgência. A urgência vem do grito da Terra, que se sente desequilibrar pela exploração que a atinge, e do grito de muitos filhos e filhas da Terra, que não contam nem com o mínimo necessário para sobreviver. As mudanças, então, são, ao mesmo tempo, relacionadas com a economia e com a política. Em nosso país, e em todo o Planeta, não se pode continuar com uma atividade econômica que considera a Terra um monte de coisas, de objetos ou recursos que podem ser apropriados e transformados em mercadorias. A economia deverá ser a organização das atividades que, em diálogo e relação cuidadosa e complementar com a Mãe Terra, produzirá os bens e serviços necessários para que todos os filhos e filhas da Terra tenham garantido um *bem viver*. Se forem utilizadas máquinas, por exemplo, a energia necessária para seu funcionamento não poderá provir de fontes fósseis, carregadas de dióxido de carbono, ou de imensas áreas inundadas para acionar turbinas; deverá vir de fontes não poluentes, como o vento, o sol, o movimento das águas, o tratamento do lixo.

Como é que se alcançará isso? Esse é o grande desafio. Sim, porque, de início, parece algo impossível. Depois, parece algo que pode acontecer porque a própria Terra vai exigir, com os fenômenos que ocorrerão por causa das mudanças climáticas. Mas, então, se pode ser alcançado pelo grito da Terra, não será possível antecipar esse momento por meio do grito dos filhos e filhas da Terra?

É isso mesmo: a mudança pode e irá acontecer quando o grito das pessoas, feitas cidadãos e cidadãs de cada lugar, de cada país e do mundo,

exigir. É um grito que começa, e deve continuar, em cada casa, fazendo aí o que pode ser feito, sem esperar ordens de fora. É um grito de quem deixa de comprar produtos dos que poluem e exploram a Terra. Mas é principalmente a ação consciente e decidida de quem não dá seu voto, isto é, não delega seu poder a pessoas que usam recursos públicos e o poder político para promover um progresso material que concentra a riqueza em poucas mãos e gera miséria, um progresso que lança gases que provocam aquecimento do Planeta. Por isso, é um grito positivo em favor de outro tipo de progresso, que tem como objetivo o *bem viver* de todas as pessoas e de todos os seres vivos; de toda a Terra, portanto.

Agora, pergunto a vocês: por que a verdadeira democracia, no caso brasileiro, deverá ter sua base em cada um dos seus biomas?

Seguiu-se um tempo de silêncio. Previsível. Afinal, essa pergunta recolhe o que foi estudado nos encontros anteriores, e avança na perspectiva da ação política. Mas não demoraram as respostas.

— Bem, eu penso que isso é até necessário, se o que se busca é que as decisões sobre a política brasileira sejam definidas com a contribuição dos povos de cada bioma. Como aprendemos, desde o começo de nossos encontros, os planos de desenvolvimento humanos da Amazônia, por exemplo, devem nascer de lá, do diálogo participativo dos povos da região. E não de fora, dando continuidade à prática colonial.

A reflexão levou todo o grupo a olhar, admirada, para Paulo. De fato, ele apresentara uma síntese e tanto da caminhada do grupo. Pedro estava visivelmente feliz.

— Nossa, Paulo — reagiu Andreia —, você quase nos deixou sem palavra. Disse quase tudo que a gente desejava. Mas eu quero deixar claro que concordo com Paulo, e o faço porque esse foi talvez o ponto mais importante de todo nosso estudo informal com tio Pedro. Não adiantaria reconhecer que existem biomas diferentes se a gente não mudasse o modo de pensar e de agir. Se quisermos responder aos desafios que a Terra está devolvendo aos humanos que a agrediram, o lugar para redefinir o que produzir, como produzir e como organizar a distribuição da produção é o bioma; em nosso caso, tem que ser nos sete biomas que constituem o Brasil, ou melhor, o que os povos indígenas chamavam de Pindorama. Sem isso, não haverá convi-

vência com os berços de vida que a Terra criou e nos deu de presente; e sem essa convivência, a gente vai continuar brigando com a Terra, forçando-a a se ajeitar aos nossos desejos, às nossas imposições agressivas.

— Coisa boa essa turma, hein, tio Pedro! —, comemorou Ana. Viu só o que a Andreia fez, ao completar a fala do Paulo? Estou sentindo que esses encontros terão continuidade, pra seguir avançando no conhecimento. Eu estou de acordo com os dois, e acrescento mais um pontinho: quando se conseguir fazer essa mudança política – a de pensar e planejar o Brasil a partir de cada um dos biomas —, o Brasil terá iniciado um processo de transformações profundas, praticamente uma revolução.

— Certo, Aninha, ponto pra você também! —, emendou Lucas. Mas tudo isso serve, ao mesmo tempo, como conclusão de nossos estudos, e como desafio para ir conquistando o que não existe. Quem e como conseguirá mobilizar as pessoas para participarem desse processo novo, descentralizado, de construção de um novo tipo de unidade do Estado brasileiro? Vejo a necessidade, e estou convencido que é preciso seguir por esse caminho. Mas vejo pouca coisa sendo feita para se chegar lá.

— Esse também é meu sentimento — completou Francisco. Tenho impressão que serão necessários outros encontros para descobrirmos como nós poderemos entrar nessa, somando-nos a quem já busca esse caminho. E mais: para aprendermos a despertar e mobilizar mais pessoas, começando em nossa escola, mas também com nossos familiares, com a vizinhança do bairro.

— Fiquei por última — falou Laura — também porque precisava ouvir o que estavam pensando os amigos e amigas. Estou feliz porque avançamos juntos, e isso é fruto dos diálogos com tio Pedro, mas também dos muitos debates e bate-papos entre nós. Nada está resolvido, porque tudo precisa ser construído, mas avançamos no conhecimento da direção em que se deve andar. Isso é bom, mesmo se nos deixa com sentimento de angústia. É melhor estar angustiado por algo de bom que se precisa alcançar, do que ficar numa felicidade sem base, superficial, fruto da fuga dos problemas. Eu sou profundamente grata a tio Pedro por ele ter dedicado esse tempo com a gente. Ele sabe que quem mais precisa dessas mudanças urgentes somos nós, que temos longa vida pela frente. Ele destinou muito tempo a nós, e

sempre com alegria e leveza, com abertura para o diálogo. Muito obrigado!

O grupo não se conteve: como é hábito, todos bateram palmas por um longo tempo. E Pedro, depois de recompor-se da emoção, falou:

— Duvido que vocês estejam mais felizes do que eu. A iniciativa da Ana, a participação de vocês em todos esses encontros, tudo isso deu um sentido novo à minha vida de “jovem há muito tempo”, como dizia um amigo ao responder à pergunta sobre sua idade. E vocês, agora, ao responder à pergunta, disseram tudo e um pouco mais do que eualaria sobre o tema. E isso mostra a qualidade de vocês. De fato, devo confessar que duvidei que vocês continuassem firmes, fazendo essa longa caminhada. Vocês foram me surpreendendo, mais e mais, a cada novo encontro. A síntese que vocês fizeram hoje vale muito mais do que qualquer “prova”, pois mostrou que aprenderam, ou que cresceram na capacidade de pensar com sua cabeça; que são capazes, por isso, de produzir conhecimentos. Creio que Paulo Freire está feliz, mais uma vez. Não segui, talvez, muito bem tudo que ele sugeria como “método”, mas sei que o caminho que fizemos tem tudo a ver com o que ele sonhava como educador da “prática da liberdade”. E a felicidade maior, dele e minha, está na descoberta de que o caminho do conhecimento, quando entendido e vivenciado como “prática da liberdade”, não tem fim. Em nosso caso, vocês perceberam bem, a continuidade tem a ver com o que se pode fazer para que nosso Brasil mude, seja diferente: uma sociedade realmente democrática, construída a partir da participação dos povos cidadãos de cada bioma em todas as dimensões da vida; uma sociedade que está de bem, colabora e conta com a vitalidade da Terra, e que, por isso, se reorganiza, plantando raízes em cada bioma.

O diálogo seguiu, e animado. Todos sentiram que esse não podia ser um fim. Deram forma à continuidade, definindo-se como grupo de jovens lutando pelo Brasil a partir do e no bioma Cerrado. Mas essa história poderá motivar outro ou outros relatos...

REFERÊNCIAS

- ASSEMBLEIA POPULAR. *O Brasil que queremos*. (1995)
- BARBOSA, Altair Sales. *Andarilhos da Claridade – Os primeiros habitantes do Cerrado*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás. Instituto do Trópico Subúmido, 2002.
- BERRY, Thomas. *O sonho da Terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- BRANCO, Samuel Murgel. *Caatinga - a paisagem e o homem sertanejo*. São Paulo: Editora Moderna, 2. ed. 1997.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Não verás país nenhum*. São Paulo: Global, 1985.
- Cáritas Brasileira, Comissão Pastoral da Terra e FIAN/Brasil; [fotografias Dieter Buehne]. *Água de Chuva: o segredo do Semiárido Brasileiro*. São Paulo: Edições Paulinas, 2001.
- CNBB. *Mudanças Climáticas – Profecia da Terra*. Brasília: Edições CNBB, 2009.
- CUNHA, Manuela Carneiro (Org.). *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/Fapesp/SMC, 1992.
- EMBRAPA. *Atlas do Meio Ambiente do Brasil*. Brasília: Editora Terra Viva, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977
- IBAMA. *Mapa dos biomas brasileiros*. (www.ibama.gov.br)
- IBGE. *Mapas dos biomas brasileiros*. (www.ibge.gov.br)
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Almanaque Brasil Socioambiental*, 2008.
- IPCC. *4º Relatório*. ONU, 2007 (www.ipcc.cg)
- LEAL, Carlos Galindo. *Mata Atlântica: biodiversidade, ameaças e perspectivas*. Belo Horizonte: Editado pelo autor e pela Fundação SOS Mata Atlântica e Conservação Internacional, 2005.
- LEAL, Inara R.; TABARELLI, Marcelo; SILVA, José Maria Cardoso da. *Ecologia e Conservação da Caatinga*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2003.

NEVES, Eduardo Góes. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

NÚCLEO AMIGOS DA TERRA – Brasil. *O Pampa em disputa – A biodiversidade ameaçada pela expansão da monocultura de árvores*. Julho de 2007.

SILVA JÚNIOR, César; SASSON, Zesar. *Biologia*. São Paulo: Editora Saraiva, 1. ed., 1995.

TONHANCA JR, Athayde. *Ecologia e História Natural da Mata Atlântica*. Rio de Janeiro: Ed. Interciência, ano...?

REFERÊNCIAS DE INTERNET

Biomass, Ecossistemas e Diversidade - Instituto de Biologia/USP.

Ecossistemas Brasileiros – Ibama

<http://www.mma.gov.br/port/sbf/dap/apbconc.html>

<http://www.sosmatatlantica.org.br/> - Site da ONG

<http://educar.sc.usp.br/licenciatura/trabalhos/mataatl.htm>

Pouca gente leva a sério a existência dos sete biomas do Brasil. Com a aplicação do mesmo sistema de produção em todo o território, a unidade nacional se assenta na negação das diferenças desses berços de vida.

Talvez com atraso, é urgente repensar a unidade nacional tendo como base as potencialidades e limites de cada bioma, sua biodiversidade e seus povos. Quem deseja caminhar nessa direção encontrará no livro **Brasil: da exploração à convivência** estímulos para a reflexão crítica e para a implementação de práticas que ajudem a enfrentar o aquecimento e as mudanças climáticas.

Apoio:



Fórum
Mudanças Climáticas
e Justiça Social



CNBB | Pastoral Social

